

FESTA EM VENEZA

BARBARA CARTLAND

Titulo Original: “Touch a Star”

Tradução: Lygia Junqueira

Copyright: Cartland Promotions 1982

Abril S.A. Cultural

Digitação: Adma Brum

Lina estava completamente fascinada. Não podia imaginar nada mais romântico do que o cenário que o duque de Saverne criara para o grandioso baile daquela noite. Ela sempre quisera conhecer Veneza, e agora esta cidade encantada estava ali, recriada nos salões e jardins do palácio, com suas gôndolas, seus canais, suas ruas estreitas e misteriosas. O cenário era perfeito para uma farsa e Lina, usando roupas que não eram suas, jóias que não possuía, sentia-se uma verdadeira atriz, participando de uma grande encenação.

E, aos poucos, o sonho se fundiu com a realidade, quando o belo duque, proprietário do castelo, a convidou para um romântico passeio de gôndola pelos canais que se perdiam nas alamedas escuras do jardim...

Livro Duplo com: SITA, A DEUSA DA ÍNDIA & FESTA EM VENEZA

NOTA DA AUTORA

Foram os arquidukes russos que, no fim do século passado, iniciando o modismo de dar festas terrivelmente dispendiosas, logo adotado pelos nobres de toda a Europa.

Esta louca extravagância começou com Nicolas I, que acreditava que o poder era caracterizado pelo esplendor. Este czar empregou milhares de operários para transformarem jardins em “palácios orientais”, ou salões de baile em “jardins”.

Aristocratas imensamente ricos mandavam seus administradores a Dresde ou a Sèvres, para comprarem aparelhos de jantar de quinhentas peças. Esses aparelhos eram transportados para a Rússia, com dificuldade, para serem usados como alvo, em exercícios de tiro, depois de festins magníficos.

Os duques ingleses comportavam-se de maneira espetacularmente extravagante, em Paris e em Baden Baden, cumulando de jóias suas *pointes de luxe*. E, se uma delas ia visitar a Rússia, veria seu trenó decorado com esmeraldas...

Os franceses já estavam habituados com extravagâncias, graças às cortesãs de Segundo Império. Cora Pearl, uma inglesa, possuía jóias no valor de um milhão de francos e dava ceias onde as uvas e os pêssegos descansavam sobre violetas de Parma no valor de mil e quinhentos francos. Em suas festas dançava-se num assoalho coberto por orquídeas exóticas. Um de seus amantes presenteou-a certa vez com um cavalo de prata recheado de jóias de ouro.



1899

Ao voltar para casa através da estreita trilha que atravessava o bosque, lady Lina Cressington-Combe tinha um ar despreocupado. Caminhava devagar, tomando cuidado para não sujar a barra do vestido nas poças de lama que a chuva da véspera provocara, e cantarolava baixinho uma cantiga de seu tempo de criança.

Nessa época do ano, o clima daquela região mostrava-se muito variável, com chuvas nas madrugadas e uma brisa suave amenizando os dias ensolarados. Ela aspirou o cheiro de terra úmida e sorriu ao observar as primeiras flores de abril. Alguns botões silvestres desabrochavam nas moitas, e os galantos começavam a surgir por entre as folhas das árvores.

Em contato com aquela paisagem familiar e amada, Lina sentia-se segura. Era como se nenhum problema pudesse atingi-la ali. Recusava-se mesmo a pensar na dúzia de coisas que tinha para fazer quando chegasse ao castelo.

Escapulira logo depois do desjejum, mas sabia que o mau humor do pai ainda não se dissipara. O velho, desde a morte da esposa há dois anos, buscava consolo no jogo de cartas e na bebida. Lina de certa forma habituara-se a essa situação, mas não podia evitar um choque quando o conde tomava um pileque monumental, como fora o do dia anterior.

Muitas vezes ela tentara convencê-lo de que o álcool estava estragando-lhe a saúde, já sensível devido à idade, e de que não gozavam de uma posição financeira que lhes permitisse perder quantias astronômicas no baralho. Mas os apelos dela revelaram-se inúteis e caíram no vazio.

_ Por favor, papai, tenha juízo! _ implorava ela, cada vez que o via preparar-se para sair.

Nos raros dias em que estava de bom humor, o conde prometia-lhe que não iria a Londres, onde invariavelmente perdia dinheiro no jogo, e que tampouco passaria o tempo na companhia de sir Hector Standish.

Lina nutria por esse amigo do pai um desprezo e um ódio profundos. A princípio, sua aversão devia-se apenas à influencia negativa que deliberadamente sir Hector exercia sobre o conde. Agora, entretanto, o barão passara também a persegui-la com toda sorte de propostas e insinuações.

Sir Hector ficara viúvo há quatro anos. Demonstrava estar conformado em permanecer nessa condição até o fim de seus dias, quando há cerca de seis meses parecera dar-se conta de que Lina transformara-se numa bela mulher.

Antes disso, ele a via apenas como a uma criança, descendente de um dos nomes mais respeitáveis da região, a quem necessitava agradar. Assim, não era raro que lhe dispensasse pequenas atenções, presenteando-a com pêssegos ou caixas de chocolate. Mas Lina sabia que essas gentilezas deviam-se somente ao interesse dele em freqüentar o castelo e manter um bom relacionamento com seu pai. Afinal, um conde, mesmo que empobrecido, emprestava um ar distinto aqueles que o cercavam.

Sir Hector herdara o baronato do pai, que o ganhara como comerciante. Em vista disso, não era aceito pelas famílias nobres do condado.

Após a morte do velho Standish, cujo funeral não fora objeto de maiores honrarias, sir Hector decidira fazer valer seu título a qualquer custo. Mas, apesar de haver estudado numa escola pública e dispor de uma considerável fortuna, não obtivera sucesso no projeto de ser recebido como igual por aqueles que antes o tratavam com “pouco caso”.

Ele nunca abriu mão desse sonho e recentemente percebera que Lina podia ser a chave que estivera procurando. Sim, é lógico! Jamais encontraria melhor degrau social do que a união com a filha de um conde legítimo que, embora arruinado, não perdera o respeito da nobreza local. Isso se apresentava como uma saída conveniente, ainda mais se aliada ao fato de ela ser uma moça dócil e bonita com quem não seria nenhum sacrifício conviver.

Só não considerara em seus planos que se depararia com uma resistência por parte da jovem. Por isso, tornara-se quase agressivo quando, ao ouvir sua proposta de casamento, Lina fitara-o atônita e balançara a cabeça como se não houvesse escutado direito, ou melhor, como se ele tivesse acabado de cometer um verdadeiro sacrilégio.

Apesar dos avisos da mãe de que com o tempo surgiriam pretendentes à sua mão, não ocorrera a Lina que sir Hector viesse a ser um deles. Aliás, essa idéia lhe causava repugnância. O barão, além de estar na faixa dos quarenta anos, quase da idade de seu pai, possuía um aspecto desagradável, um ar de quem não tinha a menor noção de escrúpulos e respeito.

Ainda agora Lina se lembrava das conversas que mantinha com a mãe durante as tardes que passavam juntas, ora observando o pôr-do-sol, outras vezes ocupadas com algum trabalho manual. Recordava-se particularmente de uma ocasião próxima ao dia em que completaria dezesseis anos, quando a mãe lhe dissera:

_ Você se tornará uma moça muito bonita, querida. Rezo para que seu pai e eu possamos dar um baile em sua honra. Lina não falara nada. Simplesmente esperara que a condessa prosseguisse:

_ Infelizmente, creio que não será uma festa tão grandiosa como a que tive quando debutei, mas nosso salão de jantar fica muito bonito à luz de velas. E, depois que você debutar, tenho certeza de que muita gente a convidará para bailes.

_ Garanto que sim, mamãe _ observou Lina, sorrindo. _ Mas, primeiro, você precisa se restabelecer. Depois, poderemos começar a economizar.

Entretanto, mãe fora definhando cada vez mais, até que, no fim do ano morreria, deixando Lina desolada. A menina teve a impressão de que uma luz desaparecera e que só restavam trevas e dívidas no castelo.

_ Prefiro passar fome a me casar com sir Hector! _ dissera a si mesma quando ele pedira sua mão.

Mas estremeceu, apreensiva, porque obviamente sir Hector persistira no projeto de torná-la para pessoa. O barão sentira-se ferido em seu orgulho com a recusa dela e jamais aceitaria um “não” como resposta. Assim, faria o impossível para vencê-la em seu propósito.

Infelizmente, nos dias que se seguiram confirmara-se essa suposição, e ele vinha visitando o castelo com maior assiduidade.

Nessas ocasiões, trazia-lhe presentes que Lina hesitava em receber, porém, não os recusava, com medo de que isso aborrecesse o conde, que se tornara irritadiço e mal-humorado ao extremo.

Num daqueles dias, já saturada pela presença incomoda do barão, atrevera-se a falar a respeito com o pai.

_ Papai, o senhor não é da opinião que sir Hector tem vindo muito aqui ultimamente?

_ Standish é um bom amigo, não se esqueça!

_ Não gosto dele, papai.

_ Pois bem, independente disto, acho-o muito útil _ retrucou o conde, com firmeza.

Lina fitou-o, apreensiva. Não queria acreditar naquilo que sua intuição já previra e que agora as palavras do conde de certo modo confirmavam.

_ Que quer dizer com isso, papai? Está recebendo dinheiro emprestado dele? Oh, por favor, não faça uma coisa dessas.

_ Não admito que se intrometa em meus negócios _ replicou o conde.

Apesar do tom enérgico e agressivo que utilizara, o conde não a fitara de frente nem por um minuto. O silêncio pesado e a atitude fúgida do velho constituíam a melhor prova de que o dinheiro com que ultimamente saldavam o salário dos empregados e as contas mais prementes da casa provinha de outras fontes que não o banco. Do contrário, ele não se esquivaria a mencionar isso durante a discussão.

Lina não revelara ao pai que sir Hector a pedira em casamento. E alimentava a ilusão de que o conde recebia-o no castelo e aceitava favores dele apenas por ignorar o interesse do barão por sua filha.

Embora não tivesse muita convicção, Lina imaginava que sir Hector possuísse um mínimo de bom senso para receber o absurdo das próprias pretensões. Sem dúvida, ele não se arriscara a confidenciar seus projetos ao conde por medo de ser ridicularizado. Lina consolava-se com a idéia de que discrepância de idade entre ela e o barão seria uma excelente proteção contra a investida dele.

Mas, a medida que as finanças da casa pioravam e o pai não se dignava a discutir o assunto com ela, percebia uma estranha ameaça pairando no ar.

Não conseguia identificar o que, mas um nó lhe apertava a garganta como se fosse sufocá-la cada vez que era obrigada a pedir dinheiro ao conde para as despesas domésticas. Invariavelmente ele escamoteava o assunto com frases vagas do tipo: “Amanhã”; “Na próxima semana” ou “No fim do mês”.

Como sabia que questionasse as atitudes irresponsáveis do pai as coisas pioraram, Lina limitava-se a engolir as lágrimas e a frustração cada vez que o via aprontar-se para sair e meter-se no jogo e na bebida. Agora, era rara a noite em que ele não passava até a madrugada na companhia dos amigos desclassificados que freqüentavam The Towers, a propriedade do barão.

Lina não precisava ouvir os mexericos locais para saber que eram do tipo de homens que bebiam demais e que nunca contariam com a aprovação de sua mãe.

Lá havia também hóspedes femininas de Londres que jamais seriam recebidas pelas anfitriãs do condado. Sir Hector, como não podia deixar de ser, passava os dias desfiando comentários despeitados acerca das senhoras que não acolhiam em suas casas. Deixava claro também que contava com auxílio de Lina para reverter esse quadro.

_ Conheço essas bruxas velhas e puritanas _ disse ele numa dessas ocasiões. _ Mas, quando nos casarmos, vai ser diferente. The Towers terá uma dona de classe! Por mais ingênua que fosse, Lina não podia fazer-se de desentendida

em relação ao real significado dessas palavras. Ele a cortejava não por qualquer reconhecimento à sua pessoa mas, pura e simplesmente, pela importância social que o título do pai lhe conferia. Não que a boa aceitação eu os Cressington-Combe gozavam no condado não houvesse sido trabalhada. Sim, fora duramente conquistada e todo o mérito cabia à mãe dela.

A bondade e a doçura da condessa foram apreciadas pelas pessoas do condado, que agora persistiam em não receber sir Hector ou seus amigos.

Lina ouvira a duquesa de Dorset dizendo à sua mãe, determinado dia:

_ Tudo tem limite. Por mais que ele contribua para obras de caridade, declarei a meu marido que não quero saber daquele homem vulgar em minha casa.

A mãe de Lina concordara, embora de um modo não tão veemente. Era boa demais para se mostrar rude, fosse com quem fosse.

Mas fazia questão de que sir Hector não fosse convidado aos poucos jantares que eles davam. Somente depois de sua morte, sir Hector começara a freqüentar o castelo, a pretexto de consolar o conde.

Lina lembrou-se de que na véspera, o barão havia sido especialmente maçante.

_ Pretendo casar-me com você, Lina, e quando mais cedo me aceitar, melhor!

_ Sinto muito, sir Hector, mas mantenho a minha resposta.

_ Deus do céu, menina! _ exclamou ele. _ Não percebe o que eu poderei lhe dar? Você terá vestidos das mais afamadas costureiras de Londres, jóias que despertarão inveja em todas as moças, e cavalos de raça, melhores do que qualquer outra mulher jamais possuiu.

_ Precisa compreender, sir Hector, que, quando me casar, não será pelo que meu marido me der e sim porque o amarei.

_ Você é jovem demais para saber alguma coisa sobre o amor _ replicou ele. _ Mas eu a ensinarei a me amar!

O jeito com que ele disse isso fez Lina estremecer.

Olhara para o rosto vulgar, vermelho devido ao excesso de bebida, com rugas profundas sob os olhos, e notara também que os cabelos de sir Hector estavam começando a ficar grisalho nas têmporas.

Era um velho. Só de pensar em casar com ele via-se dominada por um sentimento de repulsa difícil de ocultar.

_ Sei que sua intenção é boa, sir Hector, mas por favor aceite como definitivo que não o quero para meu marido. E não me traga mais presentes, sim?

Ele começara a argumentar, quase gritando, que Lina não lhe escaparia. Não suportando mais ouvi-lo, ela se afastara.

Agora enquanto caminhava pelo bosque, ficou imaginando se, em vez de fugir, não devia ter contado ao pai o que estava acontecendo e suplicar-lhe que mantivesse aquele homem afastado dela.

Chegou ao fim da trilha e viu o castelo a sua frente.

Observou que, independente dos esforços do velho Ives, que trabalhava ali há quarenta anos, os jardins se encontravam num estado lastimável, cheios de mato, com uma vegetação desordenada e imensos espaços em branco. Lina tinha consciência de que não melhorariam de aspecto, pois o conde não podia dar-se ao luxo de manter jardineiros competentes.

Suspirou desolada diante dessa representação viva da decadência que se abatera sobre sua família e buscou achar algo de positivo naquela paisagem triste. Viu os narcisos de um tom dourado, que cresciam sob as árvores, e procurou com o olhar cheio de saudades os açafrões multicoloridos que a mãe plantara e que continuavam viçosos como se fossem a lembrança viva da condessa.

Voltou-se, então, para o castelo. Ao fita-lo, sentiu recobrar a animo e a resistência. Aquela fortaleza sobrevivera a muitos séculos e guardava em si toda a história das lutas que a família Wallingham travara a favor da Inglaterra.

Ainda cantarolava, alegre, quando chegou à primeira parede cinzenta. Mas, quando passava perto da biblioteca, ouviu vozes. Uma força estranha obrigou-a a parar sob a janela aberta e escutar o que o pai dizia. O conde parecia estar discutindo com alguém e logo Lina descobriu que o motivo do debate era ela.

_ Eu não tinha a mínima idéia de que você sentia isto a respeito de Lina!

_ Ela não lhe contou que a pedi em casamento?

_ Não.

_ Pois bem, se quer saber a verdade, a diabinha está querendo dar uma de “difícil”. Seja lá qual for a minha reputação, serei um bom marido para ela. E, no dia do casamento, farei a você uma doação de vinte cinco mil libras.

Lina ficou de respiração suspensa, com medo de ser descoberta. Seu coração batia acelerado, e ela se recusava a creditar que estivessem falando dela como se fosse uma mercadoria.

_ Mais ainda: pagarei suas dividas, meu amigo, e lhe darei uma mesada polpuda que permitirá a você conservar em melhor estado este castelo que está em ruínas!

Houve uma pausa, Lina rezou para que o pai dissesse que não aceitaria suborno e que sir Hector não tinha o direito de falar do castelo com tanto desprezo.

Mas o conde nada disse. Dali a momentos, sir Hector continuou:

_ Vamos lá, estou sendo generoso e você sabe disto! Você perdeu duas mil libras para Davidson, ontem à noite. E sei que deve mil libras, ou mais, a Hatton. Eles esperam receber dentro de um mês, ou talvez antes.

_ Tive uma maré de azar _ contrapôs o conde, taciturno.

_ Você bebe demais para ser um bom jogador _ comentou o outro. _ Concordo que teve uma maré de azar, mas anime-se! Sendo meu sogro, seu credito será considerável, como bem deve saber!

Lina ouviu um som de cadeiras sendo arrastadas que indicava que sir Hector se levantava.

_ Agora preciso ir _ disse o visitante. _ Diga a Lina, quando ela voltar, que vamos nos casar no principio de junho. Isto lhe dará tempo para fazer o enxoval, que será pago por mim, é claro!

_ Você parece estar muito seguro de si.

Havia na voz do conde uma nota de desprezo, como se ele se mostrasse ofendido com o comportamento de sir Hector.

_ Claro que estou seguro! Que mais você pode fazer, Wallingham, a não ser aceitar? Seria muito tolo se não percebesse que esse casamento lhe trará grandes vantagens.

As últimas palavras soaram indistintas e Lina calculou que sir Hector havia saído da biblioteca e já estava no corredor que levava ao hall.

Esperou mais alguns minutos, antes de passar correndo sob a janela da biblioteca. Entrou em casa por uma porta lateral e subiu depressa a escada de serviço, que dava para seus aposentos, no primeiro andar.

Sempre havia ocupado um dormitório numa das torres, porque isto a fascinava, desde criança. Agora, mesmo tendo todo o castelo à disposição, usava o mesmo quarto pequeno e atraente, do qual sempre gostara.

Havia ali duas janelas. Uma dava para o jardim e o bosque de onde ela viera. Da outra se avistava a entrada do castelo e a alameda de velhos carvalhos.

Lina atravessou o quarto e foi até a janela. Oculta atrás das cortinas, espiou a entrada da casa.

Com dificuldade, porque era um homem gordocho, sir Hector estava montando seu cavalo de raça, que se encontrava seguro pelas rédeas por um dos cavaleiros que viera com ele.

O barão sempre se fazia acompanhar por um empregado que, como Lina sabia, trazia os presentes a ela destinados.

O visitante olhou para o conde, que estava no alto da escada, sob um arco gótico.

_ Adeus, Wallingham, e não se esqueça de dar meu recado a Lina.

Tocou a aba do chapéu com o chicote. Depois, com um sorriso de triunfo, esporeou o cavalo e partiu.

Vendou-o descer a alameda, Lina soube que o odiava, como jamais odiara alguém na vida.

Depois, como se as pernas não a suportassem, sentou-se na cama e começou a refletir.

O sorriso de sir Hector fora mais assustador e convincente do que qualquer coisa que ele houvesse dito.

Era um sorriso seguro, a expressão de um homem que conseguira exatamente o que queria e anulara qualquer tipo de oposição.

_ Não posso me casar com ele! Não posso! _ repetia-se Lina, com a cabeça apoiada entre as mãos.

Lembrou-se então das grandes somas que o pai devia e da mesada que lhe havia sido prometida por sir Hector.

Isto, talvez mais do que qualquer outra coisa, era o que a enojava.

Por que o conde se rebaixava mais do que um criado assalariado diante de um homem como sir Hector Standish?

Lina sempre soube que, em muitos aspectos, o pai era um fraco, um homem que achava fácil aceitar as boas coisas da vida, viessem de onde viessem.

Fora devido à esposa e ao amor que nutria por ela que o conde assumira seu alugar de direito na província.

Agora Lina compreendia que o fato de terem muitos amigos quando a mãe vivia fora resultado unicamente dos

Depois da morte da condessa, os convites haviam escasseado. Tinha sido fácil, portanto, ao conde, habituar-se à hospitalidade oferecida por Standish Towers.

“Ele está usando papai”, pensou Lina, com amargura. “E agora, quer usar a mim também.”

Quando sir Hector falava de amor, havia um brilho em seus olhos e uma nota em sua voz que faziam com que Lina estremecesse. Por mais inexperiente que fosse nesse assunto, ela intuía que esses sinais indicavam não um amor verdadeiro por ela e sim algo de sinistro e desagradável, que sequer conseguia imaginar.

Lina não era de ficar o dia todo se admirando, mas seria muito tola caso não reconhecesse.

Que nos últimos anos passara por mudanças que a haviam transformado numa moça muito bonita. Os traços do rosto tinham ficado mais sóbrios, embora conservassem certa ingenuidade; e do corpo de menina nada mais restava.

Ficara muito parecida com a mãe, que fora aclamada como uma verdadeira beldade quando entrara na sociedade. Quando moça, a condessa havia recusado vários partidos brilhantes, porque se apaixonara pelo conde de Wallingham.

Os pais dela tinham hesitado em dar o consentimento para essa união, pela simples razão de o conde ser relativamente pobre, ao passo que os outros dois pretendentes à mão da filha eram imensamente ricos.

Finalmente, quando perceberam que não conseguiriam tirar essa idéia da cabeça da filha, os avós de Lina haviam concordado com o casamento. Desde então, seus pais tinham vivido “felizes para sempre”, tal como se diz nas histórias de fada.

A única tristeza foi que, após o nascimento de Lina, a condessa não pode ter mais filhos. O conde, então, ficou sem um herdeiro ao título e ao castelo que sir Hector havia descrito como “em ruínas”.

Fosse como fosse, pertencia a eles. E, para Lina, era o lar que aprendera a amar desde o berço, e de onde não queria sair, a não ser casada com um homem que significasse tanto para ela como o pai tinha significado para a condessa.

Havia agora uma expressão de medo nos olhos grandes de Lina.

_ Que posso fazer, mamãe? _ disse, em voz alta, indo colocar-se diante do retrato da mãe, dependurado na parede.

Era apenas um esboço a *crayon*, feito por um artista desconhecido, que passara uns tempos na vizinhança. Viera ao castelo pedir à condessa que posasse para ele, porque a julgava a criatura mais bela que já tinha visto.

Rindo, a condessa concordara. Talvez por amar o modelo, ele captara a beleza dos traços mais do que um pintor experiente o teria feito

O rosto oval, de queixinho pontudo, parecia-se muito com o de Lina, os mesmos olhos grandes, o mesmo nariz reto, a testa larga, o cabelo loiro...

Como o retrato não fosse colorido, não mostrava a cor estranha dos olhos da condessa, semelhantes aos da filha.

Não eram azuis como os de todos os ancestrais, e sim cinzentos com reflexos dourados.

_ “Como um rio banhado de sol” _ tinha dito o artista, poeticamente.

Lina ergueu a cabeça para admirar melhor o retrato. Não se conteve mais, grossas lágrimas lhe desceram pelas faces, e balbuciou um apelo numa voz entrecortada.

_ Ajude-me, mamãe... Sabe que não posso casar com ... aquele homem. Salve-me... por favor!

Ficou a espera. Nitidamente, como se a mãe tivesse respondido, Lina descobriu a única saída possível.

No dia seguinte, quando se viu no trem que a levava para Londres, Lina mal podia acreditar que fugir tivesse sido tão fácil.

Depois da visita de sir Hector, ela evitara o pai o dia inteiro. Mas sabia que ele estava bebendo, primeiro na biblioteca do castelo e depois na estalagem da aldeia, onde sempre era bem recebido pelos ociosos.

O conde esquecera que viriam visitas para o jantar daquela noite: o médico e a esposa, e também um casal muito simpático que recentemente se mudara para as redondezas.

O coronel Graham, que prestava serviços nos Granadeiros, já viera ao castelo algumas vezes antes, apesar do pouco tempo que morava nas vizinhanças com esposa. Tratava-se de um casal muito agradável e espontâneo, que cativava as pessoas logo no primeiro contato.

Lina tinha colocado na cama do pai um traje a rigor. Meia hora antes do jantar, descera e vira que ele estava no escritório, com um copo na mão.

_ Cá esta você, Lina! Por onde andou? Precisamos conversar.

_ Agora não há tempo, papai _ respondeu ela._ esqueceu-se de que os Graham e os Emersons vem jantar aqui?

_ Não os convidei! _ O conde fez um ar de surpresa.

_ Convidou, sim, papai. Pelo menos eu o vi falando com Graham, e eu própria avisei os Emersons, para que fossemos seis a mesa.

Olhou para o relógio e acrescentou:

_ Precisa se apressar, porque eles vão chegar dentro de meia hora. Suas roupas estão preparadas, lá em cima

_ Quero ver os Graham, Lina, mas também preciso muito falar com você.

Lina sorriu e saiu de mansinho da sala, antes que ele dissesse mais alguma coisa. Tinha tido muito trabalho com o jantar, ajudando a cozinheira que não era muito experiente. Cuidara também para que as poucas garrafas de bom vinho que sobravam na adega tivessem a temperatura exata para serem servidos à mesa.

Conforme ela espera, o pai gostou da companhia do coronel e do medico, que também era muito divertido. Assim que eles saíram, Lina disse boa-noite ao pai e subiu logo para o quarto. O conde tinha bebido muito, tanto na véspera, como durante o jantar, de modo que a filha sabia que ele esquecera o que tinha para lhe falar.

Em todo o caso, mais tarde ele poderia dizer a sir Hector, sem mentir, que não tivera a chance de informar Lina acerca do pedido de casamento. E, assim, não poderia ser responsabilizado pela fuga da filha.

Foi com grande dificuldade que Lina arranjava dinheiro para a viagem e para manter-se em Londres até achar emprego.

Felizmente estava no principio do mês e ela possuía alguma reserva que sobrara do que o pai lhe dera, após uma noite de jogo excepcionalmente proveitosa em Standish Towers.

No ano anterior, Lina descobrira que o único meio de pagar algumas contas era convencendo o pai a ser generoso, quando ganhava no jogo. Naquela ocasião, ele a presenteara com quinze libras.

Lina possuía também algumas libras de ouro que guardara para um caso de emergência, além de algumas jóias herdadas da mãe. Acreditava que estas renderiam muito pouco se as vendesse e decidiu conservá-las. Além de tudo seria uma tortura desfazer-se de uma recordação daquelas.

Seu pai jamais confessara que tinha vendido os anéis e um colar de pérolas da condessa. Dizia que estavam em lugar seguro.

Lina ficou com dor no coração quando compreendeu que os pequenos tesouros da mãe haviam sido vendidos para pagar dividas de jogo. Depois de tomar conhecimento disso jamais revelou a ele que guardara um anel de safiras que a mãe usava freqüentemente, e também um broche da mesma pedra que completava o conjunto.

_ Estas jóias são minhas _ disse Lina a si mesma, com firmeza. _ Não vou permitir que sejam atiradas numa mesa de jogo.

Ao mesmo tempo, estava assustada, porque se tratava de uma dívida de honra, se o pai lhe pedisse que vendesse as jóias que restavam, Lina concordaria para que ele não ficasse desmoralizado.

Sabia que, se ela desaparecesse, sir Hector iria à sua procura. Mas nesse meio tempo, ele pagaria as dividas do conde, porque tinha certeza de que acabaria se casando com ela.

_ Tenho que me esconder num lugar onde ele não me ache _ disse Lina a si mesma.

Isto significava que era impossível ir para casa de parentes, porque, é lógico, seu pai daria a sir Hector o endereço deles.

Enquanto o trem seguia, Lina olhava pela janela, mas parecia não enxergar a paisagem lá fora, absorvida pela idéia de descobrir qual seria melhor lugar para se esconder.

Obviamente, precisava ganhar dinheiro. Estava preocupada, não imaginava que seria difícil para alguém como ela, sem qualquer experiência, sobreviver num mundo novo.

Sua mãe fizera questão de que Lina tivesse uma boa educação, embora isso não fosse fácil no campo. Mas a condessa, com muita persistência, atingira seu intento. Lina tivera professores particulares para varias disciplinas.

_ Não vou permitir que você seja educada por uma governanta de quem se espera que seja instruída em todas as matérias, e ganhe uma ninharia _ dissera a condessa, à filha.

Lina sabia que era isto o que acontecia na maioria das famílias, em relação às meninas. Os filhos homens é que eram mandados para escolas publicas e universidades, tendo preceptores em casa, nas férias.

_ Tive sorte, meu bem, e é por isso que desejo que você tenha sorte, também _ acrescentara a condessa.

A “sorte” da mãe de Lina acontecera porque um de seus irmãos não tinha saúde para freqüentar um colégio. Assim sendo, possuía preceptores, em casa. Como a família não morava muito longe de Oxford, professores de primeira categoria haviam sido contratados para ele. A irmã pudera então participar das lições.

A condessa se deu o trabalho de revirar as redondezas para encontrar professores aposentados que viessem ao castelo, ou que recebessem Lina em suas casas, para instruí-la.

A bondosa senhora insistira num ponto: Lina teria que falar varias línguas, fluentemente.

O francês era o mais fácil porque, não muito longe do castelo, morava a viúva de um diplomata inglês, que pertencia a uma família tradicional de Paris. Depois que o marido morrera, ela achara que estava velha demais para voltar para a França.

_ Jamais gostei deste país frio _ dizia sempre. _ Mas estou aqui e aqui devo ficar, embora às vezes ache a vida muito tediosa.

A mãe de Lina riu.

— Acho que o motivo de se aborrecer, *Madame*, é não ter muito que fazer — dissera a condessa. — Vou lhe pedir para ensinar minha filha a falar bem o francês. Tenho certeza de que a senhora vai gostar das aulas, tanto quanto ela.

A princípio, a viúva ficara atônita com a sugestão, mas, um tanto contrariada, resolvera fazer uma experiência.

As palavras da condessa foram proféticas. Lina não apenas gostara das aulas, como também da professora. Como resultado, a moça dominou perfeitamente o idioma francês, embora hesitasse um pouco quando falava o italiano ou alemão.

“Talvez o meu francês me seja útil”, pensou Lina.

Não sabia exatamente como, porque se arranjasse emprego de governanta provavelmente as crianças teriam uma professora francesa. E o emprego de governanta era o único que Lina achava que poderia obter.

Mas não adiantava ser pessimista. Procurou, então, se encher de coragem, quando viu o trem entrar na estação St. Pancras.

Um carregador pegou as malas dela e arranjou-lhe uma carruagem de aluguel. Lina pediu ao cocheiro que a levasse para a agência de empregados domésticos da sra. Hunt, em Mount Street.

Sabia que era a melhor agência em Londres. Embora no castelo eles raramente trocassem de empregados, conservando os que eram velhos e fiéis, Lina ouvira as amigas de sua mãe recomendarem a tal agência.

Essas amigas estavam sempre se queixando da dificuldade de ter bons empregados. E, quando precisavam trocar algum, raramente o novo era melhor do que o antigo. Lina se lembrou de que uma das amigas da condessa comentara:

— Eu disse à senhora Hunt que as criadas que ela me manda atualmente são uma vergonha e que, se continuar assim, mudarei de agência.

— Sempre ouvi dizer que a agência da sra. Hunt é a melhor de todas — replicara a condessa.

— E é! — concordara a outra. — Ao mesmo tempo, aquela mulher grande esnobe. Manda as melhores empregadas para suas cliente de Londres que tem títulos de nobreza e se gabam de fazer parte do círculo de Marlborough House.

Lina não deixara de observar a nota de inveja na voz da amiga da mãe ao fazer este comentário. Mas, agora, lembrou que ela havia dito também que a agência da sra. Hunt era a melhor de todas.

Isto fez com que Lina escrevesse uma carta de referencia a respeito de si mesma, de madrugada, antes de sair de casa. Colocara uma data anterior à morte da mãe e conseguira imitar bem a assinatura da condessa.

Quando descrevera as qualidades da suposta governanta, Lina sorriu, achando que ninguém resistiria a tais recomendações. Mas, ao olhar-se no espelho, teve dúvidas.

Tinha uma aparência muito jovem para quem tomava conta de crianças. Esperava apenas que a sra. Hunt não percebesse que a pseudo-governanta teria apenas dezesseis anos, quando aquela carta parecia ter sido escrita.

Quando chegaram a Mount Street, Lina pagou o cocheiro e pediu-lhe que colocasse sua mala no saguão da agência.

— Felicidades, senhorita! Se fosse rico, eu é que a tomaria a meu serviço! — despediu-se o homem, agradecendo a gorjeta.

— Obrigada — respondeu Lina, encorajando-se com o elogio, mas já ficando nervosa, quando atravessou o corredor e viu vários candidatos a empregados sentados em bancos duros.

Dirigiu-se para o fundo da sala, onde uma senhora idosa, com óculos de aro de metal, estava sentada atrás de uma escrivaninha. Percebeu que a mulher a observara, desde o momento em que ela entrara, e não deixara de notar que Lina havia trazido a mala.

Tinha certeza de que isto seria interpretado como um sinal de seu desespero em busca de emprego, e que significaria aceitar qualquer coisa que lhe oferecessem.

Instintivamente, ergueu a cabeça. Embora falasse com voz macia, expressou-se com uma nota de autoridade que uma governanta desempregada não teria usado.

A mulher de óculos, que devia ser a sra. Hunt, nada disse. Apenas olhou para Lina, com um ar que muita das pretendentes a empregos achavam intimidante.

— Estou procurando emprego como governanta, e ouvi dizer que sua agência é a melhor de todas — disse Lina, tirando da bolsa a carta de recomendação e colocando-a sobre a escrivaninha.

— Aqui estão minhas referencias, escritas pela condessa de Wallingham, para quem trabalhei durante anos.

— Não me parece que tenha idade suficiente para ter trabalhado numa casa durante *muitos* anos! — retrucou a sra. Hunt, secamente.

Pegou a carta de um modo que queria indicar que não estava impressionada. Mas Lina percebeu que ela leu com muita atenção, parecendo impressionar-se com o papel timbrado e a coroa em cima.

— Qual o seu nome?

_ Cromer. Srta. Cromer – respondeu Lina

Tinha escolhido o sobrenome de uma de suas governantas, criatura simpática que ensinara numa escola elegante, antes de se aposentar.

A sra. Hunt terminou de ler a carta e disse:

_ Não creio que tenha pedido deste tipo, no momento, mas pode sentar e esperar. Vou consultar meus livros.

_ Obrigada – respondeu Lina.

Sentou num dos bancos duros, de frente para a escrivaninha, interessada em ver o que a sra. Hunt ia fazer.

A dona da agência virou para sua assistente e mostrou-lhe a carta. A secretária colocou um livro sobre a escrivaninha e a sra. Hunt começou a folheá-lo.

_ Que tal este aqui? – perguntou a dona da agência.

_ Oh, não. Mandamos alguém, na semana passada.

_ É verdade. Tinha me esquecido.

Recomeçou a folhear o livro. Lina ficou nervosa, pensando quanto tempo teria que esperar para arranjar uma colocação, tendo talvez que voltar ali todos os dias e ficar naquela espera angustiante.

No outro lado da sala, estavam duas moças com rostos corados de sol, que pareciam ter vindo do campo. Provavelmente estavam procurando serviço como ajudantes de copa, na casa de algum nobre.

Havia uma mulher de meia-idade, de touca, que parecia ser governanta ou criada-mor, e também um rapaz que, devido às botinas e ao boné que revirava nas mãos, devia estar procurando emprego de cavaliço.

Lina teve vontade de perguntar há quantos dias estavam esperando para arranjar trabalho, mas achou que não devia fazer isso.

Ouviu a sra. Hunt dizer, baixinho, como se não quisesse ser escutada por ninguém:

_ Que me diz de lady Birchington? Creio que nos pediu alguém.

_ Não uma governanta – respondeu a assistente. – quer uma criada particular que fale francês.

A sra. Hunt fungou.

_ Não vai ser fácil arranjar uma!

Sem refletir, Lina levantou e aproximou-se da escrivaninha.

_ Falo francês fluentemente – declarou

A sra. Hunt encarou-a. E, num tom que parecia censurá-la por estar escutando o que ela conversava com a assistente, dona da agência disse:

_ A cliente de quem eu falava com minha secretária precisa de uma criada particular, não de uma governanta!

_ Estou disposta a aceitar esse lugar, se não houver outro disponível – respondeu Lina.

A sra. Hunt ergueu as sobrancelhas.

_ Pensei que uma posição tão subalterna não lhe interessasse.

- Preciso arranjar emprego imediatamente e, portanto, não posso ser exigente.

Tinha certeza de que sir Hector não iria procurá-la no meio dos empregados de uma casa particular. Seria um esconderijo melhor ainda.

A assistente murmurou qualquer coisa para a patroa.

_ Muito bem, pode ir procurar lady Birchington e dizer que a mandei – declarou a sra. Hunt. – Vou lhe dar uma carta de apresentação. Pelo menos ela não poderá dizer que não fizemos o possível para servi-la.

Otimista, Lina achou que seria interessante ver o que iria acontecer.

_ Muito obrigada – disse ela. – E peço-lhe o favor de conservar meu nome em seus livros, caso eu não seja bem-sucedida. Nesse caso, voltarei aqui.

A sra. Hunt não se dignou a responder. Apenas escreveu um cartão que colocou num envelope e entregou a Lina, junto com a carta de referências.

_ Obrigada. Foram muito gentis – despediu-se Lina, enquanto guardava seus papeis na bolsa.

A sra. Hunt pareceu surpresa com este agradecimento, mas nada comentou. Lina dirigiu-se para a porta, sentindo que as outras pessoas a olhavam de um modo hostil por ter sido bem-sucedida.

Quando chegou à porta, pegou sua sacola, e olhou para a maleta com ar dubio. Depois, voltou-se para o rapaz que parecia ser um cavaliço e que a observava. Ele levou algum tempo para perceber o que Lina queria. Depois, levantou-se e disse:

_ Vou lhe dar uma ajuda, senhorita.

_ Muito obrigada.

Saíram da sala e dali a um dois minutos surgiu uma carruagem de aluguel, puxada por um cavalo velho. A carruagem parou e o rapaz encaixou a mala ao lado do cocheiro.

_ Obrigada – disse Lina estendendo a mão ao jovem.

_ Não por isso. E prazer em conhecê-la, senhorita. Felicidades e boa sorte!

_ Desejo-lhe a mesma coisa – respondeu Lina.

CAPITULO II

Qualquer pessoa que entrasse na sala de visitas de Belgrave Square, nº 23, ficaria boquiaberta ao ver as três senhoras sentada diante da lareira.

Eram todas famosas por sua beleza e, numa época em que havia muitas mulheres bonitas em Londres, essas três chamavam particularmente a atenção.

O príncipe de Gales, que era um conhecedor da beleza feminina, tinha dito que nenhuma mulher poderia ser mais sensacionalmente bela do que a marquesa de Holme.

Mas a condessa de Pendock não ficava atrás, com seus cabelos dourados como o sol e olhos azuis como o mar. E lady Birchington tinha não apenas uma beleza impar, como o fascínio que os homens achavam irresistível.

Ali, em frente à lareira, Kitty Birchington usava um vestido de *soirée* muito bonito, desenhado especialmente para ela, por Lucille.

Quando ela entrara na sala, as duas amigas tinham soltado exclamações de admiração e de inveja, de modo que fora com ligeiro constrangimento que Kitty acomodara-se no sofá de cetim.

O tom do sofá realçava não apenas sua pele branca e seus cabelos ruivos, como também o verde-musgo do vestido, o qual possuía delicados enfeites de renda prateada e pequenos botões de perola que encantariam qualquer homem que tentasse desabotoá-los.

_ Tenho muita coisa para lhes contar! Foi por isto que lhes mandei o recado para estarem aqui às cinco horas – disse Kitty, logo depois dos cumprimentos habituais.

_ O que aconteceu?

Ao perguntar isso, Daisy Holme inclinou graciosamente a cabeça, fazendo com que os pingentes de brilhantes dos brincos e as penas de avestruz que lhe enfeitavam o chapéu estremecessem acentuando-lhe o tom azeviche dos cabelos e das sobrancelhas.

Lady Birchington juntou as mãos e continuou numa voz pausada:

_ Fiquem firmes, porque dificilmente acreditarão nas novidades.

_ Esta novamente apaixonada? – Evie Pendock se aventurou a opinar.

Kitty riu e sacudiu os ombros, com uma expressão enigmática no rosto.

_ Estou apaixonada, mas não é sobre isso que quero falar.

_ Então o que há? – interromperam as outras duas em coro.

Mal continham a ansiedade ao perceber que amiga divertia-se em aguçá-lhes a curiosidade e prolongar a clima de suspense.

_ Fabian acabou tudo com Alice!

_ Não acredito! É impossível! Os casos de Fabian sempre foram mais demorados! – comentou Daisy.

_ Concordo – interveio Evie. – faz pouco meses que estão juntos e ele sempre se gabou de que seus romances duram enquanto seu coração bater acelerado1 além domais, Alice é muito bonita.

Kitty percebeu, pela evidente admiração dos comentários, que obtivera o impacto desejado com a notícia. As duas senhoras a olhavam fixamente, à espera de maiores detalhes.

_ Alice veio me visitar ontem à noite... – começou Kitty, sendo interrompida por uma exclamação indignada de Evie:

_ Ela voltou para Londres? Eu não tinha a mínima idéia! Por que ninguém nos contou?

_ Porque Alice não quis ver ninguém – respondeu Kitty. - Está arrasada! Desesperada! Mas a verdade é que ela sempre foi um tanto histérica!

Obviamente, as outras duas compartilhavam da mesma opinião, e lady Birchington não se fez de rogada para continuar com a história.

_ Ela não compreende por que perdeu Fabian. Disse que ele andava inquieto, dava desculpas para não fazer amor com ela e que finalmente, confessou que estava entediado.

Houve um momento de silêncio, até que Daisy falou bruscamente:

_ Só posso dizer que Alice deve ter sido muito estúpida! Quando vi o casal, há dois meses, Fabian se mostrava muito atencioso e parecia encantado por acompanhá-la a toda parte.

_ É sempre assim que Fabian se comporta – comentou Evie. – Mas é estranho que o romance deles tenha acabado tão depressa!

_ Foi o que pensei – ponderou Kitty._ E como nós três tivemos mais sucesso com Fabian, eu sabia que vocês ficariam interessadas.

_ Estou curiosa para saber o que aconteceu – observou Daisy, pensativa

Houve um novo silêncio, dessa vez interrompido pela condessa Evie Pendock.

_ Se querem saber a verdade, Alice é muito aborrecida!

_ Concordo com você – comentou Daisy. – Ao mesmo tempo, Fabian não é o tipo de homem que conversa com a mulher por quem está apaixonado no momento, e por isso não teria como se entediar com os comentários dela.

_ O que você quer dizer é que não há tempo! – retrucou Kitty. – Quando uma mulher está com Fabian, só deseja ser beijada ou acariciada o tempo todo. O mais enfiurecedor, se quisermos ser francas, é o fato de ser sempre Fabian quem termina o caso.

Fez uma pausa e, como as amigas não dissessem nada, acrescentou, lentamente:

_ Estou sendo maldosa, mas tinha esperanças de que, sendo Alice uma mulher fria e racional, desse uma lição em Fabian. Se bem que, se isto acontecesse, seria um verdadeiro milagre!

_ Acha que ele está mais apaixonado por Alice, do que ela por ele?

_ Exatamente! – concordou Kitty.

Suspirou e completou com uma ponta de nostalgia na voz:

_ Mas acabo de me convencer de que não existe uma mulher no mundo que não se apaixonasse por Fabian e não se desesperasse quando ele desse o caso por encerrado.

_ Como nós bem o sabemos! – murmurou Daisy.

Olhou para o fogo na lareira e continuou:

_ Creio que nunca me senti tão infeliz na vida do que quando Fabian se separou de mim. Minha sorte foi ter dignidade e amor-próprio suficientes para não andar choramingando por aí, e nem deixar que percebesse o quanto isto me magoou. Para dizer a verdade, vocês são as únicas pessoas a quem falei sobre ele.

_ Sabe que podemos compreendê-la, melhor do que ninguém – observou Kitty. – sempre me aborreci por não ter conseguido prendê-lo por mais de dois anos.

_ Dezoito meses! – corrigiu Evie, em voz baixa. Mas lady Birchington não lhe deu atenção.

A marquesa Daisy Holme fez uma declaração pouco surpreendente:

_ por outro lado, por mais que eu tenha sofrido, sempre serei grata a Fabian, porque me ensinou tanta coisa sobre o amor! Creio que os franceses já nascem com um conhecimento que os ingleses jamais adquirem.

Claro que sim – concordou Kitty. – Os franceses começam a pensar em mulheres já no berço. E tem seus primeiros casos de amor numa idade em que os ingleses estão contando os pontos que fizeram no críquete, ou somando quantos faisões abateram desde que começaram a caçar.

Evie deu uma risada.

_ Exatamente! – concordou Daisy. – Sem querer ser despeitada, gostaria que, pelo uma vez, o coração de Fabian se partisse, ou pelo menos ficasse trincado e ele sentisse a dor da solidão, que todas nós sentimos.

Kitty suspirou.

_ É perda de tempo pensar nisto. Fabian é o homem mais atraente da Europa e não existe mulher capaz de manter-se indiferente a ele.

_ Tem razão – concordou Daisy. – E na sociedade que ele frequenta, tanto na França como na Inglaterra, não é provável que encontre resistência, e muito menos ainda que leve um “fora”.

_ É verdade! – Kitty assentiu com a cabeça antes de prosseguir:

_ Talvez seja vergonhoso dizer isto, mas bastaria Fabian levantar o dedinho para nós três correremos para os braços dele.

_ Garanto que eu não faria nada disso! – protestou Daisy.

_ Claro que o faria! – insistiu Kitty.

Houve silêncio. As três amigas ficaram olhando as chamas na lareira com ar saudosista, pensando no homem que, como Daisy havia dito, lhes ensinara tanta coisa sobre o amor. O homem que lhes provocara uma emoção muito diferente de qualquer outra que já tivessem experimentado.

O príncipe de Gales dera o exemplo, apaixonando-se por várias mulheres bonitas, mas ao mesmo tempo mostrando ao público a imagem de um homem feliz no casamento, ao lado de sua bela esposa, Alexandra.

Tivera muitos casos: com Lily, com a fascinante lady Brooke, agora parecia apaixonado pela não menos encantadora sra. Keppel. Como todas as anfitriãs sabiam, ele não apreciava uma festa, a não ser que essa senhora estivesse a seu lado.

Antes de seu caso com Fabian, a marquesa Daisy Holme tivera uma aventura tempestuosa com um dos melhores amigos do marido.

Entretanto tornara-se discreta ao conhecer Fabian, duque de Saverne. Na época, ele ainda estava enamorado da condessa Evie Pendock e, para todos os efeitos, Daisy roubara-o da amiga.

Mas Evie já tinha percebido que Fabian estava ficando inquieto. Sabendo que o amor por ela estava acabando, achou inevitável o que aconteceu quando Daisy entrou em cena.

Os encontros do duque com a marquesa de Holme se tornaram fáceis pelo fato de o marido ser um grande desportista que a deixava sozinha durante longos períodos, enquanto caçava ou pescava em diversas partes das Ilhas Britânicas.

Lorde Birchington, por seu lado, ia a todas as corridas, quer seus cavalos estivessem no páreo ou não. O caso de Kitty com Fabian terminou durante um inverno em que não houve muitas corridas, tornando-se difícil os dois amantes se encontrarem.

Esses três maridos talvez tenham tido uma vaga noção do que estava acontecendo, mas esperava-se deles que fechassem os olhos, a não ser que deparassem com alguma atitude escandalosa por parte dos amantes.

Havia boatos de que as atenções do duque para com as mulheres bonitas nem sempre eram aceitas com esta filosofia, e ele tomara parte em vários duelos na França. Alguém disse, brincando, que Fabian fora desafiado por maridos ultrajados de todos os países da Europa!

Kitty muitas vezes pensava que, se George tivesse demonstrado desagrado por sua ligação com Fabian, isto teria dado ao caso o sabor do perigo que lhe faltou.

Mas lorde Birchington, com ou sem intenção, fora mais sutil. Apenas voltava para casa quando não havia corrida, e recebia as visitas de Fabian, em vez de ir para o clube, como se esperava dele.

“Fabian ficou entediado, não comigo e sim com George!”, pensava Kitty, agora. E achava que isso era um consolo.

Ao mesmo tempo sabia que, inevitavelmente, depois de alguns meses, Fabian iria em busca de novas aventuras ou, mais explicitamente de outra mulher.

_ A realidade é que durante toda a vida Fabian caminhará por uma estrada ladeada por árvores, aquecendo-se ao sol, enquanto mulheres caem em seus braços como flores perfumadas, mas que logo fenecem – disse Daisy. – E ele as joga fora e colhe outra.

Evie e Kitty riram.

_ Oh, Daisy, está sendo muito poética! – zombou Kitty. – Quanto a mim só desejo que, nesse caminho florido, Fabian seja apanhado por uma tempestade de granizo. E, agora, estou mesmo sendo despeitada!

_ Não há o menor perigo de que isso aconteça – observou Daisy.

_ Por que tem tanta certeza? – perguntou Evie

_ Pode parecer estranho o motivo – respondeu Daisy – mas Fabian escolhe seus amores entre aquelas que os jornais dizem pertencer às “classes superiores”.

_ O que tem isso a ver com o caso? – estranhou Evie.

_ Meu pai disse certa vez, que as classes superiores são sujeitas à tentação, ao passo que as classes inferiores se dedicam ao amor porque é um divertimento barato. Disse ainda que somente a classe média é respeitável!

Todas riram.

_ Seu pai tinha razão, embora eu jamais tenha ouvido isto expresso desta maneira – declarou Kitty.- E nós todas sabemos que a classe média na Inglaterra é muito moralista.

_ Assim como a burguesia na França – observou Evie.

_ Creio que nós três concordamos que Fabian examina a almanaque de Gotha e o Debrett, antes de começar seu bem ensaiado ato de sedução – disse Kitty, sorrindo.

_ Nada disso! – protestou Daisy. – Fabian se gaba de poder dizer, de relance, não apenas os antecedentes de uma mulher, como também o seu caráter.

_ Ele disse isto a você? – perguntou Kitty, curiosa. – Para mim, dizia que é muito exigente, o que talvez venha dar na mesma.

_ Todos os franceses são esnobes – replicou Daisy. – Certa vez ouvi um boato muito aborrecido a respeito de Fabian. Diziam que não há nenhuma duquesa de qualquer um dos lados do canal da Mancha que ele não tenha levado para cama!

_ É um exagero mas talvez tenha uma ponta de verdade – observou Evie.- Pensando bem, todas as queridinhas de Fabian foram mulheres da nossa classe. E, naturalmente, Alice é filha de uma duque.

_ E isso não ajudou a prende-lo a ela! – exclamou Kitty.

_ Eu estava pensando nas outras mulheres com quem Fabian se divertiu... – disse Evie. – Isto confirma o boato de que ele insiste em que elas sejam sempre aquilo que é conhecido como “ *la creme de la creme*”.

_ Pois bem, vamos ver quem será seu novo par no baile de sábado.

A marquesa de Holme encarou-as com um brilho expressivo nos olhos.

_ Como ele terminou o caso com Alice, tenho a sensação de que agora será uma francesa.

_ Vamos apostar? – sugeriu Evie.

_ Não vou desperdiçar dinheiro – declarou Kitty. – E, para ser franca, estou pouco ligando para a mulher com quem Fabian possa vir a ter um caso, contando que ela não venha chorar no meu ombro, depois que a ventura terminar.

_ Parece que Alice lhe deu trabalho, Kitty – comentou Daisy.

_ Você sabe como ela é. – Chorou e ficou dizendo, o tempo todo, que não sabia como isso aconteceu, e quanto amava Fabian!

_ Não há duvida de que ela foi muito indiscreta. – Evie fez um muxoxo de desgosto. Todo o mundo sabe que eles foram para o sul da França. Ouvi dizer que se comportaram de maneira escandalosa, em Cannes. A verdade é que Alice nunca foi sensata.

_ Foi a primeira vez que ela se apaixonou – lembrou Daisy. – Como você sabe, Kitty, ela é uma mulher fria. E, quando essas mulheres despertam, sempre se comportam de um modo atroz.

A condessa de Pendock endireitou-se na cadeira, enquanto Kitty falava com uma nota de convicção na voz.

_ Creio que você acaba de nos dar o motivo de Fabian ter ficado entediado tão depressa.

_ Que quer dizer com isto? – perguntou Daisy.

_ Fabian gosta de acender um fogo, mas, quando nada mais pode acrescentar a ele, deixa que se consuma por si mesmo.

As outras duas encararam Kitty. Iam dizer alguma coisa quando o mordomo entrou na sala.

Houve silencio, enquanto ele se dirigia para a patroa, levando um cartão numa salva de prata.

Lady Birchington pegou o cartão, aborrecida:

_ Ah, esquece do seu aviso de que essa mulher ia voltar. Leve-a para a saleta.

_ Perfeitamente, milady.

_ Será que vale a pena eu vê-la? Como ela é Bateson?

O mordomo hesitou por um momento e depois respondeu:

_ É uma jovem senhora muito bonita.

Lady Birchington fitou-o, atônita.

_ Jovem senhora, Bateson?

_ Sim, milady.

Ela olhou outra vez para o cartão.

_ Não compreendo – disse.

O mordomo saiu em silencio, fazendo uma reverencia. Dali a um momento, Daisy perguntou:

_ Por que está preocupada, Kitty?

_ Estou surpresa com o que Bateson disse. Pedi a sra. Hunt que me mandasse uma criada de quarto que falasse francês. Não vou ficar em Paris com uma empregada inglesa que não saiba comunicar-se com o resto da criadagem, nem fazer compras para mim. Mas a agencia estava achando muito difícil encontrar uma empregada deste tipo.

Olhou de novo para o cartão e continuou;

_ Esta mulher trabalhou para a falecida condessa de Wallingham. Nunca ouvi falar em tal condessa.

_ Conheço o nome – informou Daisy. – E creio que ouvi meu pai falar do conde, mas tenho certeza de que nunca encontrei o casal.

_ Se você quer mesmo alguém que fale o francês, é melhor ver essa mulher, Kitty – sugeriu Evie.- E trate de agarrá-la, enquanto pode. Vou ter de levar minha criada, que não fala uma palavra de francês. Mas a verdade é que não tenho coragem de confiar minhas roupas a mais ninguém.

_ Sua criada Jones é indispensável – elogiou Daisy. – O mesmo digo a respeito da minha, que é um horror. Mas está comigo há dez anos. Kitty é que não tem tido sorte com as criadas particulares.

_ A que acaba de sair não era má – observou Kitty. – Alegou que a mãe estava morrendo para pedir dispensa. Então, lá vou eu ao mais elegante baile em Paris, sem ter nem mesmo quem desfaça minha mala!

_ Acho que deve ir falar com essa mulher – aconselhou Daisy.

_ Irei, sim, mas não estou compressa. Hoje vou jantar tarde.

_ Vá agora, para depois podermos continuar nossa fascinante conversa sobre Fabian – pediu Evie.

_ Este assunto de empregada é um aborrecimento – lamentou-se lady Birchington.

Mas levantou-se do sofá e dirigiu-se lentamente e com graça para a porta que o mordomo segurava.

Depois que ela desapareceu, Daisy disse:

_ É estranho que Bateson tenha descrito a criada como “jovem senhora”. Conheço-o há muitos anos. Foi nosso laçao, antes de vir trabalhar para Kitty, e nunca o vi cometer um engano sobre o *status* de uma visita.

Evie sorriu.

_ Sim. Bateson é excelente! E creio que, por maior azar que Kitty tenha tido com seus outros criados, tem sorte de poder contar com ele.

Nesse momento, o mordomo abria a porta da saleta onde estava Lina.

Depois que saíra da agencia da sra. Hunt, Lina fora para a casa de Belgrave Square, onde soube que lady Birchington estava almoçando fora e não voltaria antes das cinco horas.

Levou-a para a estação Vitória, que não ficava longe, disse-lhe que guardasse a mala na seção apropriada e que sentasse na sala-de-espera das senhoras, até a hora de voltar para Belgrave Square.

_ Ficaré segura, aqui, senhorita – aconselhara ele. – E, se quiser um conselho, não ande por aí sozinha. As ruas são perigosas para moças bonitas como a senhorita.

Lina agradeceu-lhe calorosamente e, quando quis dar-lhe uma gorjeta extra, o homem recusou.

_ Aceito o que é justo e dana mais. Guarde seu dinheiro, porque vai precisar, se não encontrar logo emprego.

_ Se eu não for aceita, o senhor pode me indicar um lugar onde eu possa ficar? – perguntou Lina.

Depois de refletir um pouco, o homem escreveu o endereço de uma pensão que afirmou ser respeitável e onde ela não teria aborrecimentos.

Lina não sabia o que ele queria dizer, mas supôs que houvesse lugares onde poderiam roubar seu dinheiro e suas roupas. Essa idéia era assustadora.

Fez exatamente o que ele aconselhou. Ficou sentada, desconsoladamente, na estação Vitória, ouvindo o ruído dos trens que entravam e saíam, até as quatro e meia da tarde.

E, pontualmente às cinco horas, estava em Belgrave Square.

Ficou impressionada, não tanto com o tamanho da casa, mas com a elegância da decoração.

Havia vasos enormes de cravos *malmaison* no saguão e na saleta para onde ela foi levada, perfumada o ar com sua agradável fragrância.

Quando lady Birchington entrou na saleta, com seu vestido de tarde de tom esverdeado, Lina achou que nenhuma mulher poderia ser mais bela, nem mais fascinante.

Ficou olhando para Kitty e somente quando esta se aproximou foi que se lembrou de que devia fazer uma reverencia.

Se Lina tinha ficado surpresa com a aparência de Kitty, bastou um olhar sobre a recém-chegada para que também a dona da casa ficasse admirada.

Bateson tinha razão. A candidata ao emprego não era apenas bonita, como certamente uma lady.

_ Quem é você? – perguntou lady Birchington, achando que talvez alguém estivesse brincando com ela.

_ Meu nome é Cromer.

_ Sei disto! Li o cartão que você trouxe, mas não me parece uma criada.

_ Eu estava com esperança de arranjar um lugar de governanta. Mas a sra. Hunt me disse que a senhora precisa de alguém saiba francês e é uma língua que falo corretamente.

_ Por que? Morou na França?

_ Não, senhora, mas estudei uma francesa e não tive dificuldade em aprender a ler, escrever e falar esse idioma.

_ Mas nunca foi criada particular?

Ao dizer isto, Kitty sentou-se numa poltrona, mas não mandou Lina acomodar-se também.

_ Eu cuidava das roupas da condessa de Wallingham, quando isto era necessário.

_ Acho que é moça demais para este emprego e também...

Lady Birchington parou subitamente. Ia dizer “bonita demais”, mas depois achou que seria um erro.

Viu a expressão de desapontamento do rosto da moça. Houve uma pequena pausa. Depois, Lina pediu:

_ Oh, por favor, de-me uma chance. Aprendo depressa e garanto que sou capaz de fazer exatamente o que a senhora... exigir de mim. Sei que me darei bem com os outros empregados... e afirmo-lhe que sou muito... adaptável.

Kitty encarou-a, antes de fazer uma observação desconcertante.

_ Você fala como uma pessoa muito educada.

_ Eu tive ótimos professores... – declarou Lina, acrescentando, um pouco tarde: - ... milady.

_ Foi por isso que achou que poderia ser governanta.

_ Tenho certeza, senhora, de que posso ensinar a crianças de qualquer idade.

Lady Birchington não respondeu. Ficou alguns segundos encarado-a.

De repente, levantou-se.

_ Permaneça aqui! Volto dentro de poucos minutos.

Saiu rapidamente da sala, deixando Lina atônita.

Uma dívida lhe passou pela cabeça. Será que tinha dito alguma coisa errada? Por outro lado, não fora despedida.

_ Por favor, meu Deus, fazei com que eu consiga este emprego. Tenho certeza de que sir Hector jamais me encontraria aqui... Eu nunca ouvi papai falar da família Birchington.

Não havendo razão para ficar de pé, agora que estava sozinha, Lina sentou-se e continuou rezando.

_ Vocês acham realmente que a moça é capaz de representar esse papel? Ela parece uma colegial – opinou a marquesa de Holme desconfiada.

Lady Birchington, ao contrario, estava eufórica.

_ É linda! Muito linda! A julgar por todos os padrões, até mesmo pelos nossos!

Notou a expressão incrédula de suas amigas e acrescentou:

_ Podem ver com seus próprios olhos.

Daisy Holme preferia não precipitar os fatos.

_ Espere um pouco! Sente-se e vamos refletir sobre o caso. O que você está sugerindo, Kitty, é que preguemos uma peça em Fabian. Entendi bem?

_ Vamos dar-lhe uma lição, da qual ele jamais se esquecerá!

Daisy riu, começando a se entusiasmar com a idéia.

_ Então, Kitty, sua sugestão é que levemos a moça a Paris, para fingir que se trata de uma pessoa importante? E acha que Fabian se apaixonará por ela? Por que haveria de se apaixonar?

_ É um jogo – disse Kitty.

_ Claro que é! Pelo que sabemos, talvez ele já tenha outra mulher e não se interessará pela nossa Venus de Milo.

_ Pelo que Alice me contou, acho que ele está sozinho.

_ Precisamos agir depressa, ou será tarde demais – comentou Evie.

Daisy também era dessa opinião. Afinal de contas, era sábado e iriam a Paris na próxima quinta-feira.

Houve silencio. Evie perguntou a Kitty:

_ Como é que você sabe que a moça é de classe media e respeitável?

_ Todas as governantas são da classe media. E é por isso que ela é. Em todo caso, vamos chamá-la aqui. Nada temos a perder.

_ Não, claro que não – concordou Daisy. _ E estou mesmo com vontade de ver essa criatura a quem Bateson se refere como uma “jovem senhora” e que você acha que será uma boa isca para pegarmos Fabian.

_ Se querem saber a minha opinião, tudo isto é muito forçado – objetou Evie. – Por outro lado, creio que seria extremamente divertido para nós, se Fabian fizesse papel de tolo com uma jovem que não é quem ele vai pensar.

_ É esta a questão – argumentou Kitty. – Ele se considera um bom juiz do caráter das pessoas, achando que sabe distinguir o verdadeiro do falso, e ficará furioso se provássemos que também ele enganou.

_ Tem razão, Kitty – disse Evie. – Certa vez, Fabian me disse: “Nenhuma mulher me enganaria. Sei quando mente, assim que abre a boca”.

_ Pois bem, acho que podemos enganá-lo – declarou Kitty.- Vamos mandar chamar essa moça?

_ Espero que não se ofenda se, depois que eu a vir, lhe disser que se engana, Kitty – disse Daisy. – Afinal de contas, teremos que vesti-la e paga-la para ir conosco a Paris. E ela terá que ficar com você, ou com uma de nós.

_ Vai ficar comigo. A idéia foi minha e terei de instruí-la para que não cometa erros, caso Fabian se interesse por ela.

_ E se não se interessar?

Lady Birchington riu.

_ Então, a moça pode voltar para a agencia da sra. Hunt e procurar outro emprego.

_ Que provavelmente será muito mais fácil do que o que vamos lhe oferecer!

As três riram e Kitty puxou o cordão da campainha.

_ Peça à Srta. Cromer que venha cá – ordenou Kitty, assim que Bateson entrou.

_ Muito bem, milady.

As três amigas nada mais disseram, até o mordomo voltar.

_ A Srta. Cromer, milady! – anunciou ele.

Lina entrou na sala e, ao aproximar-se do grupinho de senhoras, achou que aquele ambiente era ainda mais bonito do que a saleta. O perfume de cravos *malmaison* que estavam em vasos espalhados também pelas diversas mesas era penetrante.

Quando chegou perto das três amigas, percebeu que a olhavam com ar critico, o que fez com que erguesse o queixo.

Ao mesmo tempo, achou-as muito bonitas e desejou que sua mãe pudesse vê-las. Julgou reconhecer a marquesa de Holme, porque tinha visto seus retratos no *Ladies Journal*. Só que era muito mais bonita ao natural.

_ Estas são minhas amigas, Srta. Cromer, e gostaríamos que nos falasse a seu respeito.

Lina esperava por isto e perguntou:

_ O que deseja saber, milady?

_ Quem é seu pai? E o que ele faz?

_ Ele ... possui alguns acres de terra em Huntingdonshire.

_ Então, é fazendeiro – observou Kitty.

Lina não contradisse. Desejava mentir o mínimo possível. E seu pai, em certa época, tinha realmente sido fazendeiro. Mas achara o trabalho muito dispendioso, e em disso, arrendara as terras.

_ Sua mãe ainda vive?

_ Não, senhora... Morreu.

_ Você tem irmãos ou irmãs?

_ Não, senhora.

Kitty olhou para as amigas, como a pedir apoio. Daisy atendeu prontamente:

_ Você diria que pertence à classe media?

Lina se surpreendeu com a pergunta. Depois achou que era o que esperavam que fosse, como governata, e respondeu:

_ Creio que é uma descrição... adequada.

_ E você se considera respeitável? Em outras palavras, é uma boa menina?

Lina fitou-a, perplexa.

_ O que minha amiga está perguntando é se você costuma ter casos amorosos – explicou Evie.

_ Não... claro que não! – respondeu Lina, com firmeza.

Achou que elas se referiam a um comportamento semelhante ao de algumas criadas jovens de sua casa, que se encontravam com homens no parque, sentando-se abraçados sob as arvores, trocando carícias ousadas.

Provavelmente era o tipo de comportamento que lady Birchington não queria que ela tivesse, caso a tomasse como criada particular.

Mas só de pensar em amor, Lina lembrou-se de sir Hector. Antes que lhe fizessem novas perguntas, disse, quase zangada:

_ Garanto-lhe, senhora, que fui educada severamente. E, de qualquer forma, eu jamais teria esse comportamento!

Percebeu que lady Birchington sorria para as amigas.

_ Calculei que você pensasse assim, gostaria que me promettesse que, se for tentada a agir indiscretamente, ou se um homem lhe pedir que se comporte de um modo que seus pais considerariam impróprio, você lhe diga “não”.

Lina pensou que deveria se sentir insultada com essas perguntas, mas achou que provavelmente eram coisas que a dona da casa perguntava a quem viesse ali à procura de emprego.

_ Asseguro-lhe, senhora, que não estou interessada em homens e, sim, em encontrar emprego e fazer o que exigem de mim com a maior boa vontade.

De novo percebeu, pela expressão de lady Birchington, que tinha dito a coisa certa.

Kitty explicou:

_ Temos uma proposta para lhe fazer, Srta. Cromer. Acho que seria melhor sentar-se e ouvir.

Lina olhou à volta e viu uma cadeira perto do sofá onde lady Birchington se achava. Sentou-se na beirada, achando que seria um erro instalar-se muito confortavelmente.

Por um momento, Kitty pareceu não saber bem o que dizer. Depois perguntou:

_ Você já representou em alguma peça?

_ Somente em pequenas dramatizações por ocasião de festas familiares – respondeu Lina.

Lembrou-se das festas que sua mãe dava no castelo, quando havia vários jogos de salão, danças folclóricas e onde se encenavam peças textos simples.

_ Gostaria que você representasse um papel – disse Kitty.

_ Que espécie de papel?

_ Não vamos discutir isto agora – respondeu Kitty, olhando para as amigas, em busca de apoio.

_ Claro que você pode recusar – interveio Daisy. – Mas Kitty, creio que devemos deixar claro que, se a Srta. Cromer representar bem, será recompensada por seus esforços.

_ Sim, é claro.

Kitty percebeu que Daisy a avisava de que, sendo Lina tão respeitável, talvez se recusasse a fingir ser o que não era.

Não havia discutido isto, mas agora Kitty achou que tinha sido uma tola, não pensando que era necessário dar a moça uma recompensa.

_ Srta. Cromer, se fizer o que queremos e representar seu papel com sucesso, eu lhe darei cem libras, depois que voltarmos para a Inglaterra.

Lina ficou atônita.

Cem libras era uma quantia enorme e certamente muito mais do que ganharia como governanta, ou como criada particular.

Ocorreu-lhe, então, que talvez estas senhoras quisessem que ela fizesse uma coisa censurável. Disse, vivamente:

_ Antes de aceitar, milady, gostaria de saber o que desejam que eu faça.

_ Sim, é claro – concordou Kitty.

Respirou fundo e disse:

_ Quero que vá comigo a Paris e represente o papel de uma dama da sociedade. Não deve ser difícil, já que você me disse que teve uma boa educação.

_ Não compreendo... Por que desejam que eu represente esse papel?

Achou que, se quisessem que representasse num palco, recusaria imediatamente. Sua mãe sempre lhe dizia que as atrizes levavam uma vida muito agitada. E as amigas da condessa muitas vezes falavam dos rapazes que saíam com atrizes, em Londres, gastando com elas verdadeiras fortunas.

Ficavam horrorizadas com semelhantes comportamento, principalmente quando esses rapazes eram filhos delas.

_ Não se trata de uma peça de teatro – explicou Kitty. – Você vai fingir que é minha amiga e que pertence à sociedade a que pertencço. Todas nós vamos a um baile, no próximo sábado, dado pelo duque de Saverne, em Paris. Desejo que você procure ser-lhe agradável, como qualquer dama o faria. E espero que ele a ache atraente.

Lina arregalou os olhos.

_ Continuo não entendendo... Por que a senhora deseja que eu... aja assim?

_ Isso é da nossa conta! – respondeu Kitty, asperamente.- Não há motivo para você saber mais do que lhe contei. Creio que qualquer mulher na sua posição pularia de alegria ante a oportunidade de uma visita a Paris, mesmo que não fosse por outro motivo.

_ Claro que eu gostaria de ir a Paris – declarou Lina. – mas não compreendo exatamente o que desejam que eu faça... e tenho medo de... fracassar.

_ Tenho a impressão de que você será muito competente.

Kitty olhou para as duas amigas, como a pedir confirmação, e viu que elas concordavam.

Lina não imaginava nem de longe que, só por ela ser tão bonita e parecer tão sincera, as três senhoras achassem que nenhum homem, e principalmente o duque, poderia deixar de achá-la irresistível.

_ Então, está decidido – afirmou Kitty, em tom triunfante.

_ Acho que a Srta. Cromer não está totalmente convencida – disse Daisy. – Assim sendo, tenho uma sugestão a fazer.

_ O que é? – perguntou Kitty.

_ Se você vai dar cem libras à Srta. Cromer, no fim da viagem, estou disposta a dar mais cinquenta antes de partimos. E tenho certeza de que Evie fará o mesmo. Isto significa que ela receberá duzentas libras em pagamento de uma tarefa que, na minha opinião, não será muito árdua.

_ Duzentas libras! – murmurou Lina.

Mal podia creditar!

Sabia que isto significava que não precisaria voltar ao castelo durante muito tempo, que sir Hector acabaria perdendo a esperança de encontrá-la.

Era, naturalmente, uma proposta muito estranha e Lina ainda não sabia o que esperavam dela, exatamente.

Depois, com uma sensação de alegria, pensou que comparecer a uma grande baile seria exatamente o que sua mãe teria desejado para ela.

Tinha certeza de que um baile onde lady Birchington e suas amigas compareciam seria como os que eram descritos nas colunas sociais.

_ Muito obrigada - disse, olhando para Kitty. – Tenho muito prazer em aceitar sua proposta e prometo que farei todo o possível para me sair bem.

_ Era isto o que queríamos que dissesse. – declarou Kitty. – E, agora, temos quatro dias para arranjar-lhe roupas apropriadas e instruí-la sobre o que deve fazer.

Olhou para as amigas e continuou:

_ Vou precisar da ajuda de vocês, principalmente no que diz respeito a roupas. Sabem perfeitamente que não poderíamos encomendar nada que ficasse pronto em quatro dias.

_ Claro que não – concordou Evie. – Como a Srta. Cromer é mais ou menos do meu tamanho, creio que tenho inúmeros vestidos que lhe servirão, depois de algumas pequenas alterações.

_ É melhor darmos a ela em vestido sensacional para o baile – sugeriu Daisy – Para dizer a verdade, encomendei um que está quase pronto. Estou disposta a me sacrificar e usar um outro que ainda não vesti em Paris. Espero que reconheça. Kitty, que minha contribuição é valiosa.

_ Obrigada, Daisy. Sei que o aparecimento da heroína no primeiro ato é muito importante, mas estou pensando é no que vai acontecer no *terceiro*!

_ Oh, Kitty, você tem engendrado planos malucos, mas creio que este é o mais maluco de todos, embora seja, ao mesmo tempo, bastante intrigante! A verdade é que sempre achei que você tem inteligência muito ágil!

_ Pode deixar os elogios para mais tarde, Daisy – respondeu Kitty, com condescendência. – Neste momento, temos que pensar em Fabian e no que todas nós lhe “devemos” de um jeito ou de outro!

_ Sim, naturalmente – concordou Daisy, rindo. – É a palavra exata, Kitty. Nós lhe “devemos” uma surpresa especial e é exatamente o que ele vai ter!

CAPITULO III

Alguns dias depois, Lina embarcava no trem a caminho de Paris. Assim que se viu acomodada, pôs-se a recordar todas as transformações ocorridas em sua vida e teve a impressão de que tudo era apenas um sonho. Mal podia acreditar que as últimas experiências por que passara não fossem produtos da sua imaginação.

Tinha consciência de que precisava reunir o máximo de autoconfiança e otimismo possível e torcer para que nada desse errado. Afinal, a sorte havia sido lançada e agora era fundamental que desempenhasse bem seu papel.

Com as economias que possuía e as cem libras que depositara no banco, teria condições de se estabelecer, começar uma vida nova quando retornasse a Londres.

Essa situação lhe proporcionava uma certa segurança. Caso se sentisse infeliz ou lhe pedissem algo que julgava reprovável, havia a possibilidade de voltar atrás e devolver parte do dinheiro, que recebera de lady Birchington e suas amigas. Dessa forma, estaria livre para encontrar outro emprego, e então saldar o resto da dívida com a patroa.

Nos dias passados em Belgrave Square, Lina descobrira que lady Birchington era uma pessoa muito determinada. Tinha um gênio forte e em geral conseguia o que queria.

Os criados morriam de medo dela. Lina também a temia, embora dissesse a si mesma que não havia motivo para isso.

Entretanto, não podia evitar a sensação de estar caminhando sobre um terreno pantanoso, que cederia a um passo em falso. Atribuía esse mal-estar ao inédito de toda a situação. Sua vida, hábitos, trajes se afiguravam muito diferentes de tudo o que havia até agora, e Lina não se sentia à vontade com seu novo papel.

Lembrou-se de uma situação constrangedora, quando a patroa, entregado-lhe os primeiros vestidos que usaria, ignorara-lhe os agradecimentos.

_ Muito obrigada! São lindos, e vou ter muito cuidado para não estragá-los, antes de devolvê-los à senhora.

_ São seus – replicou lady Birchington, asperamente. – Pode ficar certa de que não vou mais precisar deles.

Lina sorriu, porque teria sido tolice não ficar contente por ganhar uns vestidos que não apenas tinham custado caro, mas a faziam ficar muito bonita.

Quando os experimentou e mirou-se no espelho, percebeu que sua aparência mudara totalmente. Nunca imaginara que um dia teria saias de baixo de cetim, meias de seda, ou iria vestir-se de um modo que faria com que parecesse uma estranha aos seus próprios olhos.

“É absurdo achar que o habito não faz o monge”, pensou com um sorriso nos lábios.

Lina compreendia que, embora possuísse uma beleza natural que mesmo quando pobremente vestida chamava a atenção, estava mil vezes mais atraente e sedutora agora, envolvida por aquelas roupas luxuosas.

Cada vez que se olhava no espelho, pensava estar vivendo um conto de fadas. Até ali tudo tinha sido muito bom, e sua alegria ofuscava-se apenas com a lembrança de que lady Birchington e as amigas pudessem vir a pedir-lhe algo censurável em troca dos favores com que a favoreciam.

Ficava apreensiva ao notar como as três pilheriavam umas com as outras. Ouvia observações, para ela incompreensíveis, e tinha a sensação de que tramavam alguma coisa censurável.

Ao mesmo tempo, achava que seria estupidez não aceitar a dádiva que os deuses lhe mandavam: uma viagem a Paris!

_ Gostaria de levá-la a Paris meu bem. – A mãe de Lina dissera, mais de uma vez. – Seu pai e eu estivemos lá em nossa lua-de-mel. É uma cidade muito romântica e bonita! Acho que, na verdade, deveria chamar-se Cidade do Amor.

A condessa estava tão bonita, ao falar isso, que Lina desejara também ter lembranças que provocavam a expressão dos olhos e o sorriso que via nos lábios da mãe.

A simples visão do nome de Paris no mapa levava-a a vislumbrar uma cidade cercada de luz e alegria. Por isso, não podia imaginar nada mais excitante do que conhecer o povo francês e descobrir, sem ser pretensiosa, que falava a língua corretamente.

“Devo agradecer à minha boa estrela!”, pensava Lina, todas as noites no escuro do quarto pequeno, mas agradável, que lhe fora destinado na casa de lady Birchington.

Além do luxo, conforto e comida deliciosa, estava a salvo de sir Hector. Ele nunca poderia entrar no mundo onde lady Birchington e suas amigas brilhavam como estrelas.

_ Obrigada! Obrigada, meu Deus! – dizia, em suas orações, inúmeras vezes.

Na primeira noite em Londres, lady Birchington dissera:

_ Vamos começar já agir como faremos daqui por diante. Mandarei alguém buscar sua bagagem, embora credite que não há nada ali que você possa aproveitar. Vai ser minha amiga, lady Littleton, enquanto estiver hospedada aqui.

Após uma discussão, na qual a moça não tomara parte, Kitty e as amigas haviam resolvido que este seria o novo nome de Lina.

Tinham folheado o Debrett, até que Daisy argumentou:

_ Estamos perdendo tempo. Fabian acha que seu instinto vale mais do que qualquer livro de referências. Tenho certeza de que aceitará o título de Lina, sem discutir.

Conservaram o primeiro nome dela porque era bonito, conforme Kitty reconheceu meio contra a vontade.

_ E quanto a Bateson? – perguntou Evie, lembrando-se de que o mordomo vira a moça procurando emprego.

_ Não há necessidade de nos preocuparmos com ele – tranqüilizou Kitty. – Bateson é a descrição personificada. Se eu lhe disser que o sobrenome de Lina é Littleton, ele esquecerá que ela se apresentou aqui com outro.

_ Acho Littleton bem escolhido – comentou Daisy. – E onde se supões que o marido dela esteja?

_ Pescando na Escócia, interessado apenas nos peixes que conseguir – respondeu Kitty. – Os homens são todos iguais!

_ É melhor dizermos que o marido de Lina é muito mais velho do que ela e que não se interessa muito pela esposa. Tenho certeza de que isto fará com que Fabian se veja no papel de cavalheiro andante.

_ Um papel no qual é perito! – ironizou Daisy

As três amigas riram, enquanto Lina esforçava-se para entender o significado daquelas palavras.

A princípio, ficara preocupada em descobrir quem seria Fabian e o que tinha a ver com aquela encenação. Mas logo se viu envolvida por uma infinidade de instruções sobre o comportamento que precisava ter e as pessoas que conheceria, e não pensou em mais nada.

Passava horas a fio provando vestidos, para que as costureiras fizessem as alterações que fossem necessárias.

Via-se tão ocupada nessa atividade que não se sentia negligenciada por ficar em casa, quando lady Birchington ia visitar as amigas, ou comparecia a um jantar ao qual, naturalmente, ela não fora convidada.

“Pelo menos, irei a um baile em Paris”, consolava-se Lina, sabendo que essa seria a coisa mais excitante de sua vida.

O vestido que Daisy lhe dera era tão bonito que Lina chegava a duvidar de que iria usá-lo.

Kitty levava-a á loja de Lucille e explicara à modista que, como Lina chegara inesperadamente a Londres e ia acompanhá-la a Paris, a marquesa fazia a gentileza de desistir de sua roupa quase pronta, para que fosse adaptada ao tamanho de Lina.

O vestido não podia ser mais sofisticado e maravilhoso, e Lina entusiasmou-se ao vê-lo. Era branco, e na ampla saia e no corpete justo havia detalhes prateados e bordados de *strass*, que reluziam quando ela andava.

_ É lindo! Como é que a senhora pode dá-lo a mim? – perguntou à marquesa num ímpeto.

Daisy sorriu de maneira enigmática e disse com condescendência:

_ Estou disposta a fazer um sacrifício por uma boa causa.

Lina não tinha a mínima idéia do que seria essa “boa causa”, embora intuisse que se relacionava com o homem de quem as três falavam incessantemente e que se chamava Fabian.

Somente na véspera da viagem a Paris, soube que o baile de sábado à noite seria dado por ele.

Essa referencia ao desconhecido a fez perguntar-se por que as três amigas preocupavam-se tanto com Fabian e a conversa delas sempre tinha duplo sentido e insinuações incompreensíveis para ela.

Mas agora Lina sabia que toda sua tarefa estava de certo modo relacionada a ele. Percebeu também, e isso a divertiu, que a patroa ficara surpresa com suas boas-maneiras e correção à mesa. Sabia que Kitty devia estranhar a naturalidade com que ela conversava com lorde Birchington, sem jamais parecer constrangida. Mas ignorava os comentários favoráveis que o dono da casa fizera a seu respeito.

_ Moça simpática, essa sua nova amiga. Bem-educada e inteligente. É uma pena que você não tenha mais amigas do mesmo tipo.

_ Estou contente por você gostar dela, George – retrucara Kitty, discretamente.

_ É sensata, o que não se pode dizer da maioria das moças que a gente encontra hoje em dia – continuou lorde Birchington. – Como é o marido dela?

_ Há anos que não o vejo, mas muito mais velho do que ela.

_ Pois bem, não deixe que Lina se meta em encrencas, enquanto estiver em Paris – recomendou o lorde. – Não se pode confiar nesses franceses e ela é bonita demais para andar por lá sozinha.

_ Farei o possível para tomar conta dela, querido.

Ao dizer isto, Kitty sorriu. Obviamente, Lina despertara o instinto protetor de George, talvez, com um pouco de sorte, despertasse a mesma reação em Fabian.

Pensar no duque fazia com que Kitty tivesse vontade de cerrar os dentes, apertar as mãos e gritar ao mundo o quanto desejava puni-lo por tê-la abandonado.

Sabia que, de certo modo, seria uma vingança agri-doce, caso ele se interessasse por Lina, porque acreditava que ser amada por Fabian, mesmo por um curto espaço de tempo, era melhor do que não conhecê-lo.

Depois, tentou convencer-se de que o odiava. Claro que o odiava! E nunca o perdoaria por ter se cansado dela, pondo-a de lado, como fizera com todas as mulheres com quem tivera um caso. Os romances dele eram sempre uma aventura breve, mas maravilhosa, que quando acabavam deixavam a mulher chorando inconsolável.

“Isto vai castigá-lo”, prometeu Kitty, “sim, vai ser um castigo para ele, quando o desenlace chegar!”

Ela faria com que Fabian soubesse que Lina não passava da filha de um fazendeiro, preparada para enganá-lo e ia divertir-se com a cara de tolo do antigo amante. Ser ludibriado era coisa que Fabian nunca admitiria que lhe acontecesse na vida.

À noite, com George roncando a seu lado, Kitty lembrava-se de como a amor de Fabian a consumira como um fogo ardente. E sabia que nenhum homem jamais despertara ou despertaria nela essas emoções.

Mas um dia tudo acabara e Fabian saíra de sua vida, embora ela não o esquecesse. Agora, ela iria provar o doce sabor da vingança.

A marquesa de Holme e Evie admiravam-se da habilidade com que Lina representava seu papel, e não poupavam comentários.

_ Por mais perceptivo que Fabian seja, tenho certeza de que ela o enganará, Daisy – disse Evie.

_ Concordo com você. E temos a vantagem de saber que Fabian é francês. Qualquer falha ou escorregadela por parte de Lina, que seriam óbvias para um inglês, provavelmente não serão notadas por ele.

_ É melhor não confiar muito nisso! – prevenira Kitty. – Fabian freqüentou o colégio, na Inglaterra, durante vários anos, e também em Oxford. Passa grande parte de seu tempo aqui em Londres. E, a maioria de seus casos amorosos são com inglesas, como aconteceu conosco.

_ É verdade – concordou Evie. – O mais importante, Kitty, é evitar que essa moça cometa gafes muito evidentes, que possam ser notadas por Fabian.

Lady Birchington refletiu que era estranho como Lina cometia poucos erros. O melhor era que a moça se mostrava inteligente o bastante para perguntar, quando tinha alguma dúvida.

Apesar de ninguém lhe explicar o motivo por que a levavam a Paris, fingindo ser casada, Lina sabia, instintivamente, que as três amigas estavam planejando castigar o duque.

Mas não podia imaginar os motivos que as faziam desejar isso.

Sabia apenas que, para elas, era essencial que Lina representasse seu papel de maneira convincente e que Fabian acreditasse que ela passara toda sua vida de casada num lugar isolado, no norte da Inglaterra.

_ Isto explicará por que você sabe tão pouco sobre a vida social – justificou Kitty.

Fez uma pausa e continuou:

_ Lina, você vai dizer que mora na propriedade de seu marido em Yorkshire, onde ele tem uma bela mansão e é um senhor rural querido e respeitado.

_ Devo aparentar riqueza?

_ O suficiente para ter o tipo de roupas que está usando – esclareceu Kitty. – E seu pai também era nobre. Espere um pouco... Que nome diremos que era o seu, antes de casar?

Não esperando pela resposta, disse:

_ Combe vai servir. Conheci uma família Combe, quando estive em Yorkshire, e podemos dizer que eram vizinhos de seu marido. Que tal?

Por um momento, Lina sentiu-se tentada a dizer que seria um erro chamá-la pelo nome de batismo.

Depois, lembrou-se de que Combe não era um nome incomum e que ela possuía inúmeros parentes espalhados pelas Ilhas Britânicas.

Mas era uma estranha coincidência que, ao escolher um nome para ela, lady Birchington tivesse optado exatamente pelo sobrenome verdadeiro de Lina. Achou isso divertido, e era uma pena que tivesse que guardar segredo sobre este particular.

“Mas tarde, dará uma boa história!”, pensou Lina antes de responder:

_ Acho o sobrenome Combe muito bonito.

_ Então, não o esqueça – recomendou Kitty. – Mas, a não ser que a pressionem, não faça comentários sobre sua vida. É perigoso. Além do mais, os homens gostam de ser o centro das conversas.

Lina pensou que isto era verdade. Todos os amigos de seu pai contavam sobre si mesmos quando iam ao castelo, das aves que tinham abatido, dos peixes que haviam pescado, das corridas que tinham vencido.

Percebia que também lorde Birchington fiava encantado por falar das coisas que lhe interessavam, quando Lina lhe dava atenção.

Na véspera da partida para Paris, Kitty deu um jantar íntimo.

As convidadas eram a marquesa e a condessa. Como os maridos delas tinham compromissos, Kitty convidou dois outros homens, porque desejava conhecer a opinião deles sobre Lina.

Usando um vestido que tinha pertencido a Evie, com um penteado que a tornava muito elegante, Lina fez um verdadeiro sucesso.

Seguira as instruções de Kitty para que não se exibisse demais e limitou-se a falar moderadamente e a escutar os dois convidados com a mesma atenção com que ouvia o pai. Anos antes sua mãe lhe dissera que uma conversa se torna mais agradável quando existe “diálogo”.

_ Quero que você tenha opinião própria. Mas, querida, não procure impô-la aos demais. Muita gente se esquece de ouvir a opinião dos outros.

Lina refletiu sobre isso e entendeu o que falecida condessa pretendia inculcar-lhe.

_ No futuro, você vai inspirar muito homens, querida, só pelo fato de ser você mesma. E lembre-se de que é sempre mais fácil guiar um homem do que dominá-lo.

Depois da morte da mãe, Lina muitas vezes pensou nisto e achou que a condessa tinha razão.

Mais tarde, na sala, quando os convidados conversavam em voz baixa com lady Birchington, Lina calculou que não queriam que ela ouvisse que a estavam elogiando. Mesmo assim apurou os ouvidos e conseguiu escutar o que falavam.

_ A moça mais atraente e inteligente com quem já conversei – disse um deles. – Que tal o marido dela?

_ Velho e maçante – respondeu Kitty.

Viu um brilho no olhar de seu convidado e não se admirou quando ele disse.

_ Depois que você voltar de Paris, Kitty, espero que me convide de novo para jantar. E talvez eu possa convidá-la, a lady Littleton, para irmos ao teatro.

O homem que se sentara do outro lado de Lina à mesa foi muito mais caloroso.

_ Onde é que a descobriu, Kitty? Não vai acreditar, mas tenho a impressão que estou ficando apaixonado.

_ Por que não, D’Arcy? – perguntou Kitty. – é o que você tem feito a vida inteira, a intervalos regulares.

_ Sei, sei! Mas me parece que agora vai ser diferente. E estou velho demais para sofrer, cortejando uma mulher mais moça do que eu.

_ Então, deixe-a em paz – recomendou a anfitriã, sabendo que ele lhe obedeceria.

O jantar havia terminado e Kitty e Lina subiram. Lorde Birchington ficou embaixo, para tomar um último drinque.

Lá em cima, Lina agradeceu:

_ Obrigada. Todos foram muito amáveis comigo e não posso encontrar palavras para lhe agradecer.

_ Ainda há muito o que fazer antes de você achar que precisa agradecer – replicou a patroa. O verdadeiro teste é amanhã.

_ Sim, eu sei. E hoje a noite vou rezar para não decepcioná-la.

_ É uma boa idéia – aprovou Kitty. – Precisamos de toda a ajuda possível, quer venha do alto ou de baixo.

Era o tipo de observação que teria feito com os convidados ao jantar rissem, mas Lina apenas ficou perplexa.

Quando foi párea o quarto, ficou imaginando novamente por que motivo devia tomar parte dessa “encenação”, e o que lady Birchington e suas amigas lucrariam com isso.

“Gostaria que elas me dissessem a verdade”, lamentou Lina. “Ao menos não me sentiria como um fantoche!”.

Quando deitou-se na cama, depois de se despir com a ajuda de uma criada, disse a si mesma que estava sendo ingrata. Ao fugir de casa, jamais imaginara que embarcaria naquele tipo de aventura algum dia.

Em vez de estar deitada numa cama confortável, vendo no quarto várias malas com os vestidos mais encantadores que já tivera oportunidade de ver, ela poderia estar a esta hora tomando conta de algumas crianças levadas e sendo criticada pela mãe delas por não saber controlá-las.

_ Tive sorte, muita sorte – murmurou Lina, rezando uma oração de agradecimento, como fazia todas as noites desde que viera para Belgrave Square.

Apesar disto, tinha uma leve sensação de medo, pois sabia que o alvo daquilo tudo era o duque de Saverne.

Aos poucos, percebera que a encenação da qual iria participar tinha relação com Fabian, o anfitrião do baile de sábado. E era dele que as três amigas falavam o tempo todo, esperando que viesse a se interessar por Lina, embora ela não pudesse atinar por que.

“Deve haver centenas de mulheres em Paris, para diverti-lo”, repetia Lina, para si mesma.

Um dia, enquanto experimentava os vestidos que Kitty lhe dera e que estavam sofrendo as alterações necessárias, lhe ocorreu um terrível pensamento: que Fabian talvez fosse um homem repulsivo, tão horrível quanto sir Hector.

Não podia atinar de onde lhe viera a idéia, mas pensou que talvez ela estivesse sendo levada a Paris para que ele a desejasse do mesmo jeito com que sir Hector a desejara.

Se isso fosse verdade, por que achavam necessário que Lina fingisse ser casada, vivendo em companhia do marido?

Refletiu a respeito durante muito tempo. Ficou acordada até tarde e, como não chegasse a nenhuma conclusão, no dia seguinte encheu-se de coragem para perguntar a Kitty:

_ O cavalheiro de quem falam tanto e que se chama Fabian é o duque de Saverne que vai dar o baile, no sábado à noite?

_ Sim, naturalmente! Pensei que você já tivesse percebido! – replicou Kitty, asperamente.

_ É... velho?

_ Velho? – espantou-se Kitty. – Não! Claro que não! Por que pergunta uma coisa dessas?

_ Achei que, já que é um duque... – respondeu Lina, desajeitadamente.

_ Fabian herdou o título quando tinha vinte anos. E isto aconteceu há doze anos.

Lina soltou um suspiro de alívio. Ainda curiosa, perguntou:

_ Suponho que seja casado e que a esposa o acompanhará ao baile.

_ Vejo que você tem muita imaginação. Não! O duque de Saverne é solteiro, embora varias mulheres em ambos os lados do canal da Mancha tenham tentado levá-lo ao altar.

Houve uma pausa. Kitty continuou, como se não tivesse vontade de dar maiores informações:

_ O duque vai dar o baile em homenagem à irmã mais moça, que acaba de ficar noiva. Mas não precisa dessa desculpa para receber os amigos!

O que lady Birchington disse, fez com que tudo parecesse ainda mais incompreensível a Lina.

Se o duque era moço e tão importante socialmente, não parecia viável que a notasse no meio de tantas damas, suas ilustres convidadas, tanto da França, como da Inglaterra.

Apesar disso, Lina sabia que estava sendo preparada, e tinha recebido um nome novo, um título e uma aliança, só para representar um falso papel que enganasse o duque.

“Fabian tem um olho de lince, quando se trata de mulheres.”

“Fabian diz que a voz de uma mulher é o traço mais importante de sua personalidade.”

“Fabian diz que uma mulher deve deslizar no assoalho, e não andar como um paquiderme.”

Em cada ocasião que uma das “três beldades”, como Lina as tratava mentalmente, dizia uma coisa destas, Lina percebia que era uma lição sobre o comportamento que ela deveria ter. E isto a deixava cada vez mais perplexa.

Ficou imaginando, já que devia representar um papel para um único espectador, o que aconteceria se Fabian não a aplaudisse, como as três amigas esperavam, e simplesmente não tomasse conhecimento dela.

“Neste caso, com certeza, cairei em desgraça e me mandarão de volta para casa”, concluiu, desconsolada.

Lembrou-se depois das cem libras que depositara no banco Piccadilly, em seu nome verdadeiro. O dinheiro lhe pertencia, as coisas em Paris dessem certo ou errado.

Nesse meio tempo, não compreendia direito o que lady Birchington e suas amigas achavam o que era “certo”. Obviamente, esperavam que Fabian se sentisse atraído por Lina. Então, por que fingir que era casada?

Sabia que seria a parte mais difícil de sal representação: falar sobre o marido que se supunha estar pescando na Escócia, em vez de estar ao lado dela, em Paris.

_ Não compreendo – repetiu para si mesma, inúmeras vezes.

De certo modo, era difícil expressar o que sentia e, portanto, não sabia o que perguntar às três amigas.

Para dizer a verdade, Lina tinha um pouco de medo delas, principalmente de lady Birchington.

Tinha ouvido como Kitty se dirigira à nova criada, mandada pela agência.

_ Já que você vai comigo, não me importo de ter uma criada particular que não fale francês – dissera Kitty a Lina. – Além do mais, estou vendo que é quase impossível arranjar uma com esses requisitos. É incrível como as classes inferiores são incultas.

Sabe que farei tudo pela senhora, quando estivermos em Paris – afirmou Lina.

_ Bem isso significa que, quando se tratar de fazer compras, você poderá levar a criada junto e trazer todas as coisas de que eu necessitar?

_ Claro, terei prazer em servi-la.

Kitty informara-a de que a sra. Hunt lhe tinha mandado uma criada que trabalhara nas melhores casas e tinha deixado o último emprego apenas porque a patroa morrera.

A criada demonstrava ser uma mulher muito nervosa, e Lina logo teve pena dela. Assim, quando ela fora ao seu quarto com um recado, Lina oferecera-se para auxiliá-la:

_ Posso ajudá-la, se você tiver muito serviço.

A empregada fitou-a, atônita.

_ É muita bondade sua, milady.

_ Sei que vai haver trabalho demais durante os preparativos para esta viagem, de modo que, quando você achar que não dará conta do serviço, venha falar comigo, que a ajudarei.

Sorriu e acrescentou:

_ Para dizer a verdade, costuro muito bem e costumava ajudar na confecção de minhas roupas.

Quase dissera o verbo no tempo presente, mas percebera a tempo que seria um erro e tratou de mudar de assunto:

“Preciso ter cuidado”, censurou-se. “Lady Birchington ficaria muito zangada, se meu disfarce não fosse perfeito.”

Quando a criada, que se chamava Nora, fora contratada, Lina percebera que, pelo jeito como lady Birchington lhe dava ordens, ela escapara de boa!

Lina ajudava a nova criada sempre que possível. Quando partiram para Paris, sabia que Nora não apenas lhe estava muito grata, como começara a depender de sua ajuda.

O estilo e o luxo em que viajaram e que, certamente, era o que lady Birchington e suas amigas estavam acostumadas divertiram Lina, deixando-a um tanto espantada.

Um vagão particular as esperava quando chegaram a Calais, e Lina soube que isso devia-se à intervenção do duque. As criadas das três senhoras e o laçao de quarto de lorde Birchington dispunham de um compartimento só para eles. Os patrões se instalaram num salão confortável, onde havia até mesmo leitos, onde poderiam tirar um cochilo, se desejassem, antes de chegarem à *Gare Du Nord*.

Lina guardou suas impressões, sabendo que as pessoas com quem viajava consideravam esse conforto a coisa mais natural do mundo.

Ficou admirada ao ver que lorde Birchington era o único homem do grupo. Mas soube, pela conversa, que o marques de Holme e o conde de Pendock achavam Paris muito maçante quando iam lá em companhia das esposas.

Por uma razão que Lina não compreendia, os dois detestavam o duque.

A conversa no trem, de Londres a Dover e depois de Calais a Paris, girou sobre pessoas que Lina não conhecia. As “três beldades” contavam anedotas sobre pessoas de suas relações, rindo com certo despeito.

Esse tipo desagradável de conversa estragava a viagem para Lina, e ela mudou de lugar, indo apreciar a paisagem da janela.

O nordeste da França era exatamente como havia imaginado: plano, sem sebes, o que lhe pareceu muito estranho após fileiras de árvores e arbustos da Inglaterra.

Os ciprestes que ladeavam as estradas, assim como o colorido dos campos de varias culturas, possuíam uma beleza própria, realçada pelos raios de sol que já se punha no horizonte.

Lina viu-se refletida no espelho e achou difícil reconhecer-se usando aquele elegante vestido de viagem, que tinha pertencido à condessa de Pendock.

O chapéu, enfeitado de penas de avestruz da mesma cor da roupa, era o Maximo da sofisticação. Lina jamais pensara que um dia iria usar qualquer coisa semelhante.

Percebeu também que estava usando as roupas de uma senhora casada e não de uma mocinha. Mesmo depois de cinco dias, achava estranho usar uma aliança. Quando tirava a luva, tinha a impressão de que o anel piscava, quase como uma luz de alerta no mar.

Imersa nesses pensamentos, quase nem se dava conta de que o trem avançava em meio às sombras do crepúsculo que caía. Os ciprestes agora pareciam apontar, como dedos negros, para as estrelas que surgiam no firmamento.

Lina teve um estremecimento de medo, mas não identificou se a causa era o que a esperava em Paris, ou a possibilidade de decepcionar lady Birchington.

Estava convicta de que não poderia haver maior sorte do que ser levada a Paris. Nunca, nem mesmo em seus sonhos mais loucos, pensara que algum dia viajaria para o exterior.

Lembrava-se do que a mãe lhe falara sobre Paris: o Palácio de Versalhes, a Torre Eiffel, o Sena, os quadros do Louvre, o Arco do Triunfo, a Place Vendôme com a estatua de Napoleão. Excitava-a a idéia de conhecer essas maravilhas de perto.

Nunca poderia ser grata o suficiente a lady Birchington pela oportunidade de fazer essa viagem.

Depois, como uma sombra que surgisse à sua frente, recordou-se do duque.

_ Por que preciso representar esse papel para enganá-lo? – perguntou-se.

A essa altura, sabia que lady Birchington e suas amigas estavam querendo pregar uma peça nele, mas não imaginava o que lucrariam com isso.

Na noite anterior, tivera dificuldade em conciliar o sono, não apenas por estar excitada com a proximidade da viagem como também por estar um tanto inquieta e talvez com medo de que o duque percebesse imediatamente que ela estava apenas encenando um papel.

Lady Birchington lhe explicara o que ela deveria dizer ao duque.

_ Se ele lhe pedir que fale sobre seu marido e seu lar, Lina, diga o mínimo possível. Indague a respeito dele. Deve lisonjeá-lo, dizer que ouviu falar de sua importância e dos tesouros que possui.

_ A senhora já me falou das casas e das vastas propriedades que ele tem.

_ Ah, peça-lhe que fale de seus quadros.

_ Lembra-se de alguns? – perguntou Lina.

Kitty sacudiu a cabeça.

_ A pintura me aborrece, mas sei que a coleção de Fabian é maravilhosa. Peça-lhe apenas que descreva alguns quadros.

Lina quis perguntar se Fabian não iria achar isso maçante.

Parecia-lhe estranho que fosse levada a Paris para conversar sobre quadros com um homem que pertencia à alta sociedade, quando não fazia a mínima idéia a respeito daqueles tesouros.

“Deve haver outras coisas que lhe interessem”, pensou . um tanto desanimada, perguntou:

_ O duque possui cavalos?

_ Claro que possui – respondeu Kitty. – Ele ganhou o *Grand Prix*, na semana passada.

Lina sabia que era uma corrida importante. Se Fabian fosse inglês, teria sido fácil procurar seu nome no jornal esportivo que o pai recebia todas as semanas.

Infelizmente, nada sabia a respeito dos cavalos franceses, nem conhecia nenhum jornal francês que tratasse de esporte.

_ A senhora pode me falar mais respeito do duque?

_ O que deseja saber?

_ Já que ele vai ser nosso anfitrião, e como me parece que estou representando este papel por causa dele, creio que preciso saber mais alguma coisa a seu respeito.

_ Não há necessidade! – replicou Kitty. – Ficaré sabendo tudo quando chegarmos a Paris. Agora, vá trocar de roupa, ou ficará atrasada para o jantar.

Ao dizer isso, a patroa dirigiu-se para o quarto e, inexplicavelmente bateu a porta.

“Preciso descobrir certas coisas, por mim mesma”, refletiu.

Lina sabia que o duque tinha providenciado hospedagem para os convidados. E agora, quando o trem entrava na *Gare Du Nord*, esperava que fossem encaminhados para um hotel.

Em vez disso, soube que ela e lady Birchington iriam hospedar-se em casa das primas do duque, nas *Champs Elysées*. A marquesa e a condessa seriam acomodadas com uma tia do duque, que possuía uma grande mansão nos arredores de Paris.

_ Com certeza lá haverá outros hóspedes, Kitty – disse a marquesa. – Por outro lado, é maçante ficar isolada de Paris! Tenho inveja de você, que vai para casa da condessa de La Tour.

_ Estou um pouco apreensiva sobre o que Yvonne irá pensar de Lina – confessou Kitty.

Daisy ergueu as sobrancelhas. Depois riu.

_ Compreendo o que você quer dizer. Acha que ela vai gostar da competição.

_ Yvonne tinha certo ressentimento a meu respeito. Agora, acha que não ofereço mais perigo no que diz respeito a Fabian, mas com Lina a coisa é outra!

_ Esta querendo dizer que ela ainda pretende casar-se com Fabian?

_ Claro que sim! Está apaixonada por ele há anos! Tinha certeza de que Fabian cederia à pressão da família e se casaria com ela, cedo ou tarde. Além do mais, suas terras fazem divisa com a propriedade dele.

_ É a isto que chamo de puro raciocínio francês – observou Daisy, zombeteira.

_ Acontece em todos os países – replicou Evie. – Minha sogra tentou, durante anos, fazer com que Arthur se casasse com uma bruxa velha, só porque suas propriedades eram contíguas em Shropshire.

_ Não estou muito entusiasmada com a possível reação de Yvonne, quando Lina lhe for apresentada – desabafou Kitty.

_ Se quer saber a verdade, acho que ela é uma idiota por correr atrás de Fabian. Isto apenas fará com que ele corra na direção contrária.

Lina podia ouvir essa conversa, no outro lado do vagão, mas fez o possível para não prestar atenção.

Só ficava preocupada quando procurava ajustar as peças do quebra-cabeça com a qual as três amigas se divertiam, jogando com nomes e fatos.

Nos cinco dias passados em Belgrave Square, aprendera a parecer atenta ao que diziam e, ao mesmo tempo, deixar que a imaginação fugisse e sua mente se ocupasse de coisas mais interessantes.

Na biblioteca de lorde Birchington, havia livros que ela estava ansiosa para ler. E na sala de visitas e na escada havia quadros que Lina sabia serem herança de família. Achava-os fascinantes e gostaria de poder examiná-los com mais tempo.

Mas logo percebeu que Kitty nada sabia a respeito deles. Ela e suas duas amigas só se interessavam por elas mesmas!

A mãe de Lina sempre comentava que as moças de famílias importantes tinham uma instrução muito precária e que, quando faziam o seu *debut*, eram de uma ignorância deplorável.

_ Mas por um estranho fenômeno, querida, elas se tornam mulheres bonitas e sofisticadas, que enfeitam os salões de Londres, e diante de quem todos os homens se curvam com admiração.

Soltara um suspiro e continuara com suas observações.

_ Sempre achei injusto que um homem tenha uma boa instrução num colégio e numa universidade, ao passo que as mulheres tem que se contentar em serem boas esposas e boas mães.

_ Creio que papai sempre apreciou o fato de você saber tanta coisa e ler bastante. – observou Lina.

A mãe sorria:

_ Se está perguntando se seu pai casou-se comigo por causa do meu intelecto, a resposta é “não”. Mas garanto que isso tornou nossa vida muito mais interessante, porque temos muita coisa em comum e vários assuntos para discutirmos um com o outro.

Como os dois tinham sido muito felizes, Lina compreendia que o conde tivesse ficado arrasado com a morte da esposa.

Percebeu, vagamente a principio, que o pai não era um homem que procurasse ser agradável aos vizinhos. Não fora ele, e sim a esposa que tornara a família tão popular no condado.,

Quando o conde começara a jogar e a preferir a companhia de sir Hector, os amigos acharam mais fácil abandonar os convites que antes faziam ao casal, encolhendo os ombros e dizendo que era uma pena ele estar indo “por água abaixo”.

“Não é justo para com papai”, pensava Lina, muitas vezes.

Mas nada podia fazer e acabou compreendendo que, como ele ia ficando afastado dos vizinhos, o mesmo acontecia com ela.

Agora que ia a um baile em Paris, e apesar das estranhas circunstâncias que envolviam o fato, sabia como sua mãe teria ficado contente, se fosse viva, vendo a filha “brilhando” na sociedade francesa.

_ Se ao menos mamãe pudesse estar presente! Teria sido maravilhoso! – disse a si mesma, olhando para a escuridão, lá fora.

Refletiu que a falecida condessa teria então oportunidade de explicar-lhe as belezas de Paris. E, sendo muito culta, provavelmente saberia a história das famílias importantes que o duque iria receber em sua casa. Famílias que tinham sobrevivido à revolução, e outras, com títulos criados por Napoleão, que por mais nobres que se tivessem tornados ainda não eram aceitas pelo *ancien regime*.

_ Garanto que, no lugar para onde vamos, terei a oportunidade de ler livros com informações sobre as pessoas que vou ficar conhecendo – assegurou Lina si própria.

Como essa idéia a excitou, deixou de prestar atenção à conversa que se travava no outro lado do vagão.

Sua imaginação a levou para longe, no passado, e ela soube que aquela viagem não era apenas uma experiência prazerosa e sim uma oportunidade em sua vida da qual jamais se esqueceria.

CAPITULO IV

Kitty e Lina desceram da carruagem e entraram na casa, seguidas por três lacaios que carregavam uma pilha de caixas com as compras que as duas tinham feito.

Para Lina aquele dia fora uma experiência fascinante, não apenas porque tinha conhecido as melhores lojas de Paris, como pela oportunidade de ver uma pessoa esbanjar dinheiro de um modo que a deixou impressionada.

Enquanto a via gastar tanto dinheiro, ficou imaginando se algum dia poderia comprar sem preocupar-se com o preço.

Fazendo um balanço da própria situação, concluiu que isso era totalmente improvável.

Quando voltaram para casa, Kitty disse:

_ Estive conversando com minhas amigas, ontem à noite, e decidimos que poderia parecer estranho nós não nos chamarmos pelos nossos nomes próprios aqui. Claro que isto terá que cessar, assim que voltarmos para Londres.

Constatou, com leve sorriso, que obviamente consistia um sacrifício para Kitty sugerir semelhante coisa.

Sabia, embora nada fosse dito nesse sentido, que as “três beldades” ainda a consideravam como tendo o mesmo *status*, ou sendo da mesma “classe”, como elas diziam, de uma criada de quarto, ou de uma governanta.

“No Maximo, posso ser a filha de um fazendeiro”, pensou Lina, sorrindo ao imaginar como seu pai teria ficado se fosse descrito assim.

Era realmente humilhante que a linhagem, da qual seus pais tinham tanto orgulho, tivesse que ser esquecida, não mencionada, em vez de ser notada pelas pessoas.

Em todo caso, reconhecia que havia sido trazida a Paris apenas porque as “três beldades” a consideravam uma inferior.

Não sabia como definir isso, de modo que achou que o melhor seria deixar de se preocupar, aceitando tudo conforme surgisse, e apreciando o prazer que a “Cidade do Amor” oferecia.

Foi emocionante visitar a Place de La Concorde, o Arco do Triunfo, as pontes do Sena. Quando avistou a Place Vendôme, Lina percebeu que a realidade superaria suas expectativas fantasiosas, e que tudo em Paris parecia ter uma magia própria.

Agora, ao entrarem no hall da casa onde se hospedavam, o mordomo da *Maison des Chambres*, que as esperava, informou:

_ *Pardon, Madame*, mas o *coiffeur* as aguarda há algum tempo.

Kitty soltou um gritinho horrorizado.

_ Esqueci que pedi a Alexandre que viesse antes do almoço. Vá Lina, e deixe que ele comece o seu penteado. Depois irei encontrá-la.

Lina subiu correndo a escada em direção ao próprio quarto. Sabia que um cabeleireiro francês tinha um lugar importante na sociedade, uma vez que nenhuma mulher podia passar sem ele.

Nora obviamente calculara que Lina seria a primeira a ser servida, e para lá encaminhara o francês magro e pálido, que olhava pela janela, impaciente, batendo na palma da mão com um pente.

Com seu perfeito sotaque parisiense, Lina disse:

_ Sinto muito, *monsieur* Alexandre, mas lady Birchington e eu esquecemos a hora e pedimos desculpas por tê-lo feito esperar.

Alexandre fitou-a com ar de aprovação. Obviamente, não foram tanto as palavras como a aparência dela que o agradou.

_ *Vous êtes lady Littleton?* – perguntou.

_ Sim, sou. E, por favor, faça com que eu fique muito elegante! Infelizmente, vivo no campo, na Inglaterra, e creio que meu cabelo foi terrivelmente negligenciado.

Tirou o casaco e o chapéu auxiliado por Alexandre, que lhe colocou sobre os ombros uma capa de algodão branco.

Sentou-se num banco diante da penteadeira e ao cabeleireiro soltou os cachos que ela mesma prendera pela manhã. O homem resmungava de um jeito que fez com que Lina tivesse vontade de rir.

Os cabelos dele eram brilhantes e sedosos. Depois de soltos, chegavam-lhe até quase a cintura, caído em ondas de reflexos dourados.

_ Como é que a senhora pode descuidar desse jeito de uns cabelos tai lindos? – perguntou Alexandre, em tom dramático.

_ Infelizmente, creio que as inglesas não se preocupam tanto com a aparência como as francesas – respondeu Lina, sorrindo.

Alexandre abriu as mãos e exclamou:

_ *Les anglaises! C'est incroyable!*

Começou a escovar os cabelos de Lina delicadamente, até que eles pareceram dançar no ar e criar vida própria.

Depois, largou a escova e disse:

_ Alors, precisamos resolver. Quer que a penteie de acordo com a moda atual, com um pequeno coque no alto da cabeça? Ou deseja que eu tente um estilo novo, que acaba de ser introduzido em Paris e certamente ainda não chegou a Londres?

_ Não sei o que escolher – respondeu Lina.

Ocorreu-lhe, de repente, que isso devia ser decidido por Kitty. Depois de tanto trabalho na escolha de seus vestidos, certamente ela tinha idéias definidas sobre o penteado que Lina deveria usar.

Levantou-se impulsivamente, e se dirigiu a porta.

_ Espere um momento, *monsieur*! Vou pedir a opinião de lady Birchington. Ela ficaria zangada se escolhêssemos mal.

Sorriu de um modo simpático e sentiu que Alexandre compreendia seu dilema. Percorreu o corredor e foi até o quarto ocupado por Kitty.

Ficou surpresa quando não a viu lá. Nora informou que a patroa ainda não subira, e Lina imaginou que a outra estivesse ocupada conversando com a anfitriã ou dando instruções para os criados, no pavimento inferior.

Desceu apressada a escada e atravessou o hall. Abriu a porta do salão, para onde lady Birchington se dirigira quando chegaram em casa.

Soltou um suspiro de alívio ao ver Kitty na outra extremidade da sala. Entrou no aposento sem maiores cerimônias e foi logo dizendo:

_ preciso de um conselho. Alexandre disse que pode pentear-me de um modo que ainda não foi visto em Londres, mas tive medo de que você não aprovasse.

Somente ao aproximar-se mais de Kitty, pelo ar de irritação da outra, percebeu que havia feito algo errado. Desconcertada, Lina percorreu a sala com um olhar e avistou um homem que se levantava de uma poltrona.

Expressando-se num inglês com ligeiro sotaque, ele quebrou o silêncio constrangedor, com um gracejo:

_ Percebo que é um problema de interesse internacional!

para que soubesse que tinha à sua frente Fabian, o duque de Saverne. Embora desejasse falar alguma coisa que descontraísse o ambiente, um estranho magnetismo a obrigara a calar-se e examinar detalhadamente as feições daquele homem.

Era exatamente como ela imaginara. De altura mediana, talhe esguio e elegante, possuía o que poderia se chamar de uma aparência agressivamente masculina. Tinha cabelos escuros e grossos.

Não podia se afirmar que fosse realmente bonito, mas seu rosto possuía uma expressão enigmática que fazia com que Lina o achasse muito diferente de qualquer homem que já conhecesse.

Ninguém poderia atribuir-lhe outra nacionalidade, a não ser a francesa. Seus olhos negros brilhavam e os lábios tinham uma curva zombeteira que fez com que Lina achasse, estranhamente, que já o vira antes.

O estranho correspondia a tudo que ela já sonhara para um homem ideal, que nunca esperara encontrar.

De repente, ocorreu-lhe que devia parecer muito pouco convencional, com a capa branca e os cabelos soltos.

Dirigiu a Kitty um sorriso nervoso e disse:

_ Peço desculpas... Pensei que estivesse sozinha.

_ Estou com visitas. Apresentou-lhe o duque de Saverne, que vai ser nosso anfitrião, amanhã a noite. Fabian, esta é lady Littleton, de quem já lhe falei.

_ *Echanté, Madame* – cumprimentou ele, estendendo a mão.

Quando tocou a mão do duque, Lina sentiu que o contato com seus dedos lhe transmitia uma estranha vibração, que parecia combinar com o brilho malicioso do olhar dele.

“É muito, muito seguro de si”, pensou Lina.

Retirou rapidamente a mão como se tivesse sido picada por uma cobra, antes de balbuciar numa voz sumida e cheia de confusão:

_ De... Desculpe...

Ia sair da sala, mas o duque a impediu.

_ Espere! Ainda não resolvemos qual será o seu penteado. E permita-me dizer que seus cabelos estão muito bonitos, assim soltos.

_ Mas não seria muito apropriado para um baile – observou Kitty, secamente.

_ Não, claro que não – concordou o duque. – Mas de a Alexandre os meus parabéns. Ele encontrou um modelo perfeito para o seu novo estilo e ficarei esperando ver seu penteado ansiosamente.

_ O duque tem razão – declarou Kitty. – Diga a Alexandre que tente algo original.

Não disse mais nada, mas Lina, percebendo que Kitty queria ficar a sós com Fabian, resolveu se retirar, depois de agradecer a sugestão:

_ Obrigada!

Decidiu se voltar apenas em direção a Kitty, mas não ignorava que o duque a olhava atentamente, não perdendo nenhum de seus movimentos.

Saiu da sala e, quando subia a escada, teve a impressão de que o ar lhe faltava, não devido à pressa e sim porque tinha conhecido o homem que era a razão de sua vinda a Paris.

Enquanto Alexandre a penteava, Lina ficou imaginando o que o duque teria pensado dela. Desconhecia o porque, mas desejava que ele guardasse uma boa impressão a seu respeito.

Estava também com medo de que Kitty tivesse ficado zangada por ela ter irrompido na sala, sem primeiro se certificar de que não havia mais ninguém ali.

_ Será um ponto contra mim? – perguntou-se.

Um pouco mais tarde, quando Alexandre dava os últimos retoques no penteado, Kitty entrou no quarto. Estranhamente, parecia de muito bom humor.

Elogiou Alexandre. Realmente, o penteado de Lina era muito diferente de qualquer outro que ela jamais usara.

Dali a uma hora, ao almoço, estando as duas a sós porque a dona da casa tinha outro compromisso, Lina desculpou-se, humildemente.

_ Sinto muito... tê-la interrompido, hoje de manhã. Não sabia que estava com visita.

_ Pois bem, agora que conhece o duque o que acha dele?

_ É... magnífico... e creio...

Kitty lançou-lhe um olhar agudo.

_ Todas as mulheres acham isto. Mas espero que você não faça papel de tola por causa dele.

Lina fitou a outra com surpresa. Kitty continuou:

_ Em nossa primeira entrevista, você me disse que era uma boa menina. Agora que eu a trouxe a Paris, aconselho-a a não esquecer os princípios com as quais foi educada.

Lina sentiu que corava.

_ Jamais pensaria em fazer algo... errado, se é isto o que está... sugerindo!

De novo se lembrou das criadas que iam ao encontro dos namorados no parque e da expressão desagradável do rosto de sir Hector.

Sentindo-se de repente insultada pelas insinuações de Kitty, continuou em tom firme:

_ Não posso imaginar por que acha que eu me comportaria... mal com o duque ou com qualquer outro homem. E, se não tive confiança em mim, acho que devo voltar para a Inglaterra hoje... e não ir ao baile.

Enquanto dizia isto, sabia que arriscava sua grande chance e que ficaria de coração partido se Kitty concordasse.

Ao mesmo tempo, com um orgulho que desconhecia até em tão, compreendeu que devia protestar contra tão desagradáveis suspeitas que teriam deixado seus pais horrorizados.

_ Claro que confio em você –replicou Kitty, vivamente. – Mas é sabido que o duque se considera irresistível. E é isso o que as mulheres acabam percebendo... à sua própria custa.

Seu modo de falar fez com que Lina refletisse como havia sido obtusa por não ter percebido antes que Kitty alguma vez já se envolvera num flerte com o duque.

Não sabia exatamente o que isso significava, mas achou que devia ser uma coisa muito censurável, considerando-se que a outra era casada desde os dezoito anos.

Depois, se perguntou se o duque teria também flertado com Daisy e com Evie.

“Será que todas elas o acharam irresistível?”, pensou, não querendo acreditar nessa possibilidade.

Apesar de tudo, o modo com que falavam dele e o fato de Fabian estar continuamente no pensamento delas indicavam que era um amigo muito íntimo.

Mas eram casadas, tinham marido! E Lina não podia imaginar sua mãe, quando viva, flertando com quem quer que fosse, ou mesmo tomando conhecimento de outro homem.

Claro que Lina sabia que essas coisas aconteciam. Como se seus olhos se abrissem de repente, lembrou-se de frases que haviam sido ditas e que não tiveram sentindo para ela, na ocasião.

“Fabian consegue fazer com que uma mulher feia se sinta uma Vênus.”

“Fabian sabe que é irresistível e nenhum mulher poderia negar isto!”

Fabian, sempre Fabian!

_ Garanto que é convencido e mimado – disse a si mesma.

_ Fabian me disse, hoje de manhã, que o salão de baile já está decorado e me convidou para visitá-lo – avisou Kitty, assim que o almoço terminou.

_ Esperarei aqui até você voltar.

_ Não seja ridícula! Você vai comigo.

Lina não pode fazer outra coisa, a não ser subir para o quarto. Vestiu um dos bonitos trajes de tarde que haviam pertencido a Evie e retocou o penteado.

O vestido era de uma elegante simplicidade. Ao colocar o chapéu que completava o conjunto, mirou-se no espelho, e achou que ninguém acreditaria que estava casada há cinco anos, conforme se supunha.

Assim que desceu para se encontrar com Kitty, notou que a patroa a examinava. Mas, como nada disse, Lina supôs que havia sido aprovada.

A casa do duque ficava tão perto que poderiam ter ido a pé, principalmente porque a tarde estava muito bonita. Mas uma carruagem abeta as esperava à porta e elas para lá se dirigiram em grande estilo.

O duque as esperava no hall.

- Permita que lhe diga que estou encantado por revê-la, lady Littleton – cumprimentou ele.

Primeiro, o duque beijou a mão de Kitty, e Lina surpreendeu-se ao notar que os lábios dele chegaram a roçar-lhe a luva.

A professora de francês, *madame* de Beauvais, lhe contara que o cumprimento habitual dos franceses era apenas um gesto formal.

O fato de Fabian ter se aproximado tanto da mulher confirmou suas suspeitas de que ele e Kitty haviam mantido um romance.

Lady Birchington estava muito atraente essa tarde. Mais bonita do que de costume, com os cabelos ruivos brilhando ao sol.

_ Desejo a sua opinião, Kitty – disse Fabian. – E a sua também lady Littleton. Quero que o baile seja sensacional.

Ao dizer isso, conduziu-as através de um corredor largo, mobiliado com magníficas cômodas Luís XV e mesas de mármore.

Nas paredes, viam-se retratos de vários antepassados de Fabian.

Lina ficou fascinada. Como Kitty conversava com o duque em tom íntimo e a deixava de lado, teve oportunidade de olhar ao redor, achando que devia procurar gravar tudo na memória.

“Nunca mais terei oportunidade de ver semelhantes tesouros!”, pensou, com tristeza. Que sorte, poder ver a casa do duque antes que estivesse abarrotada de gente!

O salão de baile, que ficava na extremidade da casa, dava para o jardim. Era grande, e o duque decorara com muito luxo e bom gosto.

Em vez de grinalda de flores que, pelo que Lina lera, constituíam a decoração habitual dos salões de baile, aquele havia sido transformado numa réplica de Veneza.

Nas paredes espalhavam-se quadros e painéis com imagens da Praça São Marcos. Ao se aproximar da janela, Kitty soltou um gritinho de espanto.

O jardim tinha sido transformado num lago onde se viam gôndolas. Na outra extremidade, havia uma réplica da Ponte dos Suspiros.

_ Fabian! – exclamou Kitty. – Nunca vi coisa mais fascinante na vida!

_ Sempre tive a intenção de dar um baile em Veneza – explicou o duque. – Mas é longe para levar meus amigos. Então, pensei: se não podemos ir a Veneza, a solução óbvia é Veneza vir a Paris!

_ Não é apenas original, mas muito romântico!

Kitty olhou para Fabian através dos cílios longos, e comprimiu os lábios num gesto de ódio ao perceber que ele examinava Lina.

Depois, num esforço sobre-humano, transpôs uma das portas-janelas, como se tivesse a intenção de inspecionar o jardim. Ainda assim pôde ouvir a voz do duque falando com Lina.

_ Que acha de tudo isso, lady Littleton?

_ Sempre desejei conhecer Veneza. Então, vê-la assim é como estar sonhando!

O duque sorriu.

_ Espere ver tudo à noite, com lanternas acesas e as gôndolas movendo-se no lago, enquanto dançamos ao som de cem violinos.

_ Só espero não morrer, até amanhã à noite – replicou Lina.

_ tenho certeza de que não morrerá. E, que sabe, talvez a minha Veneza a ensine a amar de um modo diferente do que jamais amou.

Lina não olhou para ele de um modo indagador, como Fabian supunha que qualquer outra mulher o faria. Apenas como se seguisse o curso dos próprios pensamentos, ela recitou:

“Onde Veneza repousa, magnificamente, entronizada em suas centenas de ilhas!

_ Então, você conhece Byron! – admirou-se, Fabian.

_ Sim, é claro! E, amanhã à noite poderei dizer, como ele disse:

“Eu estava em Veneza, na Ponte dos Suspiros; um palácio e uma prisão de cada lado.”

_ Não uma prisão – protestou o duque com uma nota insinuante: - A não ser, naturalmente, que se trate da prisão que todas as mulheres buscam.

Houve uma pausa. Percebendo que ele esperava um comentário, Lina perguntou:

_ E qual seria essa?

_ A prisão do amor, lady Littleton.

Pela primeira vez desde que entraram no salão, Lina fitou-o. Havia nos olhos escuros de Fabian uma expressão de desejo que a assustou.

“Está querendo flertar comigo, exatamente como as três previram”, pensou ela. Afastou-se em direção à janela, e decidiu mudar o rumo da conversa.

_ Como foi que consegui fazer um lago artificial, sem estragar o jardim? Na certa é um grande feito de engenharia.

Atravessou o umbral e viu-se numa pequena sacada de onde se avistava o lago. Kitty estava na Ponte dos Suspiros.

_ Creio que devemos dar os parabéns ao duque por idéia tão engenhosa – disse Kitty, quando a avistou.

_ Perguntei como é que conseguiram isto – repetiu Lina.

_ Lady Littleton está mais interessada na operação do que no resultado – comentou Fabian.

Lina achou que estava zombando dela e resolveu permanecer calada.

_ Amanhã à noite, todo o mundo vai concordar que é muito romântico – insinuou Kitty. – Eu, pelo menos, vou achar!

_ Não há necessidade de esperar até amanhã, para se ter romance – retrucou o duque. – Pierre de Castlenagne esteve contando os dias até sua chegada, Kitty, e sugeriu que jantemos hoje em casa dele, à luz das estrelas. Vou tentar explicar a lady Littleton como elas conseguem ficar presas no céu!

_ Garanto que Lina vai achar isso fascinante! – observou Kitty, com ironia.

_ Então, marquemos para as oito horas – sugeriu o duque.

_ Com muito prazer. – Kitty pareceu relutar antes de prosseguir: - Mas infelizmente George não poderá ir conosco. Tem compromisso com um negociante.

Deu uma risadinha e acrescentou:

_ Somente George viria a Paris falar sobre cavalos!

_ Sei disso – concordou Fabian. – Encontrei o lorde, há poucas horas, no Traveller’s Club, e ele me disse aonde vai hoje à noite.

_ Então, você tinha certeza de que Lina e eu aceitaríamos o convite – acusou Kitty, em tom despreocupado.

_ Eu estava certo de que você não seria má a ponto de recusá-lo.

Lina achou que poderia estar assistindo a uma representação.

Ela e uma de suas professoras costumavam ler peças em voz alta, cada uma fazendo um papel, para que os vários tipos ficassem convincentes.

Mas a troca de frases entre Kitty e Fabian era uma coisa real e Lina estava fascinada. Os dois falavam como se estivessem duelando, embora Lina não fizesse a mínima idéia do motivo pelo qual estavam lutando.

Percebendo que seria melhor não se envolver, debruçou-se no parapeito para observar o cenário do baile, mais uma vez.

Viu que o lago era raso e aparentava ser artificial, mas as gôndolas constituíam réplicas perfeitas. Pareciam tão reais, que ela se perguntou se o duque as mandara vir de Veneza, ou se conseguiu adquiri-las em Paris, mesmo.

Tinha vontade de fazer-lhe perguntas e saciar as próprias dúvidas, mas receou que zombassem dela, tomando-a por alguma idiota.

Certamente Fabian esperava que todos achassem o cenário muito romântico, sem que se interessassem pela parte mecânica de sua realização.

“Preciso ouvir, e não falar” repetiu-se Lina mentalmente, ao recordar-se das recomendações de lady Birchington.

Essa constituía, sem dúvida, a parte mais difícil de sua tarefa, por que havia muitas coisas que lhe despertavam a curiosidade.

Pouco depois, Kitty deu a visita por encerrada, alegando outras coisas para fazer. Além do mais, combinara um encontro com Daisy e Evie. Ao se referir ao nome das outras duas, o duque franziu o as sobrancelhas e abriu um sorriso, antes de dizer:

_ Foi um prazer tornar a ver suas amigas.

_ Já esteve com elas? – espantou-se Kitty.

_ Fui visitá-las, hoje de manhã, antes que saíssem para as compras, o que é a preocupação máxima de todas as mulheres que vêm a Paris.

_ Estou decepcionada por não ter ido me procurar antes delas – reclamou Kitty.

O duque pareceu sensibilizar-se com o aborrecimento de Kitty e buscou uma desculpa:

_ Eu queria trazê-la antes aqui, mas os operários só acabaram o serviço à hora do almoço.

Lina percebeu que Kitty ficou contente com a resposta. À despedida, Fabian beijou a mão das duas e acompanhou-as até a carruagem.

_ Preciso comprar certas coisas – avisou Kitty, enquanto instruía o cocheiro para ir à Place de la Concorde.

Como Lina nada respondesse, a outra continuou a tagarelar sobre coisas sem importância. Finalmente, pareceu tomar coragem e tocou direto no assunto.

_ Então o que achou do duque? E da casa?

_ Ele deve ser muito rico!

_ Riquíssimo!

_ Creio que muita gente ficaria escandalizada por ele gastar tanto dinheiro com um baile que, afinal de contas, só vai durar uma noite.

Kitty olhou-a com ar surpreso e balançou a cabeça em sinal de desaprovação:

_ Essa observação é tola. E não é o tipo de coisa que Fabian gostaria de ouvir! E nem outras pessoas! Se você compartilhar dos ideais socialistas da condessa Warwick, só posso dizer que logo vai aborrecê-lo.

_ Desculpe-me... Não direi mais nada nesse sentido.

_ Espero que não! Os homens só querem que as mulheres sejam condescendentes e encantadoras. Se você tiver intelecto, esconda-o bem, porque ninguém iria apreciá-lo!

Lina ficou arrasada. Não admitia a idéia de que as pessoas se interessassem apenas pelo seu palmo de rosto bonito, ignorando que essa beleza era passageira, e o mais importante era aquilo que dentro de si. Repudiava a possibilidade de tornar-se uma “boneca” de salão, linda, sofisticada e... vazia! No entanto, considerou que seria prudente não discutir com Kitty para não lhe despertar um de seus ataques de ira.

_ Sinto muito... Terei bastante cuidado no futuro.

_ Espero que sim! Gastamos muito tempo e dinheiro para trazê-la a Paris. O mínimo que pode fazer é representar seu papel sem colocar obstáculos.

Lina calou-se. A outra não parecia disposta a esquecer o incidente e seria um erro continuar a discussão. Por isso, não trocaram mais que duas ou três palavras até chegarem á mansão.

Daisy e Evie as esperavam, e Kitty pareceu recobrar o bom humor, enquanto lhes relatava o sucesso que Lina fizera.

_ Nós duas vamos jantar com ele hoje à noite. Fabian deu a desculpa de que Pierre estava ansioso para me encontrar, mas tenho certeza de que o motivo é que ele quer tornar a ver Lina.

_ Fabian foi nos visitar hoje de manhã! – disse Daisy.

_ Sim, eu sei. Ele comentou. – Depois, como se quisesse provar a própria superioridade, Kitty comentou: - Veio até aqui para me levar para ver os arranjos do baile, porque queria a minha opinião.

Empalideceu ao notar que Lina ainda estava ali, e completou em voz baixa:

_ Tenho certeza de que as coisas estão caminhando exatamente como pretendíamos. Mas conto-lhes tudo mais tarde.

Lina tinha certeza de que Kitty não faria maiores comentários em sua presença, por isso pediu licença e se retirou para o quarto. Subiu e gastou alguns minutos arrumando os cabelos, ligeiramente amassados pelo chapéu. Desejava que, por causa do jantar, o penteado se mantivesse impecável.

Foi tirada dessa ocupação por um criado que bateu à porta, para informar que o chá estava servido. Lina desceu, certa de que, na sua ausência, as “três beldades” haviam conversado a seu respeito.

Assim que entrou na sala, o silêncio que se fez confirmou suas suposições. Teve a impressão de que as mulheres a olhavam com ar crítico e um certo ressentimento, embora ela não soubesse bem o porquê.

A casa do conde, que ficava na Rue Du Faubourg St. Honoré, parecia menor do que a do duque, mas não lhe ficava atrás em sofisticação e beleza.

Fazia calor, e fora excelente a idéia do duque de jantarem no jardim, embaixo das árvores, tendo as estrelas como candelabros...

Lina achou muito romântica essa imagem, mas Kitty se antecipou em expressar isso, elogiando tudo e tirando-lhe toda a oportunidade de se manifestar.

O conde era mais velho do que Lina esperava e pareceu encantado por rever Kitty. Beijou-lhe ambas as mãos, e não se cansava de desfiar-lhe comentários lisonjeiros.

_ Está ainda mais bonita, *ma belle*, e não consegui esquecê-la.

_ E por que desejou isto? – perguntou lady Birchington.

_ Para minha paz de espírito! Você anulou todas as chances de eu sentir prazer com outra mulher que não a igualasse em beleza.

De novo, Lina achou que falavam como atores numa peça. Ficou ouvindo fascinada, até que o duque a tirou do seu enlevo.

_ Dê-me um pouco de atenção, lady Littleton. Gostaria que contasse um pouco de sua vida.

_ Prefiro falar sobre você – replicou Lina. – Imagino que a história de sua família deva ser interessante. Existe algum livro sobre seus antepassados, que eu possa ler?

_ Se estiver realmente interessada, posso contar-lher tudo que deseja saber.

_ Então, por favor, faça isso. Sua família faz parte da história da França há muitos séculos? E seus antepassados foram guilhotinados durante a revolução?

Fabian riu.

_ Nunca ouvi tantas perguntas semelhantes, menos ainda quando vindas de uma pessoa encantadora como você.

Lina olhou para lady Birchington, esperando encontrar um ar de desaprovação no rosto dela. Mas, como a outra parecia absorta em conversar com o conde, ela continuou:

_ É errado ser tão... curiosa?

_ Não é nada errada – respondeu o duque. – É muito lisonjeiro que se interesse por minha família.

_ Acho a História um assunto fascinante. Se eu tivesse sabido antes sobre essa viagem a Paris, teria procurado ler sobre as famílias nobres. Isso me ajudaria a compreendê-las.

_ Então, deseja me compreender?

_ Não como homem e sim como membro de sua família – explicou Lina, sem refletir.

Depois achou que não deveria ter falado desse modo. Olhou para Fabian, apreensiva, com medo de que ele a achasse grosseira.

_ É uma pessoa surpreendente, lady Littleton. E refiro-me mais ao que diz do que ao que aparenta.

_ Por que?

_ Porque pensei que você gostaria de escutar elogios à sua beleza. Em vez disso, me pergunta sobre feitos de engenharia e fantasmas do passado! Não posso acreditar que sejam mais interessantes do que as pessoas que estão vivas e a seu lado.

_ Receio ter sido muito... rude.

_ Absolutamente! Somente inesperada. E permita que lhe diga que aprecio o inesperado... é algo que raramente encontro.

_ Quais são os seus interesses?

Lina desejou acrescentar “além das mulheres”. Compreendeu, então, que isso seria realmente rude, e Kitty ficaria furiosa.

Estranhamente, o duque pareceu adivinhar-lhe os pensamentos, e se apressou em colocá-la à vontade.

_ Prometo-lhe que, diga você o que disser, não a acharei rude. E certamente não ficarei ofendido.

_ Tem... certeza?

Relutou alguns instantes com medo de que lady Birchington a escutasse. Certificou-se de que ela estava distraída com a conversa do conde e recomeçou a falar:

_ Sabe, tudo isso é novo para mim. Completamente diferente da vida que eu levava... antes de me tornar amiga de Kitty.

_ Ela me contou que você mora no campo.

_ É verdade.

_ Por que veio a Paris? Brigou com o marido? Ou está fugindo dele?

“Eu não estou fugindo de um marido e sim de sir Hector. E ele é muito mais assustador do que qualquer marido”, pensou Lina.

Desejava poder dizer isso ao duque, mas era impossível. Viu que Fabian a examinava com atenção antes de fazer uma afirmação surpreendente.

_ Então, está mesmo fugindo.

_ Eu... não disse isto.

_ Posse ler seus pensamentos.

_ Espero que não. – E, depois de alguns instantes: -- E, se puder... é uma coisa que não deve fazer.

_ Por que não?

_ Porque é uma intrusão e não quero que ninguém tenha conhecimento das coisas que penso.

_ Tem idéias escandalosas na cabeça?

_ Não, claro que não! Mas são minhas. E, quando uma pessoa não pode ser dona dos próprios pensamentos, deixa de ser ela mesma.

_ Acho muito interessante, lady Littleton, tentar lê-los. Qualquer homem que estiver apaixonado por você poderá fazê-lo facilmente.

_ Mesmo assim, gostaria de conservá-los secretos.

_ Não entendo... Quando alguém ama, torna-se parte da pessoa amada. Não há divisões, não há barreiras! O amor é avassalador e absorvente.

_ Creio que é verdade... Mas eu teria medo... desse tipo de amor.

_ Então, você nunca amou?

_ Tarde demais ela se lembrou do suposto marido que devia estar pescando na Escócia, que era velho e não se interessava pela esposa. Respirou fundo e tentou consertar o erro.

_ Creio que o amor é o mesmo no mundo inteiro, mas as pessoas tem idéias diferentes a respeito dele – disse em tom despreocupado. – Nem todo mundo conhece o tipo de amor de que você está falando.

_ Duvido que haja diferença – declarou o duque. – Mas seria curioso certamente, tentar descobrir isso.

CAPITULO V

Terminado o jantar, Kitty e o conde dirigiram-se para as sombras do jardim com toda a naturalidade.

Os criados haviam tirado a mesa e trazido um aparador, com detalhes de marfim, que colocaram ao lado do duque. Ele depositou o copo de conhaque e cruzou as pernas, se acomodando melhor. Estavam sentados em poltronas estofadas, e Fabian reclinou-se para ficar de frente para Lina.

_ Você me intriga. Tenho a impressão de que não é exatamente o que afirma ser.

Lina achou-o muito perspicaz e estremeceu diante das palavras dele. Era muito perigoso que ele alimentasse algum tipo de suspeita a seu respeito.

_ Por que diz isto? – apressou-se a perguntar.

_ Em primeiro lugar, porque parece muito jovem. Kitty disse que você está casada há cinco anos, mas não acredito. A menos que tenha se casado quando ainda era um bebê!

Lina riu, aliviada. Por um momento, havia pensado que ele suspeitasse de toda aquela farsa. Agora, notava que podia se tranquilizar.

_ É muito lisonjeiro, *monsieur*!

_ precisa ser tão formal? Quero chamá-la de Lina. É um nome bonito, e seu significado expressa bem o que você é: luz!

_ Como sabe?

_ Está me acusando de ignorante? Estive numa escola pública e freqüentei a universidade na Inglaterra.

_ Então, teve sorte. Infelizmente eu não pude chegar a tanto. Como deve saber, na Inglaterra não se considera necessário que as moças tenham instrução.

_ Mas você teve!

_ Sim, minha mãe insistiu nesse ponto. Embora eu não tenha freqüentado nenhum colégio, tive boas professoras, principalmente a que me ensinou francês.

_ E seu marido lhe ensinou o amor?

Lina retraiu-se.

Fabian não tinha o direito de lhe falar daquele modo. Mas, por uma razão incompreensível, não estava ofendida e sim encabulada.

Como ela nada dissesse o duque prosseguiu:

_ Está sendo muito evasiva comigo. Por que não falaríamos de amor, que é a inevitável conclusão de uma conversa entre um homem e uma mulher?

_ Está falando de... homens e de mulheres franceses...

_ De homens franceses, talvez. Mas as mulheres são iguais em todas as partes do mundo.

_ Talvez eu seja diferente – contrapôs Lina. – De qualquer modo, prefiro falar de outras coisas. Você prometeu que me contaria sobre seus antepassados.

_ Meus antepassados estão mortos! E eu estou bem vivo. Olhe para mim, Lina. Quero que olhe para mim.

Lina sabia que não teria forças para encará-lo sem ceder ao incrível magnetismo que exercia sobre ela. Em vez disso, fitou o céu, dizendo:

_ Creio que hoje à tarde se referiu às estrelas...

_ Neste momento, não estou interessado nas estrelas e sim em você.

Havia qualquer coisa no modo dele falar, na profundidade do tom de voz, que fez com que Lina estremecesse.

Durante todo o jantar, tivera consciência da presença dele, a seu lado. As vibrações que vinham de Fabian e que ela sentira quando ele a tocara pela primeira vez tinham crescido em intensidade.

Ela relanceou o olhar pelo jardim, com esperança de que Kitty e o conde retornassem, mas não havia sinal deles. O duque percebeu-lhe a apreensão e disse, serenamente:

_ Creio que tem medo de ficar sozinha comigo. Por que?

_ Já lhe disse que levo uma vida muito calma... no campo e não estou habituada à vida que... você leva.

_ O que sabe meu respeito é apenas o que ouviu dizer e posso imaginar muito bem o que é – replicou Fabian. – Vamos esquecer o passado e nas concentrar no presente.

_ O que para mim, é muito excitante, porque amanhã irei ao meu primeiro baile.

Houve uma pausa. Fabian parecia não acreditar naquelas palavras. A incredulidade estava estampada no rosto dele.

_ É verdade?

_ Não acredita que sou uma moça do interior?

_ Francamente não parece.

Lina sabia que ele se referia aos seus trajes e ficou imaginando o espanto dele, se descobrisse que eram de segunda mão e lhe haviam sido dados especialmente para essa viagem. Mas não queria que novamente se formasse uma situação constrangedora, e interrompeu os próprios pensamentos, dizendo:

_ Estamos outra vez falando mim, quando eu preferia falar de você.

_ Muito bem. Vou fazer isto e dizer que hoje, quando você entrou na sala de visita, não apenas me pareceu muito bonita, como senti que já a tinha visto antes.

Lina também tivera essa impressão, mas não lhe revelou isso. Acreditava que aquilo era o tipo de coisa que o duque diria a todas as mulheres com quem quisesse ter um flerte.

_ Esperava conhecê-lo apenas amanhã, quando eu estivesse bem elegante.

_ Não podia estar mais bonita do que com os cabelos soltos. Tive um desejo irresistível de tocá-los, Lina.

_ Por favor... Não deve... agir assim.

_ Assim como? O que estou fazendo de errado? Não estou tocando em você, embora seja este meu desejo.

_ Creio que está flertando comigo... E é uma coisa que não devo... permitir.

_ *Flirt* é uma palavra bem inglesa – observou o duque. – Eu poderia expressar o que estou fazendo muito mais adequadamente em francês. Mas, se estou tentando um *flirt* com você, que mal há nisso?

Era uma pergunta direta e Lina não podia fugir de uma resposta. Respirou fundo para controlar o nervosismo e disse hesitante:

_ Você sabe que tenho... um marido.

_ Que lhe ensinou pouco ou nada a respeito do amor!

Lina ficou em silêncio.

_ Os marido que não dão atenção as esposas, principalmente a alguém tão bonita como você, não merecem consideração. Enquanto estivermos aqui, sozinhos sob as estrelas, se algo acontecer entre nós quem iria sofrer?

_ Eu – respondeu Lina. – Saberá que estava fazendo uma coisa errada.

Apesar de sentir-se na obrigação de resistir ao fascínio que o duque exercia, Lina não podia esquivar-se de imaginar o quanto seria excitante um romance com ele.

Feliz das mulheres que fosse livre para acariciar aqueles cabelos negros, escutar sem reservas as coisas bonitas que Fabian dissesse, deixar-se acariciar por aquelas mãos fortes, protetoras.

Mas, não! Lina estava presa. Presa às mentiras em que fora obrigada a envolver-se, desde que fugira de sir Hector. Amarrada ao compromisso que assumira com Kitty, e nunca se perdoaria se a traísse.

Prometera que seria comedida. E, na certa, flertar com alguém, principalmente com Fabian, era uma coisa proibida.

_ O que a preocupa, Lina?

_ Como sabe que estou preocupada?

Ele sorriu.

_ Seus olhos são reveladores, mesmo à luz das estrelas. E seus lábios também.

Lina teve a impressão de que ele se aproximava.

_ Neste momento, daria metade da minha fortuna para beijá-la.

O olhar de Lina encontrou o de Fabian e, por um momento, ela ficou fascinada. Incapaz de esboçar qualquer reação, estendeu as mãos num gesto instintivo de defesa.

_ Por favor... está me assustando.

_ De que maneira?

_ Sinto-me como se estivesse sendo levada... pelas ondas do mar ou talvez por um vento forte.

A explicação era incoerente, mas Lina teve a impressão de que no olhar do duque surgiu um brilho de triunfo. Ela voltou a cabeça em direção à escuridão do jardim e disse:

_ Por favor... não estrague esta noite para mim. É maravilhoso estar aqui, poder ver Paris e os tesouros de sua casa... É uma coisa que jamais esquecerei.

_ E isto ficaria estragado, se eu lhe fizesse a corte?

_ Sim...

_ Por que?

_ Porque me disseram que é uma coisa que não devo permitir.

_ Não compreendo – declarou Fabian. – Quem lhe fez essa recomendação?

Como Lina se mantivesse calada, ele resolveu instigá-la.

_ Será que seu marido obrigou-a a fazer um voto de castidade antes de permitir que você viesse a Paris? Ou está comprometida com outro homem?

_ Não quero falar a respeito desse assunto. Você me deixará em uma situação embaraçosa, se insistir. Quero apenas pensar em como é emocionante estar aqui com uma pessoa que poderia responder às minhas perguntas... se o desejasse.

_ Não compreendo como possa sentir isto. Mas, como desejo que seja feliz, farei o que me pede.

Ao ouvir essas palavras, Lina virou-se para ele com um sorriso de agradecimento nos lábios.

_ Obrigá... – começou a dizer, mas, as palavras lhe morreram na garganta, assim que encontrou o olhar apaixonado do duque sobre seu rosto.

Ambos ficaram paralisados, perdidos naquela muda contemplação. O tempo pareceu ter deixado de existir, e uma inexplicável atração os impelia um de encontro ao outro.

Nenhum dos dois queria esboçar um único gesto, com medo de que aquele instante mágico se esvanecesse. Apenas tomaram consciência do mundo exterior quando ouviram o som de falas e risadas próximas. Apressaram-se em se recompor nas poltronas, mas mesmo quando Kitty e o conde chegaram o encantamento que os envolvia não se dissipara de todo.

Lina acordou com a sensação de que sonhara com algo que a fizera muito feliz.

Continuou deitada por algum tempo, rememorando o tempo que passara com Fabian e as sensações que ele havia despertado nela. Sabia que pegara no sono pensando nele e que a imagem daquele homem tinha permanecido em seus pensamentos toda a noite.

Na véspera, quando voltara do jardim, Kitty insistira em vir para casa, alegando que ambas precisavam dormir bem, por causa do baile no dia seguinte.

_ pretendemos brilhar, meu caro Fabian. Principalmente, por sabermos que vai ser uma reunião de mulheres bonitas e elegantes, que já foram admiradas por você.

O modo com que acentuara a palavra “admiradas” indicava que ela se referia a algo muito mais sério.

O duque apenas sorriu, dizendo:

_ Jamais soube de uma ocasião, querida Kitty, em que você não estivesse brilhando!

_ Obrigada! Acharei divertido descobrir quem você irá aclamar como a convidada mais bonita da noite.

_ Como não desejo ser linchado, guardarei minha opinião para mim mesmo. Uma mulher desprezada pode ser muito mais perigosa do que um homem ciumento!

_ É verdade – concordou Kitty, de maneira insinuante. – E estou contente por você saber disso.

Lina permanecera calada durante todo o diálogo. Agora ficava imaginando se lady Birchington estaria com ciúmes das atenções do duque para com ela.

Depois, lembrou-se que Kitty a trouxera a Paris especialmente para conhecê-lo. Essa recordação a fez afastar a hipótese de que ela estivesse despeitada com o interesse que o duque lhe demonstrava.

Mesmo assim, a atitude dela fora estranha, principalmente na carruagem que as levava para casa.

_ O que foi que Fabian lhe disse, quando ficaram a sós?

Kitty perguntara isto com voz áspera. Lina não conseguia dominar o mal-estar que aquele tom lhe causava, embora se esforçasse para não demonstrá-lo.

_ Falamos de... vários assuntos.

_ Ele lhe fez a corte?

_ Creio que, sendo francês, ele tentou... flertar comigo.

_ Eu já suspeitava! Sempre acha irresistível uma mulher bonita!

_ Não lhe dei ouvidos. Pelo menos foi o que tentei.

Houve um momento de silêncio. Como Kitty nada dissesse, Lina achou que ela estava satisfeita.

A carruagem estacionara à porta da casa onde estavam hospedadas. Entraram. Lina subiu, mas Kitty, sabendo que a dona da casa se encontrava no salão, dirigiu-se para lá.

Agora, ao despertar, Lina sentou-se na cama, encantada por estar em Paris e saber que começava um novo dia.

Lembrou-se de que era o dia do baile e que iria rever o duque. Vestiu-se com o auxílio de uma criada e desceu, para tomar o desjejum no salão.

Como era ainda muito cedo, deduziu que Kitty estivesse dormindo. Foi até a biblioteca procurar algum livro para ler, enquanto passava o tempo.

Tinha esperança de que houvesse um que descrevesse as grandes famílias francesas. Lina sabia que iria conhecer alguns de seus membros à noite, em casa do duque, e seria interessante saber suas histórias.

Numa saleta que saía do salão havia muitos livros com belas encadernações. Assim que entrou, Lina estancou, encantada com os quadros de artistas franceses, que forravam as paredes do ambiente.

Examinava um deles, quando percebeu que alguém entrava na sala. Virando-se, viu que era a dona da casa, a condessa de la Tour.

Lina ainda não tivera oportunidade de avistar-se com ela, e se deteve alguns instantes para examiná-la, antes dos cumprimentos habituais.

Embora sua anfitriã não fosse nada bonita, era atraente, de um modo difícil de ser descrito. Tinha cabelos escuros e uns olhos negros de expressão intimidante.

Suas jóias eram fantásticas. Usava colar e brincos de pérolas negras, coisa que Lina nunca tinha visto antes. Apesar da curiosidade que as pedras lhe despertavam, procurou não fixar o olhar no colar e disse:

_ *Bonjour, madame.* Estava admirando seus quadros. Sempre desejei ver um Boucher. Esta tela aqui deve ser uma das melhores que ele pintou!

Falava efusivamente, porque a maneira com que a condessa a examinava a deixou constrangida e encabulada.

Lina viu, com surpresa, a condessa fechar a porta antes de aproximar-se dela.

_ Quero falar com você, lady Littleton – disse, num inglês perfeito.

_ Mas... naturalmente.

A condessa ainda a examinava de alto a baixo e, embora isto fosse incompreensível, com certa hostilidade. Lina foi tomada por um súbito mal-estar e não conteve uma pergunta, à primeira vista, fora de propósito.

_ Fiz alguma coisa que... a aborrecesse?

A anfitriã manteve-se em silêncio, encarando-a de forma enigmática. Finalmente, Lina ouviu sua voz aguda:

- _ Soube que você ontem jantou com o conde Du Pret e o duque de Saverne.
- _ É verdade. Lady Birchington me levou lá.
- _ Lady Birchington a levou lá! – A condessa não disfarçou o desprezo que nutria por Kitty. – Se for honesta, lady Littleton, dirá que foi o duque que sugeriu o jantar.
- _ De fato ele falou nisto... quando estávamos em sua casa.
- _ Conheço os métodos dele. E quero deixar uma coisa bem clara: o duque me pertence!

Lina fitou-a atônita. Não conseguiu articular um único protesto diante do tom acusador com que a outra a tratava.

- _ ele e eu vamos nos casar brevemente. O casamento está combinado há muito e não vou permitir que você ou qualquer outra pessoa interfira nisso!
- _ Não tenho intenção de... fazer isto – gaguejou Lina.
- _ Sei o que está fazendo, não sou tola e adivinho o motivo de lady Birchington tê-la trazido a Paris. Aquela mulher sempre me detestou porque faço parte da vida de Fabian.

Interrompeu-se, movendo as mãos num gesto que fez os anéis brilharem ao sol que entrava pelas janelas.

- _ Ela está acabada! Acabada! Fabian não quer mais saber dela e nem dessas inglesas idiotas que tentaram prendê-lo!

Observou as feições de Lina como se quisesse perceber o efeito de suas palavras, e continuou:

- _ Agora ele é meu! Não admito que você interfira e nem procure conquistá-lo.
- _ Mas... não fiz isto!

Este tímido protesto soou quase como um pedido de desculpas. Lina enraiveceu-se. Desejava possuir mais firmeza na voz e deixar bem claro que não admitia que ninguém se dirigisse a ela daquele modo desrespeitoso.

- _ Não minta para mim! – esbravejou a outra. – Você é como todas as inglesas famintas de amor.
- _ Não! Isso não é verdade no que me diz respeito.
- _ Ele se cansará de você, fique certa disto! – prosseguiu a condessa, como se Lina não tivesse falado – Assim como se cansou de Daisy Holme, de Evie Pendock, de Alice e de seja quem for.

A condessa estalou os dedos no ar num gesto significativo. Parecia estar tomada por uma grande fúria e não parava mais de lançar acusações.

- _ Estou livre de todas elas! Essas mulheres estão acabadas! Acabadas de uma vez por todas! E é por isso que não vou admitir que você se insinue na vida dele e procure roubá-lo de mim. Fabian é meu. “Meu”, entende?

As últimas palavras foram gritadas. A condessa estava tão transtornada, que Lina recuou, como se temesse ser agredida fisicamente.

- _ Está enganada... *madame* – disse, com voz tremula. – Garanto-lhe que não tenho intenções em relação ao duque.
- _ Não adianta mentir! Não acredito em você, e previno-a de que não vou mais tolerar certas coisas. Pode ter certeza disso! Se eu fizesse o que realmente quero fazer, poria *você* para fora desta casa e faria com que não fosse ao baile de hoje à noite! Mas isto provocaria um escândalo. Então, pode ficar aqui. Mas não se esqueça de que a preveni para deixar Fabian em paz.

Saiu da sala, batendo a porta, e deixando Lina boquiaberta de surpresa. Nunca pensara que uma mulher pudesse falar-lhe daquele jeito, nem parecer tão desvairada.

A condessa tinha sido tão assustadora, com sua veemência, que a voz dela ainda parecia ecoar na sala.

Se o duque se casasse com ela, como Yvonne pretendia, seria muito infeliz.

Mas, depois daquele aviso, o melhor que Lina tinha a fazer era manter-se longe de Fabian e certificar-se de que não iria de novo incorrer na cólera da condessa.

No entanto, se fizesse isso, na certa cairia no desagrado de Kitty e suas amigas. As “três beldades” esperavam dela um comportamento muito diferente.

Relembrou a acusação da condessa, de que as três haviam mantido um romance com Fabian, até ele se cansar delas.

Fora muito ingênua por não ter desconfiado disso antes. Agora que tudo se revelava abertamente, ela se sentia constrangida.

- _ Se elas tiveram um flerte com ele, por que me trouxeram a Paris? – perguntou Lina a si mesma. – E por que insistem tanto em que eu seja correta e mantenha os princípios com os quais fui criada?

De repente, tudo ficou claro.

O motivo de Daisy, Evie e Kitty a terem trazido era fazer com que o duque se apaixonasse por ela sem ser correspondido. Tinham a intenção de apenas fazê-lo sofrer um pouco de dor e da humilhação por que passaram quando ele se cansara delas.

Parecia um jogo quase infantil. Mas como puderam adivinhar que Fabian faria a corte a Lina, como acontecera na noite anterior?

Não deixava de ser estranho, também, o fato de insistirem em apresentá-la como uma mulher casada. O que estaria por trás daquilo tudo?

Seria muito mais simples se Lina tivesse vindo como era, uma jovem com quem ele poderia flertar sem que isso fosse censurável. Alguém que pudesse dar-lhe ouvidos sem parecer desleal nem... infiel.

Quando pensou na última palavra, Lina ficou imóvel.

Era impossível! Inacreditável! Mas, insidiosamente, como se uma serpente destilasse veneno em sua mente, ela soube que o duque tinha tentado Kitty, Daisy e Evie a serem infiéis aos seus maridos!

Não podia acreditar que uma conduta tão censurável pudesse ser atribuída a uma dama. Mas, à medida que as peças do quebra-cabeça se ajustavam, compreendeu o que na sua inexperiência lhe pareceu injustificável.

_ Como puderam fazer isto? – repetiu-se várias vezes, escandalizada.

Depois, lembrou-se de ter ouvido alguns mexericos a respeito do comportamento do príncipe de Gales.

Tinha rido de sua paixão por lady Brooke e de sua atual “amizade íntima”, conforme diziam, com a sra. Keppel. Lina deduziu, então, que esse tipo de comportamento desse nível com as “três beldades”.

Teve a impressão de que tudo girava à sua volta. Agarrou-se uma cadeira, sentou-se e tentou raciocinar.

Não possuía a menor idéia de como um homem e uma mulher agiam durante o ato de amor. Sabia apenas que, se fizessem isso sem estarem casados, cairiam num pecado condenado pela Igreja.

Sempre idealizara o amor como um sentimento maravilhoso, igual ao que permeara o relacionamento de seu pai com sua mãe. Os dois haviam sido muito felizes, apesar das dificuldades financeiras. E ela aprendera desde o berço que seu nascimento era o resultado do amor de duas pessoas, unidas pelo matrimônio. Por isso ignorava o que fossem os casos frívolos de que os mexericos falavam.

Depois da morte da mãe, nunca conversara a respeito desses assuntos com ninguém. Não possuía amigas e nem uma parenta mais velha, que a pudesse orientar nesse sentido. Devia-se a isso, sem dúvida, a dificuldade que tinha para compreender o comportamento de Kitty.

Apesar disso, imaginou-a olhando para o duque com aquela expressão que não havia em seus olhos verdes quando falava com outras pessoas.

Lembrou-se também de que, quando planejavam a viagem a Paris, muitas vezes a voz de Daisy se suavizara ao pronunciar o nome de Fabian. Ao falar nele, era carinhosa e doce. Isto quando não demonstrava despeito, é claro!

_ Não acredito! Não acredito! – disse Lina, em voz alta. Mas sua voz dizia uma coisa e sua mente, outra.

_ Como é que ele pôde fazer isso? É horrível e não quero mais pensar nisso – Lina falava alto, como se assim conseguisse espantar as idéias terríveis que povoavam seus pensamentos.

Levantou-se de um salto e rumou até a estante, a fim de procurar um livro que desviasse seu pensamento de Fabian. Quando deparou com um exemplar que contava a biografia das famílias aristocráticas francesas, lembrou que tivera a intenção de pesquisar sobre os antepassados do duque. O projeto agora a revoltou, e ela recolocou o volume no lugar com raiva.

_ Agora não quero saber de mais nada a respeito dele!

O dia transcorreu lentamente, Kitty resolvera descansar, para estar com boa aparência durante o baile, e não fez nada. Passou o tempo todo deitada num sofá com as pernas para cima, conversando com Daisy e Evie depois que as duas apareceram para almoçar.

Não havia sinal da condessa. Quando uma das visitantes indagou onde ela estava, Kitty respondeu:

_ Yvonne disse que ia à casa de Fabian, ajudá-lo nos preparativos finais para hoje à noite. Como cada convidado foi designado para jantar em casa de alguém, imagino que reuni-los seja uma tarefa hercúlea.

_ Yvonne vai adorar – observou Daisy. – Gosta de se considerar a mão direita de Fabian, ou talvez alguma coisa mais íntima.

_ Com certeza ela acabará fisingando-o – comentou Evie. – Essas mulheres persistentes são como sanguessugas. É difícil para uma pessoa se livrar!

A maneira amarga com que se expressou confirmou a suposição de Lina! Evie também desempenhara um papel na vida do duque.

De repente, quase cedeu ao impulso de gritar que não iria ao baile!

Mas imaginou o espanto das três mulheres sentadas à mesa, assim como as perguntas que lhe fariam.

“Seria impossível dizer-lhes a verdade”, pensou Lina. Considerou que não havia nada que pudesse fazer, e decidiu calar-se.

No entanto, acreditava que não teria coragem de rever Fabian, nem de ouvir aquela voz, que despertava nela uma reação estranha, na qual não queria pensar.

Tanto Daisy como Evie se mostraram muito interessadas a respeito da noite anterior. Comentar sobre o que se passara foi a pior coisa que podia lhe acontecer. Cada vez que abria a boca para responder, Lina sentia que a dor redobrava.

_ O que o duque lhe disse, quando vocês ficaram a sós? – Daisy quis saber, com uma nota de ansiedade na voz.

Lina sentiu que tanto a marquesa como Evie a interrogavam como se ela fosse uma criada.

De repente, ficou ofendida com a atitude das duas, que pareciam julgar que Lina era obrigada a responder porque a consideravam inferior. A partir daí, resolveu que não satisfaria à curiosidade delas.

_ Lina afirmou que o duque estava pretendendo lhe fazer a corte – explicou Kitty.

_ É claro! – exclamou Evie. – Acha que ele perderia essa oportunidade?

_ O que foi que você disse? – Daisy virou-se para Lina ao falar, mas de novo foi lady Birchington quem respondeu.

_ Recusou-se a ouvi-lo. Deve ter sido uma surpresa para ele!

_ Quero saber o que Fabian falou, palavra por palavra – insistiu Daisy.

Houve silêncio. Depois, Lina disse:

_ Desculpe... mas acho que me esqueci. Aconteceu muito depressa. Lady Birchington não ficou fora muito tempo.

A marquesa olhou para amiga com expressão acusadora.

_ Isso foi estupidez sua, Kitty! Sabe tão bem quanto eu que Fabian gosta de chegar a uma situação dramática devagar, maciamente como uma música que vai num crescendo.

Deu uma risada e continuou:

_ Expressei-me bem, não acham? Vocês sabem o que quero dizer.

_ Creio que fiquei fora o tempo suficiente. Afinal de contas, seria um erro deixar que ela o entediasse cedo demais.

Falavam como se Lina fosse uma criatura sem importância e não estivesse presente.

Lina teve vontade de dizer que tudo estivera errado, desde o princípio, e que não desejava mais tomar parte naquela encenação idiota.

Mas, enquanto pensava isso, sabia que não teria coragem para enfrentar o sacrifício de não ir ao baile. Talvez fosse a única oportunidade de ir a uma festa daquele gênero, da qual provavelmente se lembraria a vida inteira.

“De que adianta uma pessoa ter princípios, se não pode dar-se ao luxo de viver de acordo com eles?”, perguntou a si mesma. E, pela primeira vez na vida, achou que estava sendo cínica.

Sentiu imenso alívio quando as outras duas saíram. Ao despedir-se de Kitty, Daisy observou:

_ Você não nos disse o que Yvonne achou de Lina.

Kitty riu.

_ A mim ela nada disse, mas olhou para Lina de um modo mais eloquente do que se falasse.

Todas riram, mas Lina percebeu que era um riso um tanto forçado.

Ela ainda não se recuperara do impacto do ataque da condessa nem do choque por compreender o que estava por trás de toda aquela encenação, de modo que ficou satisfeita quando se viu a sós com Kitty.

_ Vou me deitar e aconselho-a a fazer o mesmo – disse Kitty. – Acho que você está muito pálida. Precisa se cuidar ao máximo, porque a competição vai ser terrível, hoje à noite.

Riu e acrescentou:

_ A bem da verdade, seria um milagre se o duque a convidasse até mesmo para uma única contradança. Mas é necessário ter esperança!

Lina queria gritar que queria distancia de Fabian, mas percebeu que seria mentira. Nunca ansiara tanto por estar próxima de alguém. Queria dançar com ele, para poder guardar mais essa lembrança.

A idéia de que as coisas belas que ele lhe dissera não seriam nada além da repetição do que dezenas de outras mulheres já tinham escutado a magoou profundamente.

_ Ele é desprezível – murmurou, enquanto se deitava no quarto em completa escuridão.

Mas, em vez de odiá-lo, como mandava o bom senso, a imagem dele a perseguia e parecia em sua mente sempre que fechava os olhos.

Não passava de um devasso, um homem que nenhuma mulher sensata confiaria. Mas era único, original e, mesmo que não merecesse ser chamado assim, era um “cavalheiro”.

_ Se eu fosse escritora, faria um livro sobre ele – disse Lina, a si mesma. – Mas o problema seria saber que papel lhe daria: o de herói ou o de vilão?

Ocorreu-lhe que todos os homens talvez fossem ambas as coisas. Embora, no caso do duque, as duas partes de sua natureza fossem avassaladoras, em vez de comuns e normais, como os outros homens.

De novo ouviu a voz de Fabian e soube que, certo ou errado, bom ou mau, quando ele dizia a palavra “amor”, fazia com que o coração dela batesse de um modo estranho.

Mais tarde, quando veio preparar o banho de Lina, a criada trouxe uma caixa de papelão presa por uma fita prateada. Havia também um cartão.

_ Para a senhora, *Madame*. Chegou há algum tempo, mas pensei que estivesse dormindo e não quis incomodá-la.

_ Para mim?

Sentou-se na cama de um salto e pegou o presente.

Não havia dúvidas sobre quem o teria enviado. Um único olhar para a letra firme e reta bastava para revelar quem lhe escrevera o nome.

Lina ficou segurando o envelope alguns bons minutos, sem coragem para abri-lo. Depois, com um gesto rápido, tirou o cartão e pôs-se a examiná-lo.

No alto, estava gravado o endereço, com a coroa ducal. Havia apenas duas linhas escritas.

“Até hoje à noite, quando vamos trocar idéias e ler os pensamentos um do outro”.

Lina leu e releu as palavras com certa surpresa.

Não era o tipo de bilhete que ela esperaria de Fabian.

O caráter imprevisível e nada meloso da mensagem ajudaram-na a acalmar os sentimentos contra ele. O comportamento de Fabian mostrou-se sob um prisma menos censurável do que ela julgara antes.

Ainda dominada por essa impressão e com certa curiosidade, desembulhou a caixa.

Esperava que contivesse flores, mas encontrou dentro várias camadas de papel de seda. No centro, viu um estojo de veludo azul-marinho.

Abriu-o e, com espanto, viu dentro uma estrela de brilhantes.

Era delicada, mas devia ter custado muito dinheiro. Lina ficou olhando para a jóia, atônita.

Como pudera ele imaginar, por um segundo ela aceitaria um presente tão valioso, de um homem que mal conhecia?

Perguntou-se, revoltada, se ele dera presentes iguais a Kitty, a Daisy e a Evie. E, neste caso, teriam elas devolvido? Desconhecia a resposta, mas seu sexto sentido a alertava que se contasse a Kitty que o duque lhe mandara aquela lembrança ela poderia obrigá-la a aceitá-la.

Nunca! Jamais faria isso! Sua mãe lhe dissera que nenhuma senhora deveria aceitar presentes de um cavalheiro, a não ser que estivessem noivos.

_ Chocolate, perfume e às vezes luvas são coisas permitidas, mas nunca jóias, a não ser como presente de noivado – recomendava a condessa. – É pouco provável que alguém lhe ofereça jóias, minha filha, mas às vezes o inesperado acontece e é sempre bom a gente saber de antemão o que é certo e o que é errado.

Na ocasião, Lina pouca atenção dera à recomendação da mãe; agora percebeu que o inesperado acontecera. Havia recebido um presente que precisava ser devolvido!

A dificuldade era saber como.

Saiu rapidamente da cama. Aproveitou a distração da empregada, ocupada em trazer baldes e baldes de água para o banho, e escondeu o estojo de veludo no fundo de uma gaveta.

Depois pegou uma das rosas que estavam num vaso, na mesa perto da janela, e colocou-a na caixa de papelão enviada pelo duque.

Tinha certeza de que a criada ia ficar curiosa a respeito do presente. Provavelmente iria contar o fato a Nora que, por sua vez, contaria a Kitty.

Fechou a caixa e colocou-a com naturalidade sobre a penteadeira.

Enquanto se vestia, ficou imaginando como poderia fazer para que Fabian soubesse que seu presente não apenas não era bem-vindo, como na realidade era um insulto.

A condessa estava dando um jantar grandioso antes do baile. À medida que os convidados chegavam, cada mulher mais bonita e mais elegante do que a outra, Lina a um canto se perguntava quantas delas teriam significado alguma coisa para o duque.

Quantas teriam recebido presentes como o que ela escondera lá em cima?

Embora parecesse estranho, desconfiava principalmente do colar de esmeraldas de Kitty, dos brilhantes e safiras que faziam com que Daisy brilhasse como uma estrela, e das pérolas e turquesas de Evie.

Depois, achou que suas suspeitas eram ridículas. “As três beldades” tinham maridos que jamais permitiram que as esposas usassem jóias dadas por outro homem. Caso contrário, não poderiam ser considerados cavalheiros dignos de respeito.

Terminado o jantar, as senhoras subiram para buscar os agasalhos, antes de irem para o baile. Lina fez um esforço para resistir ao impulso de dar mais uma espiada na estrela de brilhantes guardada no fundo da gaveta.

Podia ser um presente censurável, mas era muito bonito.

Depois, tomou a resolução de dizer a Fabian que havia ficado profundamente surpresa com o presente e que o devolveria assim que a ocasião se apresente. Fosse qual fosse o efeito que Fabian lhe causava, Lina precisava lembrar de que cada palavra dele era mera repetição do que dissera a outras mulheres que tinham sido bastante tolas para lhe dar ouvidos.

“É o tipo de homem contra quem as moças deveriam ser prevenidas”, pensou ela.

No entanto, um pensamento a fez cair em profundo desânimo. O duque a enxergava como a uma mulher casada. Se ele se comportava mal, o mesmo se dava com Lina.

Ela estava enganando Fabian, representando uma mentira, e ia à casa dele com um nome falso. “Creio que, na realidade, nós dois somos iguais”, concluiu com tristeza.

Mas estava sorrindo quando desceu a escada para juntar-se aos demais convidados que, alegres e ansiosos, reuniam-se no grande hall da mansão, antes de sair.

CAPITULO VI

Lina olhou ao redor fascinada.

Não podia imaginar nada mais excitante nem mais romântico do que o cenário que o duque criara para o salão de baile.

Quando vira a decoração, na véspera, se empolgara porque sempre desejou visitar Veneza. Mas agora aquilo parecia um sonho tornado realidade. Uma aura de irrealidade e fantasia envolvia as coisas e as pessoas, fazendo com que Lina se julgasse parte da música e das estrelas do céu.

Enquanto observava os pares, pensava que não podia haver nada mais gracioso nem mais elegante do que as senhoras com jóias cintilantes e vestidos longos e saias rodadas, dançando com cavalheiros de camisa branca e casaca.

_ Preciso gravar na memória cada momento! – disse a si mesma.

Mas, desde o momento em que chegou, achou difícil concentrar a atenção em outra coisa, além do duque.

Mesmo no meio de tantos convidados, Fabian se sobressaía, qualquer que fosse o seu par. Lina se sentia irresistivelmente atraída por ele, e tinha a impressão de lhe ouvir a voz, de minuto em minuto.

Na abertura do baile, Fabian dançou com as senhoras mais velhas. Embora não soubesse quem eram, Lina calculou que pertencessem às mais antigas famílias da França.

Tinham um ar aristocrático e uma altivez que pareciam frutos de séculos e séculos de autoridade. Mantinham a cabeça erguida e moviam-se como se, mesmo enquanto dançavam, estivessem sendo condescendentes com as pessoas menos importantes.

Conforme o duque prometera, a orquestra era composta principalmente de violinos, mas no jardim haviam músicos que caminhavam tocando guitarras e cantando canções de amor italianas.

O canto, em harmonia com o balançar das lanternas das gôndolas, misturava-se aos gritos dos barqueiros, avisando aos companheiros que tivessem cuidado ao passar.

Era tudo tão maravilhoso que Lina ficou de pé no terraço, absorvida na contemplação da festa. Nisto, ouviu uma voz ao seu lado.

_ Está se divertindo, lady Littleton?

Ela se virou e deu de cara com uma senhora idosa, que usava uma magnífica tiara e um belo colar de pérolas.

Lina lhe fora apresentada ao chegar, e sabia que era a duquesa de Saverne, avó de Fabian.

_ É maravilhoso, *Madame!* Nunca imaginei que pudesse haver uma coisa tão bela!

_ Fico contente com isso. Mas tanto dinheiro poderia ter sido gasto em favor de causa melhor.

Lina já havia dito mais ou menos isto, no entanto, Kitty a repreendera, acusado-a de ter idéias socialistas.

_ Em vez disso, eu gostaria que os amigos ingleses de meu neto tivessem vindo aqui para celebrar o casamento dele.

_ O duque vai se casar?

A velha senhora sacudiu a cabeça.

_ Infelizmente, não. Mas deve compreender, lady Littleton, que nós da família, que o amamos, gostaríamos que se assentasse na vida e escolhesse uma esposa.

Esta maneira de falar e o olhar agudo que a avó de Fabian lhe lançou fizeram com que Lina achasse que a velha tinha um bom motivo para se dirigir a ela daquele jeito.

Na certa, alguém comentara com a duquesa que seu neto possuía um novo interesse na vida. Assim, a matriarca a avisava sutilmente que ela era uma intrusa e a família não estava muito satisfeita com seu aparecimento.

Obviamente, a duquesa esperava que Lina dissesse qualquer coisa. O problema é que ela não encontrava nenhum comentário que julgasse conveniente para fazer. Após alguns instantes disse, de maneira impessoal:

_ Tenho certeza de que o duque acabará fazendo o que é... direito, em relação à sua família e à posição que ocupa.

_ O direito seria ele casar com alguém de uma família igual à nossa. Como deve saber, lady Littleton, na França, em geral, os casamentos são arranjados. Seria inadmissível, por exemplo, que meu neto se casasse com uma moça de posição inferior. Seria uma *mésalliance*.

Fez uma pausa. Como Lina não interviesse, continuou:

_ Todos os aristocratas estão imbuídos da idéia de que sangue azul só deve mistura-se com sangue azul. E, isso, desde o nascimento. A tradição significa muito para nós.

Lina compreendia exatamente o que a velha senhora queria dizer. Podia deter um título e parecer igual ao duque, mas os parentes dele queriam que Fabian se casasse, em vez de ter *affaires de coeur* com mulheres que a família não considerava de seu nível social.

Lina teve vontade de perguntar se a duquesa achava a mesma coisa de Daisy, de Evie e de Kitty e ficou imaginando se a velha senhora seria bastante honesta para afirmá-lo.

Sabia como os franceses eram orgulhosos, principalmente os que pertenciam ao *ancien regime*, e que, de fato, nunca haviam aceito os títulos criados por Napoleão Bonaparte.

Lina sorriu ao pensar que, quando inventaram o papel que ela iria representar para conquistar o duque, as três amigas não tinham olhado suficientemente alto.

_ Eles devem ter me feito duquesa! – disse a si mesma.

Mas sabia que isso seria muito fácil de se verificar e que facilmente descobririam que era um título falso.

Lina estava achando constrangedora a conversa com a avó de Fabian. Ficou satisfeita quando seu par da última dança apareceu correndo, com uma taça de champanhe na mão, e interrompeu o diálogo.

_ Quase a perdi de vista, *Madame*. Infelizmente demorei muito porque não havia limonada. Espero que, em vez disto, o champanhe mate sua sede.

_ Obrigada – respondeu Lina. – É muita gentileza sua.

Tomou um gole da bebida e logo depois percebeu que a duquesa se afastara.

_ Quer dançar comigo, outra vez? – convidou o rapaz. – Acho desnecessário dizer que não tenho vontade de dançar com mais ninguém e, se você recusar, minha noite vai ficar perdida!

Lina riu e respondeu:

_ É muito lisonjeiro, *Monsieur*, mas já estou comprometida para as três próximas contradanças.

_ Então, precisa me reservar a quarta – insistiu, o francês, pegando o carnê de Lina e escrevendo ali o seu nome.

Mas, à medida que passava a noite, Lina percebia que era impossível cumprir seus compromissos.

O baile tinha começado formalmente. Como se realizava em casa do duque, todo o mundo se comportava corretamente e sem excessiva exuberância.

Mas a atmosfera romântica e talvez o excelente champanhe servido constantemente por lacaios de perucas fizeram com que animação fosse crescendo, ajudada pela música.

Havia uma excitação no ar, tudo parecia brilhar e Lina acabou achando que também ela fulgurava.

Respondendo aos elogios e às lisonjas de seus pares, ela achou que estava sendo espirituosa e que, gora, não apenas assistia a uma representação como participava dela.

Todos os homens com quem dançava lhe pediam que os acompanhasse num passeio de gôndola. Mas, tendo observado as embarcações deslizarem, entrando nas sombras sob a Ponte dos Suspiros, Lina considerou que aceitar os convites seria pouco recatado de sua parte.

Tinha certeza de que o acompanhante, no caso, encararia seu assentimento como uma autorização para lhe fazer a corte e, no mínimo, segurar-lhe a mão.

Não desejava que isso acontecesse. E, principalmente, não queria que nenhum homem a tocasse, a não ser um em especial.

Este pensamento a constrangeu. Mas, à medida que passava a noite e o duque não a procurava, Lina sentiu que o esperava, desejando falar com ele. Surpreendia-se, mesmo, sendo indiscreta e olhando-o fixamente, numa muda proposta para que ele se aproximasse dela.

_ Quero falar com ele... Quero dançar com ele... – murmurou, para si mesma, quando percebeu que estava ficando tarde, e Fabian não se acercara dela nem uma vez.

Não compreendia por que ele a evitava. Viu-o dançando com Kitty, depois com Daisy e calculou que logo seria a vez de Evie.

De repente, pareceu-lhe que o cenário já não brilhava tanto, nem era tão bonito, e que ela parecia ter uma pedra no coração.

A música recomeçou. Lina afastou-se de seu par, com quem estivera conversando no terraço, para voltar ao salão, quando de repente viu o duque a seu lado.

Ele nada disse. Colocou o braço na cintura dela e levou-a para o salão de dança. Ela percebeu que tocavam uma valsa romântica e teve a impressão de que novamente estava sonhando.

Todos os seus pares lhe haviam dito que ela era leve como uma pluma e que dançava muito bem.

Com o duque, Lina teve a impressão de que os dois se fundiam e não eram duas pessoas e sim uma só.

Quando olhou para ele, espantou-se com a seriedade que havia no rosto de Fabian. Sua expressão chegava a ser taciturna, e ela não pode resistir a quebrar o silêncio.

_ Estava esperando para lhe dizer como tudo aqui é maravilhoso!

_ Será mesmo maravilhoso para você?

_ Sim, pode estar certo.

_ Creio que, quando escolhi a decoração para o baile, intuí que você estaria aqui. E não é necessário dizer uqe não há nesta sala nenhuma mulher mais bonita do que você!

Seu modo de falar, com uma nota de grande sinceridade, a fez emocionar-se. Fitou-o e notou que não havia nos olhos dele o brilho malicioso de antes, e que seus lábios não tinham a costumeira expressão zombeteira.

Fabian puxou-a para mais perto e conduziu-a pelo salão, no mais absoluto silêncio.

Antes da dança terminar, ele parou perto de uma das portas que davam para o terraço e encaminhou-a para o jardim.

Desceram uns degraus. Ao chegarem à plataforma do lago, havia uma gôndola á espera, e o duque ajudou Lina a subir.

Sentaram-se no banco forrado de almofadas de seda vermelha. O barqueiro, acomodado atrás deles, pôs a gôndola em movimento lentamente. A luz das lanternas refletiu-se na água, num show de brilho e reflexos, e Lina virou-se para o duque.

Notou que ele olhava à frente, em silêncio. Pressentiu que Fabian não queria falar e, portanto, também permaneceu calada.

Sabia que qualquer coisa que dissessem poderia ser ouvida pelo barqueiro, e isso não seria prudente.

Embora avistasse, refletidos na água, outros casais abraçados, ou falando bem juntinhos, Lina não queria que ninguém escutasse uma palavra que trocasse com o duque.

A gôndola levou-os para longe da casa. A orquestra do salão se tornou distante, de modo que agora era mais fácil ouvir os músicos ambulantes que tocavam apaixonadas canções de amor. Isto fez com que o ritmo do coração de Lina acelerasse.

Estava tão cônica da presença de Fabian que, embora houvesse um espaço entre os dois, tinha a impressão de que estava nos braços dele.

A gôndola passou sob a Ponte dos Suspiros, e penetrou numa parte mais selvagem do imenso jardim, onde havia moitas e árvores altas e a luz escasseava.

Na extremidade do lago, havia um lugar de desembarque. O gondoleiro parou, sem que nada lhe dissessem.

Lina olhou para o duque com ar indagador. Ele desceu e estendeu a mão para ajudá-la a desembarcar.

Lina estremeceu ao contato dos dedos dele. Enquanto estavam na gôndola, ela tirara as luvas, sem refletir, e agora seus braços estavam nus.

Subiram alguns degraus. Diante deles, havia uma espécie de cortina feita de folhas, que o duque afastou para um lado.

Surpresa, ela hesitou por um momento. Olhando para trás, viu que a gôndola se afastava na direção de onde viera.

_ O barqueiro voltará, quando chegar a hora – informou o duque, serenamente, como que para tranquilizá-la.

Eram as primeiras palavras que ele pronunciava, desde que tinham saído do salão de baile. Lina sorriu e passou pela cortina de folhas que ele segurava.

Soltou uma exclamação. Viu o que obviamente fora arranjado como uma “saleta” para os convidados. O ambiente era muito bonito e tão surpreendente que só o que ela pode fazer foi admirá-lo atônita.

As paredes do caramanchão tinham sido feitas totalmente de flores, fixadas numa treliça de um modo muito hábil.

Eram iluminadas por trás, de forma que as flores ficavam transparentes contra a luz. Havia rosas, cravos, lírio, orquídeas, numa profusão de cores e de formas delicadas.

Um suave perfume enchia o ar, misturando-se ao som da música que agora estava tão longe tornando difícil a Lina saber se realmente a ouvia, ou se não passava de uma recordação.

Havia ali um divã confortável, com almofadas de seda. O chão estava salpicado de pétalas de flores. Parecia um conto de fadas.

_ É lindo! - exclamou Lina. - Nunca pensei que pudesse haver uma coisa tão bonita e tão original.

_ Era o que eu queria que pensasse. Preparei este lugar especialmente para trazer você aqui e termos uma conversa.

Lina lançou-lhe um olhar assustado:

_ Quero falar com você sobre... o presente que me mandou.

_ Tive esperança de que o usasse, hoje.

Lina sacudiu a cabeça.

_ Não posso fazer isto. E... por favor... Não quero magoá-lo, mas é uma coisa que não posso aceitar.

_ Por que não?

_ Porque seria errado aceitar uma coisa tão valiosa de uma pessoa que não tem... esse direito.

Lina achou que estava falando de um modo um tanto incoerente, mas era difícil expressar-se. Tinha também medo de que o duque a achasse ingrata e rude por recusar seu presente.

Fabian nada disse, e ela juntou as mãos, nervosamente.

_ Por favor, compreenda... Fui educada na idéia que é errado uma dama aceitar presentes de um homem... a não ser alguma coisa simples como flores. Sei que mamãe não aprovaria, se eu guardasse a estrela de brilhantes... por mais bonita que seja.

_ Você disse que sua mãe não aprovaria - observou o duque. - Mas não é com a opinião de seu marido que você deveria ficar preocupada?

_ Sim, é claro! Ele também não aprovaria.

_ Tenho uma razão especial para lhe dar este presente, Lina, e vou explicá-la. Em primeiro lugar, quero olhar bem para você, o que tive medo de fazer, até agora.

_ Medo?

_ Acredita que, se estivesse olhando para você, eu poderia ter continuado a dançar com as outras mulheres, conversado ou feito o papel de anfitrião?

Em tom mais grave, continuou:

_ Estivesse contando os minutos, até poder dançar com você, para depois trazê-la para cá e lhe contar o quanto a amo!

Lina soltou uma exclamação abafada e pôs as mãos no peito.

_ Não... por favor...

_ Por favor... o que? Você sabe tão bem quanto eu que significamos um para o outro alguma coisa que não pode ser expressa por palavras.

Ao dizer isto pôs os braços à volta de Lina, que afastou-se. Mas o caramanchão era muito pequeno e ela logo se viu contra a parede de flores.

_ Creio que devo ir embora... Não é correto permanecer aqui... com você.

_ Mas quer ficar. Diga a verdade, Lina. Você quer ficar. E quer ouvir o que tenho a lhe dizer.

Lina sabia que aquilo era verdade. Por um momento, foi impossível mentir, impossível representar o papel que lhe havia sido dado.

Sabia que o duque a fitava e que, se ela também olhasse, faria tudo o que ele quisesse.

_ Por favor... deixe-me ir!

Sua voz soou suplicante, quase como se ele a segurasse.

_ Não posso permitir isso, Lina.

_ Por que não?

_ Porque você precisa me ouvir. Mas talvez seja melhor eu dizer as coisas na ordem certa.

Havia qualquer coisa de estranho na maneira de falar, e Lina fitou-o espantada.

_ Não compreendo.

_ Por que haveria de compreender? Apesar disto, acho que, no seu íntimo, porque pensamos de modo igual e somos iguais, você irá compreender.

Lina ficou em silêncio e o duque continuou:

_ É isto o que você é para mim, uma estrela no firmamento, de beleza perfeita, fascinante, atraente. Mas não posso tocá-la e nem torná-la minha.

Lina vibrou com essas palavras, mas não o interrompeu.

_ Quando mandei fazer este caramanchão, estava pensando em você. Pretendia trazê-la aqui, hoje à noite, para amá-la, Lina. Queria convencê-la de que pertencemos um ao outro e que não há nada no mundo para nós dois, além do amor.

Lina estremeceu e cruzou as mãos com tanta força que seus dedos doeram.

_ Tinha certeza de poder convencê-la, como persuadi outras mulheres, antes. Mas de repente compreendi que você era diferente.

_ Diferente?

_ Diferente de todas as mulheres com quem fiz amor e que fizeram parte de minha vida por um pequeno espaço de tempo.

O duque fez um gesto impaciente e prosseguiu:

_ Não há necessidade de lhe confessar que minha reputação é merecida. Mas deixe que lhe diga, em minha defesa, que nunca possui uma mulher contra a vontade dela e nem tentei me impor.

Ocorreu a Lina, de repente, o pensamento de que nenhuma mulher em sã consciência o recusaria.

_ Hoje à tarde, quando fui comprar um presente de gratidão pelo amor que eu tinha certeza de que você me daria, Lina, vi a estrela de brilhantes.

O duque fez uma pausa e depois disse, em voz emocionada:

_ Soube, então, o que você era e que eu não podia estragar uma coisa tão perfeita.

Lina susteve a respiração.

_ Sim, perfeita! Perfeita, de um modo que nenhuma outra mulher jamais foi, de um modo que nenhuma jamais tocou meu coração.

Deixou escapar um som que era um misto de gemido e de suspiro. Parecia transtornado mas não parava de falar.

_ Não posso causar-lhe dano, Lina, nem fazê-la infeliz, como fiz outras mulheres. Nunca pretendi maltratá-las, mas não pude evitá-lo várias vezes. É uma coisa que jamais deverá acontecer a você. Se eu fizesse com que chorasse, creio que me mataria!

_ Está mesmo dizendo... a verdade?

_ Procure me compreender, minha querida. – O que tenho por você é amor verdadeiro; um amor tão avassalador, tão diferente de tudo o que senti até agora, que só posso considerá-lo como uma dádiva de Deus.

Pegou a mão de Lina, delicadamente, e completou:

_ É por isto, minha bem-amada, que vamos dizer adeus um ao outro hoje. Nunca mais a verei...

_ Oh, não! – interrompeu-o Lina. – Eu não suportaria...

_ Mas é preciso, porque você tem um marido. Vou mandá-la para a Inglaterra perfeita e inviolada, uma criatura que não foi tocada por um homem que não pode significar nada sério na sua vida. Eu iria apenas prejudicá-la, querida, e talvez destruí-la.

O duque disse isso com tanta tristeza, que as lágrimas invadiram os olhos de Lina.

Ocorreu-lhe de relance que poderia contar-lhe a verdade, mas sabia que não iria melhorar as coisas.

Em primeiro lugar, seria uma deslealdade para com Kitty, que a trouxera a Paris e gastara muito dinheiro com ela. Pior ainda, se Fabian soubesse que ela não era casada: se ele não queria estragar a vida dela como mulher casada, não iria pensar de modo diferente em se tratando de uma mulher solteira.

Não sabendo o que dizer, Lina perguntou, infantilmente:

_ Como é possível que eu não torne a vê-lo... antes de ir embora?

_ Não me verá, porque vou partir – respondeu o duque. – Deixá-la vai ser muito difícil para mim, mas é uma coisa que deve ser feita. Do contrário, minha linda estrela, talvez minha resolução sobre o que fazer se enfraqueça.

Fitou-a, como que para gravar na memória o seu rosto.

_ Vou pensar em você, sonhar com você. E estará sempre no meu coração, Lina querida!

_ Como é que pode... dizer isso?

_ É verdade. Não há palavras para definir as vibrações que existem entre nós. Não há necessidade de explicar que você me pertence e que eu lhe pertenço e que nossos espíritos estão mais próximos um do outro do que se nossos corpos se tocassem.

Respirou fundo, antes de prosseguir, angustiado:

_ *Le bon Dieu* sabe que as tentações de Sto. Agostinho nada foram, comparadas com o que sofro agora.

Apertou a mão de Lina e continuou:

_ Eu a quero, Lina! Desejo-a ardentemente! E, minha querida, como você faz parte mim, como somos indivisíveis, sei que não me resistiria, caso eu resolvesse torná-la minha.

A paixão da voz de Fabian e o fogo de seu olhar fizeram com que Lina estremecesse... Ele sentiu o movimento da mão dela presa na sua e disse:

_ Sei que você foi feita para mim. Você é tão pura e inocente que não chega a ter noção certa do que é o verdadeiro amor entre um homem e uma mulher... Quando um casal se ma espiritualmente também fica unido fisicamente pela chama de um desejo incontrolável, e não consegue se separar.

Hesitou, mas parecia deciso a não se calar.

_ É o que sinto por você. Ficariamos possuídos de um êxtase que nos lavaria a um céu só nosso.

Lina deixou escapar um murmúrio e ele continuou:

_ Você corresponderia, querida. Se eu a tocasse, conheceríamos um prazer sem limite.

Ao ouvir isso, Lina foi tomada no íntimo por uma felicidade imensa. Era como se todo o seu ser clamasse pelo duque e desejasse que ele a tomasse nos braços e nunca mais a deixasse...

_ Eu a amo, Lina! Amo-a tanto, que não vejo e não ouço mais ninguém. No mundo inteiro e no céu só existe você.

_ Eu também... amo você!

As palavras foram apenas sussurradas, mas Fabian as ouviu. Lina ergueu a cabeça e fitou-o bem nos olhos.

Assim como na noite anterior, quando tinham olhado um para o outro. Lina sentiu que se entregava a ele e que não eram mais duas pessoas e sim uma só. Fitaram-se por um longo momento e, lentamente, o duque a enlaçou.

Lina sentiu que ele a levava para um céu especial, que pertencia somente a eles. Não tinha mais medo e nem se sentia só. O amor tomara conta de seu coração, de sua mente e de seu corpo.

_ Amo... você!

Embora estas palavras fossem apenas murmuradas, Lina teve a impressão de que gritara do alto de uma montanha.

_ É o adeus, minha adorada – sussurrou o duque em voz rouca, enquanto seus lábios buscavam os dela.

O beijo foi ainda mais maravilhoso do que Lina poderia ter esperado. Tudo o que Fabian dissera sobre o amor deles era verdadeiro. Ele apertou-a com mais força e seus beijos se tornaram insistentes, apaixonados e possessivos. Lina compreendeu que o duque tinha razão ao dizer que haviam sido feitos um para outro.

Este era o amor de duas pessoas que se tinham encontrado através dos tempos, para toda a eternidade. Um amor sobre o qual não poderia haver reservas, nem dissimulação.

Um amor perfeito, divino. Tudo o que era falso e mentiroso ficava purificado por ele.

Ao sentir os beijos de Fabian, Lina achou que nunca vivera, até aquele momento. Beijando-a, ele lhe dava a própria vida.

Não eram mais seres humanos. Unidos por um amor puro, estavam próximos da Divindade...

O duque ergueu a cabeça, lentamente. Embora nada dissessem, Lina soube que aquilo era o fim.

Seu coração começou a bater acelerado. Ela sentia uma felicidade incrível, e tinha a impressão de que flutuava no ar.

Antes mesmo que Lina percebesse, ele se afastaria dela e teria partido, deixando-a só para o resto da vida.

Queria chorar, lamentar crueldade do destino. Queria prendê-lo, impedir que partisse, mas ele não mais a abraçava.

Lina sabia que iam voltar para a casa do mesmo modo como tinham vindo até ali, na gôndola, em silêncio.

Era uma agonia encontrar o amor com o qual sempre sonhara e perdê-lo no momento em que disso se apercebia...

Ela estendeu a mão, como se quisesse alcançar o homem amado. Nisto, as cortinas de folhagem se abriram e alguém entrou no caramanchão.

Por um momento, Lina não pode voltar à realidade, nem focalizar a vista. Depois distinguiu o vulto de uma mulher... a condessa!

_ Exatamente o que eu esperava! – disse ela, com uma voz rude e grosseira, destoando do ambiente florido. – Pensei que o encontraria aqui!

_ O que é que você quer, Yvonne? – perguntou o duque.

_ O que espera que eu queira? *Você*, é claro! Eu o desejo há muitos anos!
_ Este não é um lugar apropriado para uma cena... – começou o duque.
_ Uma cena? É este o nome que você dá a isto? *Alors*, já estou farta, Fabian, farta de suas aventuras, farta de suas mulheres! Vim aqui, hoje, disposta a matar esta nova criatura que você está seduzindo, mas mudei de idéia e vou matar você!

Ao dizer isso, Yvonne tirou a mão das dobras do vestido e Lina viu que ela empunhava um pequeno revólver.

_ Vamos, Yvonne, seja sensata – pediu Fabian, serenamente. – Não é hora para se comportar de um modo histérico. A condessa apontou a arma para ele, acertando a pontaria.

_ O que você chama de “histérico” é amor, Fabian! E, depois que você morrer, não sofrerei mais!

Lina percebeu, então, pela expressão dos olhos de Yvonne e pelo rictos da boca que ela estava louca.

De manhã, quando a condessa a agredira com palavras, Lina suspeitara que ela não fosse muito bem equilibrada mentalmente, mas agora soube que era demente e que, tendo dito que ia matar Fabian, certamente cumpriria com a palavra.

Sem pensar ou parar um minuto para refletir, Lina se atirou na frente do duque no momento em que Yvonne gritava com uma voz estridente, inumana:

_ Morra, Fabian, morra! E espero que goste do beijo da morte!

Ato contínuo, puxou o gatilho, e Lina ouviu uma explosão que pareceu ferir-lhe os tímpanos. Sentiu uma dor aguda, que fez com que gritasse, antes que uma escuridão total a envolvesse.

CAPITULO VII

Lina recobrou a consciência, tendo a impressão de que saía de uma túnel escuro e interminável.

Durante muito tempo, não pensou em nada, a não ser no fato de poder respirar. Depois, mergulhou de novo na escuridão, sem ter conhecimento dos próprios pensamentos e nem de si mesma...

Quando voltou de novo a si, ouviu pássaros cantando. Alguém se movia e o farfalhar das roupas era diferente dos sons que ouvira antes.

Lentamente, ainda amedrontada, abriu os olhos. Viu-se num quarto desconhecido, em semi-obscuridade. Não que fosse noite, como Lina pensara a princípio, mas porque havia venezianas impedindo que o sol penetrasse no aposento.

Alguém se inclinou em sua direção e, delicadamente, ergueu-lhe a cabeça, insistindo para que ela bebesse alguma coisa. Ao mesmo tempo, Lina percebera que estava com sede e tinha a garganta seca.

_ *Dormez, ma petite!*

Como isto soou como uma ordem, fechou os olhos e de novo mergulhou no sono.

Muito tempo depois, poderiam ter se passado dias ou semanas, sua mente clareou e Lina percebeu que recomeçava a pensar e a sentir. Só aí percebeu que alguma coisa lhe prendia o braço esquerdo. Quando tentou movê-lo, soltou um gritinho de dor.

Imediatamente, alguém se aproxima da cama. Lina ouviu a mesma voz que ouvira quando acordada pela primeira vez:

_ Está acordada, *madame*?

Lina ergueu os olhos e viu o rosto bondoso e calmo de uma mulher de touca e véu.

Como se tivesse feito uma pergunta muda, a freira apressou-se a dizer:

_ Está tudo bem. Você está melhor e não precisa ter medo.

“Medo?”, pensou Lina, achando que era uma palavra estranha.

E, então, ela lembrou-se!

Em sua mente, surgiu um quadro, quase como se ela pudesse vê-lo realmente: a condessa, de revolver em punho, gritando como louca.

Depois, o ruído de uma explosão e uma dor aguda, que fez desmaiar.

_ Ela... atirou em mim! – murmurou.

_ Sim, atirou – respondeu a freira, serenamente. – Mas, pela benção de Deus, o mal não foi tão grande como poderia ter sido.

Lina virou a cabeça e procurou olhar para o ombro esquerdo.

Viu-o o sobre as cobertas e percebeu que estava envolto em ataduras.

_ Perdi... meu braço? – perguntou, assustada.

A freira sorriu, e passou as mãos pelos cabelos dela, num gesto confortador.

_ Não, claro que não. Foi um ferimento superficial, mas a bala teve que ser extraída. Isso significa que vai levar algum tempo para cicatrizar. Mas você é forte, e estamos todos rezando para que se restabeleça logo.

_ Obrigada...

A freira foi buscar um copo. Lina bebeu o líquido e achou que tinha gosto de fruta e mel.

A freira levantou-lhe a cabeça e disse:

_ Quer sentar-se um pouco mais alto, *Madame*?

_ Sim... por favor.

A irmã ergueu-a com cuidado, colocando-lhe mais um travesseiro nas costas. Depois foi até a janela e abriu a veneziana, para que entrasse mais luz no quarto.

Lina virou a cabeça para examinar melhor o aposento.

Viu que estava num quarto grande e bonito, muito bem decorado. As paredes cobertas de brocado estavam forradas de belos quadros. Erguendo o olhar, observou que o teto era pintado com deusas e cupidos. Os cortinados que caíam dos lados da cama eram de renda e de seda.

Lina conhecia a resposta à pergunta que ia fazer, mas mesmo assim não se conteve.

_ Onde... estou?

_ Hospedada na casa do duque de Saverne, *Madame* – respondeu a freira. – Era onde estava na noite do baile.

Lina respirou fundo. A noite em que a condessa atirou nela, a noite em que o duque lhe disse adeus, afirmando que nunca mais iria vê-la.

Havia mais uma pergunta que ela queria fazer, uma pergunta que tremia em seus lábios. Mas Lina não ousou fazê-la, porque não suportaria a resposta.

Era uma questão muito simples: o duque tinha partido? Tinha deixado Paris?

Se tivesse ido embora, isto significava que ela nunca mais iria vê-lo.

Depois, lembrou-se que salvara a vida de Fabian.

Se não se atirasse na frente dele, a condessa o teria matado, como pretendia, pois apontara o revólver na direção do coração do duque.

Lina recordou tudo o que acontecera. Esgotada pela emoção daquelas lembranças e pela dor no ferimento, fechou os olhos e adormeceu.

A freira entrou no quarto, carregando um vaso cheio de orquídeas e disse:

_ Veja que flores lindas, *Madame*.

A freira que chegava agora era uma das duas que se revezavam para tomar conta de Lina. Mais moça do que a outra, certamente era mais tocada pelas coisas materiais.

_ São lindas! – exclamou Lina.

- Todos os dias, *Monsieur*, o duque, encontra alguma coisa nova para lhe mandar, *Madame*. Logo não teremos mais lugar onde colocar flores.

Era verdade. O quarto estava começando a ficar parecido com um caramanchão e Lina se lembrou daquele onde o duque a beijara.

Nos últimos dias, sentindo-se mais forte a apta a pensar com maior clareza, Lina tinha consciência de que o duque pensava nela e não a esquecera, como ela temera.

Quase podia sentir as vibrações que os uniam. E as flores faziam com que o recordasse constantemente.

Imaginava-o lá embaixo, andando pelas salas lindamente decoradas. Esperava que ele lhe mandasse um bilhete ou um recado. Mas chegavam apenas flores e Lina desejou acreditar que elas lhe falavam numa linguagem sem palavras.

Ao mesmo tempo, não podia deixar de se aborrecer com o que estava acontecendo. Supunha, embora nada quisesse perguntar às freiras, que Kitty, Daisy e Evie tivessem voltado para a Inglaterra.

Mesmo que não tivessem partido, não a visitaram e sequer se deram ao trabalho de lhe mandar um recado.

Pelo que diziam as freiras, o médico exigira que Lina se mantivesse em repouso absoluto. Na realidade, fora somente na véspera que ela começara a se sentir bem.

Agora, embora o braço lhe doesse quando fazia movimento, Lina se achava quase restabelecida.

Quando lhe fizeram o curativo, ela não teve coragem de olhar para o ferimento logo abaixo do ombro. Tremi ao pensar que aquela marca poderia desfigurar-lhe o corpo.

Quando a visitara, pela manhã, o médico garantira como se adivinhasse os temores de Lina:

_ Estou muito orgulhoso por ter uma paciente tão boa, *Madame*. Daqui a um ano, a senhora nem se lembrará do que lhe aconteceu.

_ Mas... certamente vai ficar uma cicatriz... horrível – insinuou Lina.

O médico sorriu.

_ Não posso prometer que não fique uma cicatriz, mas não passará de uma linha branca em seu braço. Além do mais, ficará oculta pela manga, mesmo que a senhora esteja usando um vestido de noite.

_ Tem... certeza?

_ Garanto-lhe que estou dizendo a verdade. A senhora é um exemplo da minha habilidade e estou muito orgulhoso.

_ Muito obrigada, *Monsieur*. Tive medo de ficar marcada para o resto da vida!

_ Continuará sendo tão bonita como antes – respondeu o médico.

Antes de sair, beijou a mão de Lina e disse:

_ *Merci, Madame*, por ser uma paciente exemplar e a criatura mais linda que já tratei!

O elogio fez Lina corar. Depois que o médico saiu, ela ficou imaginando se o duque acharia a mesma coisa dela.

Pela primeira vez, refletiu, com um choque, que Kitty, antes de partir para a Inglaterra, devia ter contado ao duque quem era Lina.

Por mais doente que ela estivesse, as três amigas não deixariam de vingar-se do duque contando-lhe o que tinham planejado tão cuidadosamente.

A freira retornou ao quarto, trazendo uma carta que colocou sobre a cama, ao lado da doente.

_ Pediram que lhe entregasse esta carta, *Madame*, quando se sentisse melhor. Como o médico está muito satisfeito com o seu estado de saúde, creio que a senhora terá prazer em lê-la.

O coração de Lina teve um sobressalto: imaginou logo que viesse da única pessoa de quem desejava ter notícias!

Nisto, notou a letra e sobressaltou-se. Finalmente, descobriria o que fora feito de Kitty e das amigas.

_ Quer fazer o favor... de abrir? – pediu à freira, com voz tremula.

A irmã rasgou o envelope e tirou um papel que entregou a Lina. Ela viu que era o cheque que lady Birchington lhe prometera, se representasse bem o papel que lhe havia sido dado.

A freira, vendo a alta quantia do cheque, apressou-se em desfazer-se dele. Parecia estranhar o fato de Lina não comentar absolutamente nada.

_ Vou guardá-lo na gaveta da penteadeira, *Madame*.

Fez o que prometera e depois apanhou uma bandeja com copos usados e saiu do quarto.

Lina reclinou-se sobre os travesseiros, refletindo.

Por mais difícil que fosse encarar a realidade, não podia furtar-se a isso.

Kitty lhe mandara o cheque, o que significava que a associação de Lina com as “três beldades” estava terminada e que, quando ela voltasse para Londres, teria que procurar um novo emprego.

Se descontasse o cheque, poderia viver muito tempo sem trabalhar. Por outro lado, todos os seus instintos a aconselhavam a rasgá-lo.

De uma coisa tinha certeza: embora o duque provavelmente estivesse grato a Lina por ter-lhe salvo a vida, não iria querer ficar envolvido com ela, no futuro.

Lina corou, constrangida, ao pensar no triunfo de Kitty, quando dissera ao duque com que facilidade ele fora ludibriado; quando mostrou a ele o quanto havia sido tolo ao dispensar atenções à filha de um fazendeiro que ela e suas amigas embonecaram para enganá-lo.

Imaginou a satisfação de Kitty com sua vingança. E Daisy e Evie certamente tinham estado presentes, esperando que o duque ficasse não apenas humilhado, mas sofrendo angustiadamente.

_ Eu não devia ter permitido que isto acontecesse – disse Lina a si mesma. – Por que não lhe contei a verdade sobre o plano e sobre quem realmente sou?

No entanto, qualquer revelação que ela tivesse feito a Fabian teria estragado o amor deles.

Compreendeu que, sem querer, ela destruía uma coisa tão perfeita e, ao mesmo tempo, tão frágil como as orquídeas que o duque lhe mandara.

_ Eu nunca devia ter vindo a Paris! – murmurou.

Acontecesse o que acontecesse, nunca se arrependeria por ter conhecido o homem mais maravilhoso do mundo e de ter sabido, embora por um breve espaço de tempo, que Fabian a amava como ela o amava.

Doía-lhe a suspeita de que agora ela a via como uma mentirosa, uma mulher que o iludira, fingindo ser casada. Uma mulher de quem, em seu idealismo, Fabian estivera disposto a afastar-se para sempre, porque acreditava que era “essencialmente pura e inocente”.

Ele não lhe mandara nem mesmo um bilhete e tampouco procurara vê-la.

Enviara flores, sim, mas estas não passavam da expressão de sua gratidão por Lina, tê-lo salvo do tiro de uma mulher louca.

Por que se permitira um envolvimento com um homem que só podia desprezá-la?

Não o culpava de nada. Afinal, ela o colocara na embaraçosa situação de não saber como responder às zombarias de mulheres que tinham querido vingar-se dele.

Sozinha no quarto, Lina sofreu as torturas do inferno. Desejou morrer, ou fugir para um lugar onde ninguém a encontrasse.

Por um momento, pensou se haveria um meio de sair sorrateiramente da casa e desaparecer. Depois, considerou que seria impossível, mesmo que as pernas tivessem forças para sustentá-la.

_ O que posso fazer? O que posso fazer? – perguntou a si mesma.

Quando desejou chorar de desespero, achou que talvez não fosse necessário fazer coisa alguma.

Depois do que acontecera, o duque certamente não queria encontrá-la. Assim sendo, cuidaria dos arranjos para que ela voltasse para a Inglaterra. E ele nunca mais se veriam!

Fabian não iria pensar nela, como havia dito, nem sonhar com ela e nem guardá-la para sempre no coração.

Uma dor maior do que essa Lina jamais sentira! Saber que o decepcionara. Seus olhos se encheram de lágrimas, que acabaram rolando-lhe pelas faces.

Ouviu a porta se abrir. Pensando que fosse uma das freiras, Lina procurou o lenço sob o travesseiro, mas não o encontrou.

Fechou os olhos, com esperança de que a religiosa não notasse que estava chorando. Nisto, ouviu uma voz grave:

_ Por que está chorando, Lina?

Ela teve a impressão de que seu coração disparava.

Abriu os olhos. Aquela presença forte dominava o quarto e parecia irradiar uma luz que quase a cegou.

O duque fitou-a por um momento. Depois, tirou um lenço do bolso do paletó e, delicadamente, enxugou-lhe as lágrimas.

Ela deixou escapar um gemido, ao sentir que ele a tocava. Queria dizer alguma coisa, mas as palavras não lhe chegavam aos lábios.

Fabian sentou-se na cama, de frente para ela. Fitou-a por um longo momento e, depois, disse;

_ Até agora, não tive licença para vir visitá-la. Mas hoje o médico me falou que está muito contente com você, de modo que eu não esperava vê-la chorando, Lina.

_ Sinto... muito.

_ Eu é que devia dizer isto, não você – declarou o duque. – Está com dor?

_ Não, não! Meu braço está muito melhor.

_ Foi o que me disseram. E, se você sofreu, garanto-lhe que sofri muito mais, por saber que foi por minha culpa que ficou ferida.

Foi difícil para Lina ouvir o que ele dizia. Sentia apenas que era maravilhoso Fabian estar ali, a seu lado, e saber que ele não havia partido.

“ Preciso lembrar de tudo o que ele está dizendo! Talvez ele de adeus, daqui a um momento, mas pelo menos tornei a vê-lo”, pensou, atordoada.

Tina esquecido o quanto o duque era atraente, diferente de todos os homens que ela conhecera. E, agora, o olhar de Fabian fazia com que ela experimentasse estranhas sensações.

Era difícil expressar-se por palavras, mas Lina sabia que o amava tão apaixonadamente que teria que fazer um esforço para não lhe dizer isto. Em todo o caso, provavelmente ele não queria ouvir...

O duque ainda a fitava. Lina imaginou que sua própria aparência devia estar muito diferente.

A freira tinha repartido os cabelos dela ao meio. Puxando-os para os lados do rosto e prendendo-os com dois laços de fita azul.

Lina sentia que, embora estivesse bem-arrumada e limpa, tinha uma aparência absurdamente infantil.

O duque fitava-a com ar penetrante. Lina estava encabulada, de olhos baixos, as longas pestanas tocando de leve as faces pálidas.

_ Como é que você pôde ser tão corajosa, tão valente, salvando minha vida com o risco da sua?

_ Não... pensei em nada... Só desejava salvá-lo.

_ Por que?

A resposta era óbvia, mas Lina achou que nada devia dizer.

_ Você salvou minha vida porque me ama. E agora, minha querida, sei que nada me impede de falar-lhe do meu amor e de perguntar-lhe quando é que pode se casar comigo, desde que seja o mais depressa possível.

Lina fitou-o, atônita, achando que não ouvira direito.

_ Está me pedindo em... casamento?

O duque sorriu.

_ Creio que nunca acreditei muito naquele marido idoso, que não se interessava por você e passava o tempo pescando. Nenhum homem, a não ser que fosse cego e imbecil, teria permitido que você viesse a Paris sem companhia dele para protegê-la de homens como eu!

Havia uma nota divertida na voz dele. Fabian estava tão feliz que dava a impressão de ser muito mais moço do que parecera antes.

_ O que mais Kitty lhe... contou?

_ É importante?

_ Quero... saber.

_ Contou-me que ela, Daisy e Evie planejaram um ato de vingança contra mim. Acharam que, como você é muito bonita, eu a acharia irresistível... o que é verdade!

Lina respirou fundo.

_ Elas queriam... humilhá-lo...

_ Tornaram isto muito claro – declarou o duque ainda em tom divertido. – Sempre me orgulhei de poder saber instintivamente o que uma pessoa é, sem recorrer a nenhum arquivo. E elas ficaram encantadas por ver que, dessa vez, me enganei.

Lina soltou uma exclamação abafada. Depois, num esforço demasiado perguntou-lhe:

_ Mesmo sabendo que eu aceitei dinheiro para... enganá-lo... ainda quer que eu seja sua mulher?

_ O que mais espera que eu faça?

Ao perceber que Lina se contraía, ocorreu-lhe que ela tentava se convencer de que o pedido de casamento se devia simplesmente à gratidão.

Sorriu e isto o tornou ainda mais atraente.

_ Você não é tola, a ponto de acreditar no que está pensando! Se o que sinto por você, querida, não passasse de gratidão, eu poderia dar-lhe um cheque com uma quantia elevada, porque dou muito valor à minha vida, e mandá-la de volta à Inglaterra.

Fez uma pausa e continuou:

_ Mas você sabe o que sentimos um pelo outro. Não estou interessado no lugar onde você nasceu e nem em quem são seus pais.

Lina susteve a respiração.

Não precisava recordar a conversa que tivera com a avó de Fabian, para saber o que a família esperava dele, e nem, tampouco, o que qualquer francês da posição dele desejaria da família da mulher com quem se casasse.

Mesmo achando, depois do que Kitty lhe contara, que Lina era filha de um fazendeiro, uma jovem humilde, disposta a aceitar um emprego de criada particular, o duque a pedira em casamento!

Lina estendeu a mão, para tocá-lo e se certificar de que ele era real.

_ Não posso acreditar... Acho que estou sonhando... ou ainda inconsciente.

_ Vou provar que está acordada – prometeu o duque. – Mas, minha lindeza, precisamos esperar até você ficar boa, para que eu a faça minha. Graças a Deus, estamos juntos e não há mais barreiras entre nós.

Antes que Lina respondesse, tocou-lhe os lábios com a ponta dos dedos.

_ Quando eu disse que você era pura e inocente, não me enganava. E quando a beijei, soube que você nunca tinha sido beijada antes.

_ Não é verdade? Não fui o primeiro homem a beijá-la, Lina ?

_ sim... foi! Mas há uma coisa que preciso dizer-lhe.

_ Há muitas coisas para contarmos um ao outro. Mas, minha querida, prometi às freiras que ficaria apenas alguns minutos, para não cansá-la, e já quebrei minha promessa. Vou embora, mas voltarei no fim da tarde.

_ Não, não! Por favor! – pediu Lina.

Mas foi inútil. O duque inclinou-se e beijou-a nos lábios.

Foi um beijo suave, como se fosse dado a uma criança, mas para Lina foi maravilhoso. De novo teve a impressão de que Fabian a levava para um céu especial que pertencia somente a eles.

Depois, o duque endireitou-se, beijou-lhe a mão e, antes que ela dissesse qualquer coisa, saiu do quarto.

Lina reclinou-se nos travesseiros, custando a acreditar no que acontecera. Ela devia estar sonhando. O duque não podia tê-la pedido em casamento depois de saber de sua verdadeira história.

Assim como o amor dela fora grande o bastante para arriscar a vida por ele, o amor de Fabian era suficientemente grande para ele querer se casar com Lina, contra todos os padrões de sua família.

_ Eu o amo! Eu o amo! – murmurou Lina. – Oh, Deus, como poderei Vos agradecer pela felicidade de tê-lo conhecido?

Depois do almoço, Lina dormiu durante duas horas, sonhando que o duque a beijava e a abraçava.

Quando acordou, a freira mais jovem colocou em seus ombros um xale de gaze e rendas, para esconder a atadura.

_ De quem é isto? – perguntou Lina. – Não é meu.

_ *Monsieur*, o duque, mandou-me entregar o xale para a senhora – explicou a freira. – Creio que pensou que a senhora não queria que se vissem as ataduras.

Lina sorriu. Não podia acreditar que houvesse um homem tão compreensivo e tão cheio de sensibilidade.

_ A senhora parece uma das santas, ou talvez um dos anjos da nossa capela – observou a feira, com admiração.

_ Obrigada.

As venezianas estavam erguidas para que entrasse o sol. Reclinada contra os travesseiros bordados com o monograma do duque, Lina se sentiu como que envolta numa nuvem de amor.

Achando que isto agradaria a Fabian, pediu à freira que lhe entregasse a bela estrela de brilhantes que o duque lhe dera e que ela sabia que tinha vindo com sua bagagem, da casa da condessa.

_ Algumas jóias vieram com suas roupas, *Madame* – disse a freira. – Guardei-as numa gaveta da penteadeira, onde ficarão seguras.

Lina pensara que fossem as jóias de suas mãe, que ela trouxera para Paris, mas depois, lembrando-se da estrela de brilhantes que Fabian lhe enviara na noite do baile, mandou buscá-la.

A freira prendeu-a no alto do xale. À tarde, quando o duque entrou no quarto, Lina percebeu que ele notara o uso da jóia com satisfação.

_ Então, a minha estrela não está mais fora de meu alcance?

Os dedos de Lina estremeceram.

_ Não... A não ser que você não a queira.

_ Desejo tocá-la e prendê-la para sempre.

Fitou Lina longamente e acrescentou:

_ Quando a vi hoje de manhã, achei que não podia haver criatura mais linda. Cada vez que a olho, acho que está ainda mais bonita. O que você fez comigo, Lina, para que me sinta assim?

_ Assim... como?

Fitou-o de olhos bem abertos, sentindo que seu amor transparecia. Tinha certeza de que o duque sabia o quanto era amado.

Fabian acomodou-se na beira da cama, como fizera de manhã, e beijou os dedos de Lina, um a uma, e depois a palma da mão...

Ela vibrou com isto. Rindo, Fabian beijou-a de leve nos lábios. Lina se sentiu muito perto dele. Existia uma comunhão tão grande entre os dois, que não havia necessidade de palavras, nem de explicações.

Eram uma só pessoa, e nem mesmo o Sacramento do Matrimônio poderia uni-los mais.

_ Amo... você! – murmurou Lina.

_ E eu a amo, Lina querida. Desde que a vi, hoje de manhã, fiquei agradecendo a Deus por ter permitido que a encontrasse.

_ Foi o que também fiz...

_ Mas, naturalmente, eu já desconfiava disto – disse o duque sorrindo.
Reclinou-se na cadeira, ainda segurando com força a mão de Lina.

_ O que quero dizer, minha querida, embora seja difícil explicar, é que instintivamente sempre andei à sua procura. E toda vez me decepcionava, até o dia em que finalmente a encontrei.

Lina sabia que ele se referia às outras mulheres com quem fizera amor e das quais se cansara, abandonando-as, como acontecera com cada uma das “três beldades”.

_ Por favor... Não precisa explicar.

_ Sei disto – replicou o duque – Mas como existem pessoas dispostas a feri-la, falando de minha reputação e talvez insinuando que já estive apaixonado, quero que compreenda que o que sinto por você é diferente.

_ Compreendo...

_ Foi uma longa peregrinação que, às vezes, pensei que nunca terminasse. Agora acabou! Encontrei o Shangri-lá que todos os homens procuram e fui abençoado com o seu amor, minha querida Lina, embora eu não a mereça.

Lina soltou uma exclamação de felicidade.

_ Como é que pode falar coisas... tão maravilhosas?

_ Quero dizê-las durante toda a vida – declarou o duque.

_ Tenho uma coisa para lhe contar... que é muito importante.

_ Estou esperando para ouvi-la, mas antes quero dar-lhe um beijo, minha adorada.

Lina soltou sua mão e colocou-a no peito de Fabian, para mantê-lo afastado. Disse:

_ Hoje de manhã, você me beijou até eu não poder pensar em nada, a não ser em nosso amor. Por favor... agora escute.

_ Não posso pensar em nada mais importante, nem mais interessante do que beijá-la. Mas, se é o que deseja, ouvirei o que tem para me dizer. Mas ande depressa, querida, porque é um sofrimento ficar aqui, vendo-a tão linda e sem poder beijá-la muitas vezes. Diante de uma amor como o nosso, as palavras são supérfluas.

_ Não as que tenho para dizer – insistiu Lina.

_ Estou ouvindo.

Fabian olhava para os lábios dela. Sentindo-se tremendamente excitada por vê-lo tão perto, Lina teve dificuldade em concentrar-se. Finalmente conseguiu falar.

_ Creio que, quando Kitty lhe contou que eu tinha procurado emprego de criada de quarto, também lhe disse que eu acabara de chegar do campo e nunca trabalhara nesse tipo de emprego.

Houve uma pausa. Lina imaginou que, por estar pensando nela, o duque teria dificuldades para recordar-se do que Kitty lhe dissera.

_ Sim, ela me falou a respeito, Lina embora eu não esteja particularmente interessado no seu passado.

_ Ela disse qual o meu nome verdadeiro, antes de inventar um para mim?

_ Espere um pouco... – respondeu o duque, quase como se estivesse fazendo a vontade de uma criança. – Sim, creio que o seu nome era Cromer. Aliás, achei-o um tanto monótono para uma pessoa tão bela. Ficarei contente quando você o mudar para o meu.

_ Cromer era o sobrenome de uma de minhas governantas – explicou Lina. – Meu verdadeiro nome é Lina Cressington-Combe.

_ Cressington-Combe? – repetiu o duque. – Já ouvi este nome antes. A bem da verdade, é uma estranha coincidência, mas, quando estive em Oxford, na parede oposta ao lugar onde eu me sentava, havia um retrato com a inscrição: “George Frederick Cressington-Combe, 4º Conde de Wallingham”. Era seu parente?

_ Meu... avô!

_ Não compreendo.

_ Meu pai é o conde atual. E eu... eu fugi de casa.

_ Por que!?

_ Porque meu pai queria me casar com um homem horrível, idoso, cujo único interesse por mim era saber que, se eu fosse sua esposa, ele seria aceito... socialmente, no condado.

_ Graças a Deus, você fugiu! – exclamou Fabian. – por outro lado, querida, como é que pôde correr o risco de ir sozinha para Londres e ainda se dispor a trabalhar como criada?

_ Primeiro, procurei emprego de governanta. Desse modo conseguiria dinheiro suficiente para sobreviver, e também seria uma forma inteligente de me esconder. Quando fui à agência de empregos, fiquei sabendo que lady Birchington precisava de uma criada particular que falasse francês.

_ Mal posso acreditar!

_ Tenho vergonha de ter sido tão... dissimulada. Mas, quando me ofereceram tanto dinheiro... duzentas libras, compreendi que seria tolice recusar. Fiquei também tentada, porque sempre tive vontade de... conhecer Paris.

_ Compreendo. Mas, felizmente, minha estela bonita e preciosa, você nunca mais se arriscará tanto, nem se verá nessa posição desagradável.

Ele falou muito a sério. De repente, riu.

_ Então, a vingança de Kitty afinal de contas não teve sentido. Obviamente, você é tudo o que pensei que fosse, e ainda mais!

_ Foi errado eu representar... aquele papel. – Lina baixou os olhos com ar infeliz. – Tenho vergonha de ter participado da encenação.

_ Não é necessário. O que importa, minha querida, é que nos encontramos. E, embora eu fosse me casar com você, mesmo que fosse filha de um varredor de rua, minha família certamente ficará contente por saber que seu pai é um aristocrata inglês.

_ Creio que... infelizmente... sua avó achava que não sou suficientemente boa para você – disse Lina, hesitante.

Fabian riu de novo.

_ Minha *grand'mère*, que, por falar nisto, está hospedada aqui para que as convenções sejam respeitadas, está tão ter salvado a minha vida, que não apenas lhe agradecerá pessoalmente, Lina, como a receberá de braços abertos.

_ Devo perguntar... o que aconteceu coma condessa...

Lina mal pôde pronunciar estas palavras, porque de novo ouviu a voz louca de Yvonne e sentiu o horror que a dominara ao ver o revólver apontando para o peito do duque.

_ Eu me culpo por você ter passado por tudo aquilo. – Fabian fez uma pausa, antes de prosseguir, em voz baixa: - Ela sempre foi um pouco instável mentalmente. Para dizer a verdade, quando o marido dela morreu, um ano após terem se casado, a família não se esforçou para lhe arranjar outro casamento, porque ela não era totalmente normal.

Fitou-a com intensidade, como para perceber o efeito de suas palavras. Lia encarou-a em silencio.

_ À medida que o tempo passava, ela pareceu ficar um poço melhor, exceto no que me dizia respeito. Era obcecada pela idéia de se casar comigo, o que, naturalmente, eu jamais levaria em consideração. Nunca, minha querida, dei a ela a menor atenção. E isto é a pura verdade.

O duque examinou-lhe a expressão, como se quisesse ter certeza de que Lina acreditava nele. Ao notar que ela assentia com a cabeça, acrescentou:

_ Mas eu sabia, embora a família o ignorasse, que Yvonne piorava dia após dia. Cada vez mais estava determinada a fazer com que eu me casasse com ela. Quando estávamos a sós, se tornava violenta e às vezes até histérica.

_ Deve ter sido horrível para você – murmurou Lina.

_ Eu sabia que era preciso fazer alguma coisa a respeito – declarou o duque. – Depois, quando ela demonstrou interesse pelo baile que eu estava organizando, achei que talvez isto a ajudasse. Concordei em que desse, antes, um grande jantar, como outras pessoas da família iam dar.

_ Mas foi você quem providenciou para que Kitty se hospedasse com ela? – perguntou Lina, lembrando-se das acusações de Yvonne contra lady Birchington.

_ Não! Esse erro pertence a minha avó – explicou Fabian. – Ela não sabia o que estava acontecendo com Yvonne e fez os arranjos, enquanto eu viajava. Quando voltei, o convite já tinha sido enviado para Londres.

_ Então... você achou melhor deixar tudo como estava...

_ Foi tolice de minha parte – confessou o duque. – Mas eu estava querendo evitar uma cena.

Suspirou, retomando a mão dela entre as suas.

_ Talvez os pecados da omissão sejam os que acarretam punições mais severas. E desta vez, por eu ter sido tolo, quase a perdi, Lina.

Havia na voz dele uma nota que indicava o quanto isto o afligia. No entanto, para Lina, essas águas passadas não tinham mais importância. Agora só a interessava o futuro e tudo o que o destino lhe prometia.

_ Tem certeza de que quer se casar... comigo?

_ Absoluta. Pretendo me casar com você e nada me impedirá de fazê-lo!

_ Nosso casamento será a coisa mais maravilhosa de... minha vida.

_ E eu vou levar a vida inteira tentando explicar-lhe, querida, como sou feliz e o quanto a adoro.

Aproximou-se um pouco mais de Lina, com um risinho no canto dos lábios.

_ Agora, posso beijar lady Lina Cressington-Combe?

Lina deu uma risadinha.

_ Não, isso não é verdade – continuou o duque. – Vou beijar a estrela que estava fora do meu alcance. Uma estrela que pensei ser inatingível e que devia ficar brilhando ao longe, no céu, porque era perfeita e eu não queria estragá-la.

_ Agora não estou mais no céu e sim aqui... com você.

Havia na voz de Lina uma nota apaixonada que não passou despercebida a Fabian.

_ Ele abraçou-a ternamente, com delicadeza, para não lhe machucar o ombro. Mas os lábios que buscaram os dela eram apaixonados e exigentes.

Lina soube que era este o fogo do amor do qual Fabian falara.

Seu corpo inteiro vibrava e ela retribuía os beijos com igual paixão. Sim! O amor só podia ser como ele descrevera: onipotente, avassalador e irresistível. Uma luz celestial, que os envolvia e os transportava para um céu particular, somente deles, por toda a eternidade.
